

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA, INTERAÇÃO SOCIAL E SAÚDE**



SOLIDARIEDADE INTERGERACIONAL FAMILIAR APÓS A RECOABITAÇÃO

UBIRACELMA CARNEIRO DA CUNHA

RECIFE/2022

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA, INTERAÇÃO SOCIAL E SAÚDE



SOLIDARIEDADE INTERGERACIONAL FAMILIAR APÓS A RECOABITAÇÃO

Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como parte da obtenção do título de doutora na Linha de Pesquisa Família, Interação Social e Saúde.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Maria de Souza Brito Dias.

RECIFE/2022

C972s

Cunha, Uiracelma Carneiro da
Solidariedade intergeracional familiar após a
Recoabitação / Uiracelma Carneiro da Cunha, 2022.
136 f. : il.

Orientadora: Cristina Maria de Souza Brito Dias
Tese (Doutorado) – Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia
Clínica. Doutorado em Psicologia Clínica, 2022.

1. Idosos – Relações com a família. 2. Família -
Aspectos psicológicos. 3. Relações entre gerações.
4. Avós e netos. 5. Gerontologia – Aspectos psicológicos.
I. Título.

CDU 159.9 : 301.185

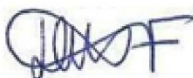
Luciana Vidal - CRB-4/1338

UBIRACELMA CARNEIRO DA CUNHA

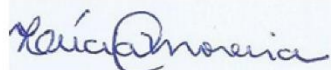
**SOLIDARIEDADE INTERGERACIONAL FAMILIAR APÓS A
RECOABITAÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Psicologia Clínica.

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Deusivania Vieira da Silva Falcão
Universidade de São Paulo (USP)



Profª Drª Lúcia Vaz de Campos Moreira
Universidade Católica de Petrópolis (UCP)



Profª Drª Isabel Cristina Gomes
Universidade de São Paulo (USP)



Profª Drª Marisa Amorim Sampaio
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)



Profª Drª Cristina Maria de Souza Brito Dias
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Recife, 13 de abril de 2022

Omnia mea mecum porto

DEDICATÓRIA

Ao meu eterno Papito

AGRADECIMENTOS

É certo que a gratidão me acompanhou do início ao fim dessa caminhada. Serei eternamente grata aos meus pais, Ubirajara e Selma, minhas fortalezas, minhas referências, minhas fontes de amor e coragem. No meio dessa caminhada sofri a pior ausência que pude sentir até hoje e, desde então, a saudade me faz companhia, mas por todo o seu legado, meu pai, prossegui e vou sempre carregar comigo todo amor e conhecimento que me passaste.

Agradeço as minhas irmãs, Talyta e Gabrielle, pelo apoio e companhia de sempre, cada uma com seu jeitinho que tanto me ensinam ao longo dos anos.

Aos meus sobrinhos, Letícia e Samuel, que me trazem alegria e sentimentos de aconchego.

À minha amiga e companheira de jornada, Thaís, que desde o mestrado estamos juntas, transformando as pedras em piadas e sendo o ponto de apoio uma da outra não importando a distância. Seremos sempre dois passarinhos ousados nesse mundo.

À minha amiga ariana arretada, Claudinelly, por ser sempre meu apoio, minha co-orientadora dos bastidores e fonte de suporte afetivo por todos esses anos. Estamos juntas minha neném!

Ao meu amor, Felipe, uma pessoa muito especial que apareceu na minha vida, que me enche de amor e cuidado.

Aos meus amigos e amigas, Viviane, Luísa, Ricardo, Diana, Agna, Arthur, Tarcísio e Rodrigo, que de uma forma ou de outra, sempre se fazem presentes nos meus sorrisos, nas minhas lembranças e nos meus encontros de afeto.

À minha querida orientadora, Profa. Cristina Brito, por desde o mestrado estar junto comigo me ensinando muito, me possibilitando oportunidades e dando apoio. Minha gratidão é imensa.

Às famílias participantes que me receberam e acolheram em seus lares e compartilharam comigo suas histórias de vida. Serei sempre muito grata por ter tido esse privilégio de ouvir as vozes de vocês.

Às professoras da minha banca examinadora Deusivania Falcão, Isabel Gomes, Lúcia Moreira e Marisa Sampaio, pelas contribuições e conhecimentos compartilhados. Assim como as professoras Isolda Belo da Fonte e Carmem Barreto que estiveram presentes nas minhas qualificações ao longo do tempo.

À FACEPE, pelo incentivo em mim depositado através do financiamento da bolsa de estudos.

RESUMO

CUNHA, Ubiracelma Carneiro da. **Solidariedade intergeracional familiar após a recoabitação**. 135 f. 2022. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife/PE, 2022.

Houve um aumento na proporção de lares multigeracionais devido à recoabitação, nos quais muitos idosos são chefes de família e recebem de volta seus filhos, netos e até bisnetos. Desta forma, ocorrem mudanças na dinâmica relacional dos membros da família, influenciando os aspectos que permeiam a solidariedade intergeracional familiar. Esta tese teve como objetivo geral compreender a solidariedade intergeracional familiar nos lares multigeracionais, após a recoabitação. Especificamente almejou-se: caracterizar os sentimentos e avaliações expressos pelas gerações no que diz respeito aos seus relacionamentos; identificar a proximidade, frequência e características das interações entre as gerações; identificar fatores de conflitos e as estratégias utilizadas para lidar com eles; analisar a percepção das gerações acerca do apoio fornecido e recebido entre elas; averiguar as expectativas de obrigações filiais e parentais relacionadas aos papéis familiares. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa da qual participaram três famílias multigeracionais, decorrentes da recoabitação por parte dos filhos(as) e netos(as). Foi entrevistado um membro de cada geração, totalizando nove participantes. Eles responderam a um questionário sociodemográfico e a uma entrevista semiestruturada, bem como, no decorrer da entrevista, foram realizados outros instrumentos: Lista de sentimentos, Modelo de Escolta de Apoio Social e o Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF). As informações obtidas por meio desses instrumentos foram analisadas segundo a técnica de análise de conteúdo temática. Os resultados apontaram que: (1) As gerações expressaram sentimentos positivos, negativos e ambivalentes ao longo das experiências compartilhadas no tempo de convívio familiar multigeracional; (2) Todos os participantes inseriram na sua rede de apoio social os familiares com quem residem nos lares multigeracionais. Entretanto, houve diferenças na percepção da proximidade e das trocas de suporte social; (3) Foi percebido que a coresidência deixa os relacionamentos entre gerações mais predispostos a tensões e conflitos; (4) Nas relações entre as gerações, coexistiam a presença de conflitos e situações que envolviam solidariedade, confirmando a afirmação de que não há uma relação de exclusão entre solidariedade e conflito; (5) A primeira e a segunda gerações apontaram o “cuidado familiar” como aspecto central no cenário do suporte que elas compartilham; (6) Foram evidenciadas a presença de normas relacionadas às lealdades familiares, as quais alimentam as expectativas de obrigações filiais e parentais sob o exercício dos papéis de cuidado nestes arranjos familiares; (7) Todos os entrevistados identificaram a presença de um ou mais membros da família que se sente(m) sobrecarregado(s) com o exercício de algum papel. Desse modo, os resultados evidenciam a necessidade de se cultivar laços de afetividade que deem suporte para a solução de conflitos e momentos de transição e crise nesse tipo de arranjo familiar. Considera-se que esta tese contribuiu para orientar práticas e intervenções na área da saúde, especialmente na Psicologia Clínica e Psicogerontologia, direcionadas às famílias e às gerações.

PALAVRAS-CHAVE: Idosos. Família. Relação entre gerações. Solidariedade intergeracional. Recoabitação. Psicogerontologia.

ABSTRACT

There has been an increase in multigenerational households due to re-cohabitation. Many older adults are heads of households and welcome back their children, grandchildren and even great-grandchildren. In this way, changes occur in the relational dynamics of family members, influencing the aspects that permeate intergenerational family solidarity. This thesis aimed to understand the intergenerational family solidarity in multigenerational homes after cohabitation. Specifically, the aim was: to characterise the feelings and evaluations expressed by the generations regarding their relationships; identify the proximity, frequency, and characteristics of interactions between generations; identify conflict factors and strategies used to deal with them; to analyse the perception of generations about the support provided and received between them; point out the expectations of filial and parental obligations related to family roles. This qualitative research in which three multigenerational families participated resulted from a re-cohabitation by their children and grandchildren. One member of each generation was interviewed, totalling nine participants. They answered a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview, as well as, during the interview, other instruments were carried out: List of feelings, Social Support Escort Model, and the Perception of Family Support Inventory (IPSF). The information obtained through these instruments was analysed using the thematic content analysis technique. The results showed that: (1) The generations expressed positive, negative, and ambivalent feelings throughout the experiences shared in the time of multigenerational family life; (2) All participants included family members with whom they live in multigenerational homes in their social support network. However, there were differences in the perception of proximity and exchanges of social support; (3) Co-residence was found to make intergenerational relationships more prone to tension and conflict; (4) In the relationships between generations, the presence of conflicts and situations that involved solidarity coexisted, confirming the statement that there is no relationship of exclusion between solidarity and conflict; (5) The first and second generations pointed to “family care” as a central aspect in the support scenario they share; (6) The presence of norms related to family loyalties were evidenced, which feed the expectations of filial and parental obligations under the exercise of care roles in these family arrangements; (7) All interviewees identified the presence of one or more family members who feel overloaded with the practice of some roles. Thus, the results show the need to cultivate bonds of affection that support the solution of conflicts and moments of transition and crisis in this type of family arrangement. It is considered that this thesis contributed to guide practices and interventions in the health area, especially in Clinical Psychology and Psychogerontology, aimed at families and generations.

KEYWORDS: Older adults. Family. Relationship between generations. Intergenerational solidarity. Re-cohabitation. Psychogerontology.

RESUMEN

Se ha incrementado la proporción de hogares multigeneracionales debido a la re-cohabitación, en los que muchas personas mayores son la cabeza de familia y acogen de nuevo a sus hijos, nietos e incluso bisnietos. De esta forma, se producen cambios en la dinámica relacional de los miembros de la familia, incidiendo en los aspectos que permean la solidaridad familiar intergeneracional. Esta tesis tuvo como objetivo comprender la solidaridad familiar intergeneracional en hogares multigeneracionales, después de la re-cohabitación. Específicamente: caracterizar los sentimientos y valoraciones expresadas por las generaciones con respecto a sus relaciones; identificar la proximidad, frecuencia y características de las interacciones entre generaciones; identificar los factores de conflicto y estrategias utilizadas para enfrentarlos; analizar la percepción de las generaciones sobre el apoyo dado y recibido entre ellas; señalar las expectativas de obligaciones filiales y parentales relacionadas con los roles familiares. Se trata de una investigación cualitativa en la que participaron tres familias multigeneracionales, resultantes de la re-cohabitación de sus hijos y nietos. Se entrevistó a un miembro de cada generación, totalizando nueve participantes. Respondieron un cuestionario socio demográfico y una entrevista semiestructurada, así como, durante la entrevista, se aplicaron otros instrumentos: Lista de sentimientos, Modelo de Acompañamiento de Apoyo Social y el Inventario de Percepción de Apoyo Familiar (IPSF). La información obtenida a través de estos instrumentos fue analizada según la técnica de análisis de contenido temático. Los resultados mostraron que: (1) Las generaciones expresaron sentimientos positivos, negativos y ambivalentes a lo largo de las experiencias compartidas en el tiempo de vida familiar multigeneracional; (2) Todos los participantes incluyeron en su red de apoyo social a familiares con los que conviven en hogares multigeneracionales. Sin embargo, hubo diferencias en la percepción de proximidad e intercambios de apoyo social; (3) Se encontró que la co-residencia hace que las relaciones intergeneracionales sean más propensas a la tensión y el conflicto; (4) En las relaciones entre generaciones coexistieron la presencia de conflictos y situaciones que involucraron solidaridad, confirmando la afirmación de que no existe una relación de exclusión entre solidaridad y conflicto; (5) La primera y segunda generación señalaron el “cuidado familiar” como un aspecto central en el escenario de apoyo que comparten; (6) Se evidenció la presencia de normas relacionadas con las lealtades familiares, que alimentan las expectativas de obligaciones filiales y parentales bajo el ejercicio de los roles de cuidado en estos arreglos familiares; (7) Todos los entrevistados identificaron la presencia de uno o más familiares que se sienten sobrecargados con el ejercicio de algún rol. Así, los resultados muestran la necesidad de cultivar lazos afectivos que apoyen la solución de conflictos y momentos de transición y crisis en este tipo de arreglo familiar. Se considera que esta tesis contribuyó a orientar prácticas e intervenciones en el área de la salud, especialmente en Psicología Clínica y Psicogerontología, dirigidas a familias y generaciones.

PALABRAS CLAVE: Adulto mayor. Familia. Relación entre generaciones. Solidaridad intergeneracional. Re-cohabitación. Psicogerontología.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dimensões do modelo SIF-

Quadro 2 - Níveis de análise da solidariedade intergeracional.

Quadro 3 - Necessidades do indivíduo e necessidades do sistema multipessoal.

Quadro 4 - Interferências da lealdade familiar.

Quadro 5 - Perguntas do instrumento do modelo de comboio social.

Quadro 6 - Tipos de interações gene-ambiente.

Quadro 7 - Extração dos dados das pesquisas selecionadas.

Quadro 8 - Dimensão afetiva: sentimentos com relação aos relacionamentos entre as gerações.

Quadro 9 - Dimensão consensual: concordância em opiniões e valores entre gerações.

Quadro 10 - Dimensão funcional: suporte e apoio familiar entre as gerações.

Quadro 11 - Dimensão normativa: expectativas de obrigações filiais e parentais.

Quadro 12 - Dimensão conflitiva: motivações de tensões e divergências entre as gerações.

Quadro 13 - Perfil sociodemográfico dos participantes.

Quadro 14 - Seleção de sentimentos da primeira geração.

Quadro 15 - Seleção de sentimentos da segunda geração.

Quadro 16 - Seleção de sentimentos da terceira geração.

Quadro 17 - Membros dos diagramas de escolta da primeira geração.

Quadro 18 - Membros dos diagramas de escolta da segunda geração.

Quadro 19 - Membros dos diagramas de escolta da terceira geração.

Quadro 20 - Necessidade de aproximação com algum membro do lar multigeracional.

Quadro 21 - Estratégias para lidar com os conflitos.

Quadro 22 - Características funcionais do comboio – recebimento e fornecimento de suporte.

Quadro 23 - Descrição dos resultados do IPSF.

Quadro 24 - Percepção do exercício do papel de outras pessoas da família.

Quadro 25 - Percepção de sobrecarga na família

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Lei da reciprocidade.

Figura 2 - Tipos de lealdade.

Figura 3 - Instrumento do modelo de comboio social.

Figura 4 - Visualização transversal da modelo de comboio.

Figura 5 - Fluxograma do processo de exclusão e inclusão das pesquisas selecionadas.

Figura 6 - Diagramas de escolta construídos pelas gerações.

Figura 7 - Nuvem de palavras com as respostas sobre o papel dos avós.

Figura 8 - Nuvem de palavras com as respostas sobre o papel dos pais.

Figura 9 - Nuvem de palavras com as respostas sobre o papel dos filhos.

Figura 10 - Nuvem de palavras com as respostas sobre o papel dos netos.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CNS – Conselho Nacional de Saúde

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

DeCs/MesH - Descritores em Ciências da Saúde/ Medical Subject Headings

ECHP – *European Community Household Panel*

EUA – Estados Unidos da América

EUROSTAT/EVS – Gabinete de Estatísticas da União Europeia /*European Values Study*

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPSF – Inventário de Percepção do Suporte Familiar

IPSF ID – Inventário de Percepção do Suporte Familiar / Idosos

LILACS – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

MEDLINE – *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*

MMFDH – Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos

NUJLSOA – *Nihon University Longitudinal Study of Aging*

PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PRISMA - *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*

SciELO – *Scientific Electronic Library Online*

SIF – Solidariedade Intergeracional Familiar

SIPP/ACS – *Survey of Income and Program Participation/ American Community Survey*

TDICs – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco

SUMÁRIO

Apresentação	14
1 Introdução	16
2 Teorias de base	21
2.1. Modelo de Solidariedade Intergeracional Familiar (SIF) – Bengtson e cols.	22
2.2. Lealdades invisíveis - Teoria Contextual - Boszormenyi-Nagy e Spark	25
2.3. Modelo do Comboio Social - Kahn e Antonucci	31
3 Marco teórico: Revisão sistemática da literatura nacional e internacional	39
3.1. Procedimentos metodológicos	40
3.2. Resultados e discussão	43
3.3. Sintetização da revisão	55
4 Caminho metodológico: percursos e atravessamentos	57
4.1. Contornos da pesquisa	58
4.2. Contexto da pesquisa: pandemia e isolamento social	59
4.3. Participantes	60
4.4. Instrumentos	61
4.4.1 Questionário biosociodemográfico	61
4.4.2 Roteiro de entrevista semiestruturada	61
4.4.3 Lista de sentimentos	61
4.4.4 Diagrama de Escolta de Apoio Social	61
4.4.5 Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF e IPSF-Idoso)	62
4.5. Os encontros com as gerações: procedimentos de coleta de dados	63
4.6. Cuidados éticos e de biossegurança	64
4.7. Procedimentos de análise dos dados	65
5 Análise e discussão: as vozes das gerações	67
5.1. Caracterização das famílias multigeracionais e das gerações	68
5.2. As falas das gerações	72
5.2.1 Sentimentos e avaliações	72
5.2.2 Aproximações e distâncias	78
5.2.3 Conflitos e resoluções	84
5.2.4 Suporte e apoio familiar	91
5.2.5 Legados familiares: papéis e expectativas	98
6 Considerações finais	108
Referências	113

Apêndices	119
Apêndice A - Questionário biosociodemográfico	120
Apêndice B - Roteiro de entrevista	121
Apêndice C - Lista de sentimentos	122
Apêndice D - Modelo de escolha de apoio social	123
Apêndice E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	125
Apêndice F - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE.....	127
Anexos	129
Documento de aprovação do Comitê de Ética.....	130

APRESENTAÇÃO

Além de fatos, pergunto-me o porquê da escolha e persistência na temática dos relacionamentos entre gerações. De que forma me implico nesses lares multigeracionais e, principalmente, nessas vozes envelhecidas. Por que suas narrativas ecoam na minha intimidade de uma forma que me alimenta à vida? Meu fascínio pela escuta das experiências nunca ficou tão claro para mim como agora. Venho me apropriando dos meus sentimentos e sentidos. Sinto imensa admiração pelos que, ao longo dos anos, vêm construindo a sua história com bastante coragem, mesmo sem notar. Fortalece-me saber que essas pessoas existem e venho me implicando na tarefa espiritual de contribuir para que essas vozes ecoem e sigam atravessando tempos e datas. Sou pássaro que vem semeando sementes aqui e acolá, e isso me permite seguir. Encontrar esse lugar não foi algo que planejei, mas ele sempre esteve ali nas entrelinhas. Hoje, ainda engatinhando, consigo ver que eu não poderia ter escolhido algo diferente. É nesse lugar em que me sinto viva, onde minha alma se alimenta e reage às adversidades do mundo.

Não conheci minha avó, pelo menos não pessoalmente, mas em algum momento, no ano de 2017, reli seu livro de poesias e naquele momento senti sua presença falando comigo, me dando conselhos, me falando de suas crenças e me abraçando com suas sábias palavras. Este encontro não teria sido possível se não houvesse aquele registro de sua voz. Conhecer minha avó por meio daquelas palavras me fez sentir na pele o quanto a história familiar ressoa ao longo das gerações e o quão importante é o reconhecimento da sabedoria e legado dos que estão na vida bem antes de nós. Foi como uma peça no meu quebra-cabeça, como um encontro necessário para a continuação da minha caminhada. Percebi que, nesses últimos anos, ao ouvir os diversos tons das velhas vozes que me encontram nessa minha cronologia, sou inspirada por uma onda de sensações e sentimentos de confirmação daquele lugar de atuação e reflexão, em que fui escolhida e acolhida. São nesses instantes de escuta e ligação em que me sinto alimentada e emancipada de meus medos. É como se fizesse todo sentido estar ali e não em outro lugar. No momento em que escuto é como se todos os órgãos do meu corpo assumissem um compromisso de fazer o meu melhor possível para gerar boas mudanças no mundo. A minha sintonia com essas vozes parece ser antiga, parece que passei um tempo esquecida dessa sensação, mas que agora lembrei e retornei à minha jornada. Aprendi e aprendo com os velhos dizeres e me sinto responsável por eles a partir do momento em que me permitem ter o privilégio de ouvi-los. Não tenho como, e nem quero, me separar dessas experiências; elas me constituem e me atravessam; sem elas os meus passos não fariam o menor sentido.

O que peço? Peço coragem a Deus. Coragem e forças para continuar a minha caminhada e seguir meu compromisso com essas velhas vozes familiares. Que eu consiga assumir meu lugar de responsabilidade comigo e com as pessoas que confiam em mim. Que eu consiga definir meus limites pessoais para entender tudo que me cabe e tudo que cabe ao outro. Assumo os riscos desta jornada instigante e dolorosa, e agradeço a todo o bem que ela me faz e a todo bem que eu posso possibilitar ao mundo por meio dela. Sou grata a todas essas vozes que inspiram meu desejo de ser e conhecer.

De todo o meu coração, Ubiracelma Carneiro.

(Texto escrito durante o trajeto de construção da Tese em 30 de junho de 2019).

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional vem gerando mudanças perceptíveis na estrutura e na dinâmica das famílias, como o crescimento de domicílios com três ou mais gerações convivendo na mesma residência, denominados como lares multigeracionais (CAMARANO; EL GHAOURI, 2003; CUNHA; DIAS, 2019; SILVA *et al.*, 2015). Além disso, os indicadores sociais apresentam um aumento de idosos que são as pessoas de referência nessas residências, bem como uma maior participação do rendimento deste grupo etário no orçamento geral da família (IBGE, 2019). Neste cenário, pesquisas vêm mostrando que a família permanece como a principal fonte de suporte em situações de crise, bem como é o meio de transmissão dos aspectos culturais e compartilhamento de afeto e solidariedade entre as gerações (CUNHA; DIAS, 2019; CUNHA; MORAIS; DIAS, 2020; DIAS *et al.*, 2011; LEME *et al.*, 2016; SILVA *et al.*, 2015).

Em vários países, a coresidência não acontece apenas por necessidades dos idosos, mas também pelas demandas da população mais jovem. Assim, a coabitação com a primeira geração consiste em um prolongamento ou o retorno da convivência familiar entre pais idosos e filhos adultos. Esses jovens estão permanecendo mais tempo dependentes financeiramente dos seus pais devido às instabilidades do mercado de trabalho, maior necessidade de aperfeiçoamento profissional, dependência emocional e relações afetivas instáveis (CAMARANO; EL GHAOURI, 2003; IBGE, 2016).

Destaca-se aqui a diferença entre as “famílias com idosos” e “famílias de idosos”. A primeira se refere às famílias em que as pessoas idosas são dependentes de outros familiares que chefiam a residência. Já no segundo tipo, são as pessoas idosas que chefiam o domicílio (CAMARANO; EL GHAOURI, 2003). Neste cenário dos lares multigeracionais, existe o fenômeno da “recoabitação”, pelo qual ocorre um afastamento físico entre as gerações, mas, por algum motivo, voltam a morar juntas. Esse retorno dos filhos à casa dos pais não é algo recente, mas nota-se um aumento deste comportamento, tanto na população de baixo poder aquisitivo quanto na classe média. Em contrapartida, há a “coabitação permanente”, que se refere às famílias onde nunca houve uma separação de residências, ou seja, as gerações sempre conviveram no mesmo lar (ATTIAS-DONFUT, 1995 *apud* PEIXOTO; LUZ, 2007).

No estudo de Cunha (2017), com idosas que chefiam lares multigeracionais, foi possível verificar que esse tipo de arranjo familiar muitas vezes reflete as preferências das pessoas idosas, por estarem mais próximas e acompanhando o dia a dia dos seus filhos e netos. No

entanto, observou-se, em outros casos, que essa situação gerou ansiedade e revolta devido ao aumento das responsabilidades e das atividades domésticas, sendo considerada como uma falta de opção, já que, na perspectiva de algumas idosas, a mãe deve sempre acolher os filhos, ainda mais numa situação de crise.

Em pesquisa realizada com quinze famílias formadas por três gerações convivendo na mesma residência e chefiadas por idosas, Dias *et al.* (2011) identificaram alguns sentimentos experimentados pelas participantes. Os avós apresentaram uma oscilação que ia da alegria até o mal-estar por estarem nessa situação. As filhas e a nora entrevistadas admitiram que essa convivência contribuiu com o acréscimo de valores e cultura. No entanto, também alegaram sentir cansaço e preocupação ao ter que satisfazer às necessidades de cada membro da família. Os relatos das participantes revelaram passar por situações estressoras que geram ansiedade em ambas as gerações.

Em se tratando do conceito de "geração", considera-se aqui que este representa um conjunto de pessoas que vivem em determinada época ou tempo social, possuindo aproximadamente a mesma idade e que compartilham algum tipo de vivência (BRITTO DA MOTTA, 2010). Nos pressupostos básicos de uma teoria de gerações, o texto clássico "O problema das gerações", do sociólogo Karl Mannheim (1993), referiu que os indivíduos de uma mesma geração possuem uma ligação comum na dimensão histórica do processo social influenciando uma forma característica de pensamento, experiência e comportamento. Neste ponto, Mannheim (1993) destacou que um mesmo contexto social interfere de forma distinta na vida das pessoas, mesmo que elas sejam de uma mesma geração.

Dessa forma, pela própria complexidade do ser humano, uma mesma geração pode apresentar atitudes e caminhos sociais diferentes, pois um mesmo tempo consiste em um tempo distinto para cada pessoa. Para Mannheim (1993), o problema das gerações abrange uma renegociação do equilíbrio entre continuidade e inovação com o passar dos anos, por meio da sucessão de uma geração a outra. Com isso, há um desafio recorrente entre as gerações na sociedade: o de buscar garantir a continuidade, ao mesmo tempo em que ocorre um nível de adaptabilidade e criação diante das transformações sociais e do ciclo vital.

Neste contexto, o relacionamento intergeracional pode ser compreendido como os vínculos que são estabelecidos entre dois ou mais indivíduos de gerações diferentes, ocasionando a troca de experiências. No âmbito da convivência intergeracional dentro de uma sociedade cada vez mais longeva, as reflexões e pesquisas que visam compreender a convivência das diferentes gerações e seus tempos, constitui a construção de um conhecimento necessário e importante a ser considerado pelos profissionais de diversas áreas. Com isso, a

análise dos relacionamentos no âmbito dos lares multigeracionais serve para subsidiar a atuação desses profissionais, por meio da promoção de conhecimentos acerca do processo de envelhecimento no contexto familiar intergeracional, bem como possibilita uma nova visão acerca da bidimensionalidade destas relações entre gerações (SILVA *et al.*, 2015).

Na revisão integrativa realizada por Leme *et al.* (2016), foi apontada a importância de se investigar os avós no contexto dos lares multigeracionais, pois, muitas vezes, eles são os personagens centrais nas dinâmicas de trocas e apoio que permeiam as relações familiares na contemporaneidade. As autoras também identificaram uma escassez de estudos sobre a solidariedade intergeracional familiar entre pais idosos e filhos adultos. Isso indica que as pesquisas atuais vêm buscando apresentar as mudanças vivenciadas nas relações intergeracionais referentes às trocas fornecidas entre os membros da família e suas influências no apoio, afeto, consenso e nos conflitos nestes relacionamentos, impactando no desenvolvimento socioafetivo desse tipo de arranjo familiar.

No âmbito das ciências sociais, o termo "solidariedade" é polissêmico. Numa concepção pré-moderna, a solidariedade é compreendida como amor altruísta ao próximo, apresentando relação originária nos conceitos de fraternidade e irmandade (WESTPHAL, 2008). Na base da Sociologia encontra-se o interesse em investigar a natureza dos laços sociais, buscando compreender como eles são criados e mantidos ao longo do tempo. Dessa forma, questões de cordialidade, afeto, atração, interação e assistência/suporte fazem parte da análise desses vínculos entre as pessoas. E são essas as questões que compõem a solidariedade (BENGTSON; OYAMA, 2007).

Diante desse panorama, pode-se perceber que o aumento da longevidade vem trazendo implicações na vida das famílias multigeracionais. Dessa forma, é possível compreender que níveis equilibrados de coesão e flexibilidade levam a um funcionamento familiar mais saudável para todos os membros, principalmente as pessoas idosas (SANTOS; BAZON; CARVALHO, 2017). Além disso, observa-se que a família tanto pode favorecer a saúde quanto pode contribuir com o aparecimento de doenças. Ademais, pessoas que possuem relações de apoio e suporte familiar, com frequência, apresentam melhores condições de saúde (AQUINO; BAPTISTA; SOUZA, 2011).

Dessa forma, observou-se que as relações intergeracionais no âmbito dos lares multigeracionais decorrente da recoabitação dos filhos adultos na casa dos pais idosos, é um fenômeno ainda pouco estudado, principalmente no Brasil. Em vista disso, surgiram alguns questionamentos: Como os membros das famílias multigeracionais se apoiam e se relacionam após a recoabitação dos filhos e netos?; Quais os tipos de ajuda e apoio intergeracional entre os

membros dessa família?; e Quais os fatores que facilitam e dificultam essa convivência? Essas e outras questões suscitaram o interesse pela construção desta tese.

Sendo assim, a partir desses problemas de pesquisa, esta tese teve como objetivo geral compreender a solidariedade intergeracional familiar nos lares multigeracionais, após a recoabitação. Especificamente almejou-se: caracterizar os sentimentos e avaliações expressos pelas gerações no que diz respeito aos seus relacionamentos; identificar a proximidade, frequência e características das interações entre as gerações; identificar fatores de conflitos e as estratégias utilizadas para lidar com eles; analisar a percepção das gerações acerca do apoio familiar fornecido e recebido entre elas; averiguar as expectativas de obrigações filiais e parentais relacionadas aos papéis familiares.

Neste cenário, este estudo se insere no âmbito da Psicogerontologia Clínica, que se refere a uma especialidade da psicologia, reconhecida pela *American Psychological Association* (APA), que se dedica à avaliação e intervenção direcionadas as pessoas idosas sob uma perspectiva global e multidisciplinar, interligando conhecimentos tanto da Psicologia quanto da Gerontologia. Atualmente, no contexto brasileiro, um dos desafios da Psicogerontologia está na realização de ações eficazes que sejam desenvolvidas por profissionais devidamente capacitados, atuando em consonância às demandas específicas do processo do envelhecimento e da fase da velhice.

A presente tese de Doutorado em Psicologia Clínica encontra-se organizada em quatro capítulos. O primeiro apresenta as três teorias de base para esse estudo: o modelo da “Solidariedade Intergeracional Familiar (SIF)”, desenvolvido por Bengtson e colaboradores, o construto teórico sobre as “Lealdades invisíveis”, presente na Terapia Contextual criada por Boszormenyi-Nagy e Spark, e o modelo do “Comboio Social”, de Kahn e Antonucci. São apresentados os conceitos-chave e os pressupostos teóricos elaborados pelos citados autores.

O segundo capítulo apresenta uma revisão sistemática da literatura em bases de dados científicas, cujo objetivo foi sintetizar as pesquisas nacionais e internacionais sobre a solidariedade e os relacionamentos entre as gerações nos lares multigeracionais, nos últimos 10 anos. Foi realizada uma revisão conduzida a partir do formulário internacional PRISMA. A busca foi feita nas bases de dados MEDLINE, LILACS, SciELO e PePSIC, nos idiomas português e inglês. Inicialmente, a análise foi dividida de acordo com o local da pesquisa, o que permitiu um panorama das características culturais desses lares multigeracionais. Posteriormente, foi realizada uma análise dos estudos a partir das dimensões do modelo SIF.

Em seguida, no capítulo três, apresentam-se os objetivos e o caminho metodológico utilizados para nortear a pesquisa, descrevendo o contexto do estudo, os contornos da pesquisa,

participantes, instrumentos, procedimentos de coleta de dados, cuidados éticos e de biossegurança e os procedimentos de análise.

O quarto capítulo apresenta a análise e discussão dos resultados sendo intitulado “As vozes das gerações”. Ele traz, inicialmente, uma caracterização das famílias multigeracionais e das gerações participantes. Posteriormente, são apresentadas a análise dos relatos das gerações a partir das categorias que emergiram consoante os objetivos deste estudo.

Por último, são trazidas as considerações finais, com a síntese da tese e a poesia dos percursos e atravessamentos vivenciados neste estudo para o encontro com os objetivos propostos.

Teorias de Base

Capítulo 2



2 TEORIAS DE BASE

Neste capítulo serão apresentados os conceitos-chave das três teorias de base desta tese, são elas: o modelo da “Solidariedade Intergeracional Familiar (SIF)”, de Bengtson e colaboradores, o construto teórico sobre as “Lealdades invisíveis” da Terapia Contextual, criada por Boszormenyi-Nagy e Spark, e o modelo do “Comboio Social” de Kahn e Antonucci. As três teorias possuem a compreensão sistêmica e multidimensional das pessoas, seus contextos e suas relações sociais o que possibilitou alinhar seus preceitos e direcionamentos na análise dos relacionamentos entre gerações nos lares multigeracionais da presente pesquisa.

2.1. Modelo de Solidariedade Intergeracional Familiar (SIF)

O psicólogo social americano Vern L. Bengtson (1941-2019) e sua equipe, afiliados à *University of Southern California* (Los Angeles, Estados Unidos) desenvolveram uma gama de pesquisas sobre famílias e indivíduos. Nessa área, eles iniciaram a construção de um modelo que buscava compreender os laços multigeracionais por meio do que eles identificaram como solidariedade familiar entre os membros nas esferas da vida.

No artigo *Intergenerational Solidarity in Aging Families: An Example of Formal Theory Construction* (BENGTSON; ROBERTS, 1991) são apresentados os estágios de desenvolvimento teórico do modelo de “solidariedade intergeracional”. De modo geral, a solidariedade intergeracional é compreendida como uma coesão social entre as gerações. Na sua base teórica, esse modelo teve como influência a psicologia social, a teoria social clássica e a sociologia da família. Neste artigo, Bengtson e Roberts expuseram a taxonomia e os testes empíricos nos estudos longitudinais de três gerações que compuseram o modelo de solidariedade intergeracional.

Bengtson e Roberts (1991) destacaram a interdependência entre as gerações, principalmente entre pais idosos e filhos adultos. Neste contexto, os autores apresentaram o modelo SIF (Solidariedade Intergeracional Familiar) que consiste em uma proposta multidimensional para investigar como os membros das famílias de diferentes gerações se apoiam e se relacionam ao longo do ciclo vital.

Esses autores argumentaram que a coesão familiar intergeracional é melhor compreendida por meio da consideração do afeto e das normas familiares que, ao mesmo tempo, influenciam a frequência de contato. Neste contexto, o senso de solidariedade tem implicações para quem cuidaria de um membro familiar adoecido, por exemplo. Os estudos iniciais

apoiaram as características positivas e evidenciaram mais solidariedade intergeracional do que discórdias. Em seguida, outros estudos adicionais revelaram a necessidade de incluir os aspectos negativos, na forma de conflito e ambivalência, com o intuito de traduzir o funcionamento familiar de forma plena.

Com isso, nesse modelo são consideradas, inicialmente, seis dimensões: associativa, afetiva, consensual, funcional, normativa e estrutural. Posteriormente, considerando que esse modelo estava aberto à revisão na medida em que ocorria a análise dos dados intergeracionais das famílias, foi incorporada uma sétima dimensão, a conflitiva (Quadro 1) (BENGTSON *et al.*, 2002).

Quadro 1 - Dimensões do modelo SIF.

DIMENSÕES	DESCRIÇÃO
Associativa	Frequência e padrões de contato entre as gerações
Afetiva	Sentimentos e avaliações apresentados pelos familiares sobre os seus relacionamentos com as outras gerações
Consensual	Concordância e consenso de opiniões, valores e orientações intergeracionais
Funcional	Tipos de suporte e apoio fornecidos entre as gerações e os níveis de reciprocidade
Normativa	Expectativas de obrigações filiais e parentais, bem como a importância dos valores familiares
Estrutural	Proximidade física/geográfica dos membros da família
Conflitiva	Tensões e divergências entre as gerações

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ainda no contexto das reformulações teóricas posteriores, Bengtson e colaboradores (2002) reconheceram a probabilidade da existência de ambivalência de sentimentos nos

relacionamentos que ocorrem entre as gerações. Nesse cenário, a ambivalência pode surgir do encontro da solidariedade e do conflito, enfatizando os aspectos contraditórios e paradoxais da vida familiar. Assim, as medidas de harmonia e conflito no modelo de solidariedade permanecem relevantes para examinar a ambivalência nas relações intergeracionais nas famílias.

Para Bengtson e Oyama (2007), o conflito é mais do que simplesmente a ausência de solidariedade. É possível encontrar relações onde coexistam um alto nível de conflito e uma alta solidariedade. Assim, não há uma relação de exclusão entre solidariedade e conflito. No nível familiar, a solidariedade pode ser analisada a partir de perguntas como "quão perto você se sente de seu pai/mãe?" e "com que frequência você vê a sua mãe/pai?".

Desse modo, o modelo SIF busca levantar hipóteses sobre os tipos de laços estabelecidos entre os membros das famílias, por meio da compreensão do modo como esses familiares interagem e fornecem suporte e apoio uns aos outros. Segundo Bengtson *et al.* (2002), por meio das informações adquiridas pelas pesquisas com esse modelo, é possível identificar como a localização estrutural (proximidade física/geográfica) e as mudanças socioculturais afetam as dinâmicas familiares. Dessa forma, os autores apontam que é necessário identificar esses efeitos sociais, sejam eles positivos ou negativos, que influenciam na configuração e dinâmica das famílias.

A análise das trocas de afeto e apoio (funcional e emocional) não se restringe apenas às interações atuais, mas abrange também as experiências relacionais reunidas ao longo do tempo de convivência no ciclo vital das famílias. Nesta perspectiva, as percepções da reciprocidade das trocas entre as gerações têm uma influência nos sentimentos cultivados entre os membros da família e na frequência de interação. Esses fatores evidenciam a importância da qualidade das relações intergeracionais no âmbito familiar, bem como os tipos de suporte fornecidos e recebidos. Registra-se ainda que, além da questão de proximidade geográfica, os valores e obrigações familiares latentes também se inserem nessa dinâmica da coesão familiar.

Diante do exposto, de acordo com Bengtson e Oyama (2007), todas essas dimensões operam tanto no nível macrossocial da sociedade e grupos (*macrogênios*), quanto no nível microssocial de famílias e indivíduos (*microgênios*) (Quadro 2). Desse modo, os autores argumentam que se torna impossível compreender e analisar a solidariedade intergeracional sem levar em consideração o outro lado, os fatores conflitivos nas relações familiares. No contexto brasileiro, ainda é escasso o número de pesquisas que utilizam o modelo SIF, havendo a necessidade de realização de estudos que desenvolvam análises diádicas ou triangulações das informações nos lares multigeracionais.

Quadro 2 - Níveis de análise da solidariedade intergeracional.

NÍVEIS DE ANÁLISE DA SOLIDARIEDADE INTERGERACIONAL	
MACROSSOCIAL MACRÓGENOS	MICROSSOCIAL MICRÓGENOS
Sociedade	Pequenos grupos – Família
Coorte – Grupos de idade	Gerações – Descendência
Crianças, jovens, adultos e idosos	Mães, filhas, avós, netas e bisnetas

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

De acordo com Bengtson e Oyama (2007), para melhor compreender a solidariedade intergeracional é necessário considerar as expectativas e obrigações em relação ao envelhecimento e às gerações descendentes. Os acordos entre gerações envolvem regras e normas que estão presentes nos níveis micro e macrossocial. Os autores apontam três conjuntos tradicionais de expectativas e obrigações normativas entre gerações: (1) Normas biossociais, que refletem o papel ativo das famílias e da educação pública na socialização das gerações descendentes; (2) Normas de sucessão *gerossocial*, que estão ligadas à disponibilidade de recursos de suporte financeiro e emocional direcionados aos mais jovens pelas gerações mais velhas, bem como nas mudanças sociais envolvendo a passagem de gerações mais velhas diante da morte ou aposentadoria; (3) Normas sobre geriatria e dependências, que abrangem a expectativa de que o cuidado familiar e o apoio público serão fornecidos para os idosos dependentes.

2.2. Teoria Contextual e as Lealdades invisíveis

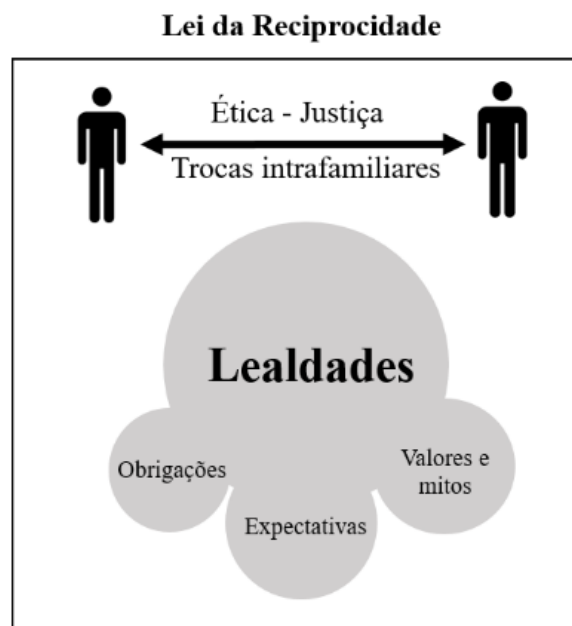
No cenário das dinâmicas familiares intergeracionais, podem ser identificados os conceitos de lealdades invisíveis e o de débito e crédito intergeracional da Teoria Contextual desenvolvidos pelo psiquiatra húngaro-norteamericano Ivan Boszormenyi-Nagy e pela trabalhadora social psiquiátrica Geraldine M. Spark. No livro *Invisible Loyalties: Reciprocity*

in *Intergenerational Family Therapy*. Os autores apontaram que analisar o conceito de lealdade é importante para a compreensão das dinâmicas relacionais familiares. O contexto de uma trama de lealdade multigeracional envolve a existência de expectativas estruturadas de grupo, onde todos os membros possuem um compromisso.

Para ser um membro leal de um grupo familiar é preciso internalizar o espírito de suas expectativas assumindo um conjunto de atitudes específicas e, assim, cumprir com os mandatos interiorizados. Neste contexto, o indivíduo pode submeter-se tanto aos mandatos das expectativas externas quanto às obrigações interiorizadas.

Segundo os autores, a ética consiste na obrigação de preservar o equilíbrio das trocas intrafamiliares a partir da lei da reciprocidade, ou seja, a ética está vinculada à noção de justiça. O componente de obrigação ética na lealdade está vinculado, inicialmente, ao sentido de dever, equanimidade e justiça entre os membros comprometidos com a lealdade (Figura 1). A incapacidade de cumprir com as obrigações, por parte de um membro da família, provoca sentimento de culpa, que constitui a força secundária de regulação desse sistema. Esses elementos compõem as necessidades do sistema multipessoal (Quadro 3).

Figura 1 - Lei da reciprocidade.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Dessa forma, a homeostase do sistema de obrigações ou lealdades depende de um “combustível” produzido e regulado pela culpa. Com isso, muitas vezes, para ser possível chegar a esse equilíbrio, são desenvolvidas “dívidas” que serão transmitidas e carregadas de

uma geração para outra. Naturalmente, os membros familiares possuem diferentes limites de culpa e, com isso, evidencia-se que é doloroso demais manter por muito tempo um sistema regulado pela culpa. Outro fator que está presente nesse contexto são as necessidades do indivíduo. Boszormenyi-Nagy e Spark (2017) apontaram que a busca por aceitação, atenção, amor e reconhecimento compreende um conjunto de motivações dependentes e que influenciam as relações familiares atribuindo sentimentos de obrigação, serviço e sacrifícios cheios de abnegações (Quadro 3).

Quadro 3 - Necessidades do indivíduo e necessidades do sistema multipessoal.

Necessidades do indivíduo	Necessidades do sistema multipessoal
Aceitação	Hierarquias de Obrigações
Atenção	Expectativas
Amor	Reciprocidade
Reconhecimento	Ética/Justiça

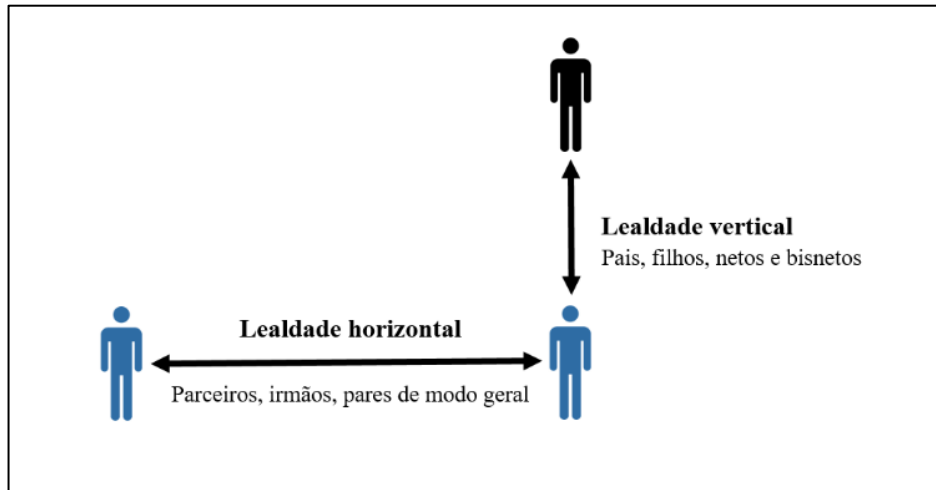
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O conceito de um sistema familiar multigeracional pressupõe uma contínua análise dos fatos dentro de uma estrutura de reciprocidade ética ou de hierarquias de obrigações. Dessa forma, a análise da lealdade é fundamental para compreender a ética envolvida na estrutura relacional mais profunda das famílias. Assim, para Boszormenyi-Nagy e Spark (2017), os membros de uma família podem agir de forma leal a partir de uma coerção externa, do conhecimento consciente de seus interesses de pertencimento, de sentimentos de obrigação conscientemente reconhecidos e/ou de uma obrigação de vinculação em nível inconsciente.

Os valores e mitos da herança familiar transmitidos pelas gerações mais velhas constituem a base das lealdades e, considerando a família como um sistema dinâmico, diante de mudanças na trajetória familiar poderão ocorrer novos balanços quanto ao exercício de papéis entre os membros. Os compromissos de lealdade vertical consistem em débitos de uma

geração anterior ou posterior, enquanto que a lealdade horizontal se refere a pessoas da mesma geração (Figura 2).

Figura 2 - Tipos de lealdade.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Neste cenário, quanto mais rígido for o sistema de lealdades originário, mais complexo será o desafio adaptativo das pessoas envolvidas ao longo das mudanças do ciclo vital da família. No Quadro 4 são listados exemplos de situações que exigem um novo equilíbrio das obrigações de lealdade.

Quadro 4 – Interferências da lealdade familiar.

Mudanças que podem interferir no contexto da lealdade familiar
Nascimento
Mudanças desenvolvimentais
Conflitos
Processo de individuação
Separação
Paternidade/Maternidade
Envelhecimento
Avosidade
Perda/Luto
Crises financeiras/Desemprego

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Boszormenyi-Nagy e Spark (2017) exemplificaram dez tipos de expectativas que estão relacionadas com as transições de lealdade exigidas pelo desenvolvimento no âmbito familiar:

1. O jovem casal deve transferir um ao outro a lealdade que devia às suas famílias de origem. Essa lealdade é baseada em dever mútuo de fidelidade sexual, bem como no compromisso na criação dos descendentes.
2. Devem às suas famílias de origem uma nova forma de lealdade, em relação a suas origens e valores nacionais, culturais e religiosos.
3. Os pais devem lealdade aos filhos nascidos do seu relacionamento.
4. Os filhos possuem uma dívida de lealdade para com seus pais e as outras gerações anteriores.
5. Os irmãos têm uma dívida de lealdade uns com os outros.
6. Os familiares com relação consanguínea têm o dever de evitar relações sexuais entre si, embora ao mesmo tempo contraiam uma dívida de afeto uns com os outros.
7. Os pais têm o dever de sustentar suas famílias nucleares, mantendo uma dívida de sustento para com os seus pais ou familiares idosos ou deficientes.
8. As mães têm o dever de atuar como donas de casa e criar seus filhos, embora também devam estar disponíveis em relação às necessidades da família de origem.
9. Os familiares têm uma dívida de solidariedade em relação à forma como se comportam com os amigos ou estranhos, e também têm o dever de ser bons cidadãos para a sociedade.
10. Todos os membros da família têm o débito de lealdade que consiste em manter a integridade do sistema familiar, mas devem estar preparados para acomodar novos relacionamentos e as conseqüentes transformações na estrutura e dinâmica familiar.

No âmbito da lealdade, ao analisar o sentido dinâmico da justiça, ética e da reciprocidade entre os membros de uma família, é importante considerar as relações de “exploração”. Esse conceito é influenciado pela dinâmica de poder, riqueza e dominação, mas não se resume a isso. Boszormenyi-Nagy e Spark (2017) alertaram que, ao analisar a exploração no contexto familiar, deve-se ter noção do quão amplas, relativas e complexas são as relações estabelecidas entre os membros da família. Assim, se na análise for considerada apenas a medida de posições de poder pode-se perder de vista outras variáveis que influenciam situações de exploração entre os familiares. Os autores exemplificaram uma situação em que um pai, chefe de família (posição

de poder), pode ser explorado por pessoas de “posições inferiores”, diante da estrutura hierárquica do sistema familiar.

A dimensão ética relacional considera que a equidade e a justiça são necessárias para a sobrevivência das relações, e esses elementos servem como princípio regulador das relações familiares e de outros relacionamentos próximos das pessoas. Para os autores, as pessoas que respeitam os princípios da ética relacional são aquelas que na medida em que estão em uma relação de ordem pessoal apropriam-se da responsabilidade de avaliar o que receberam do outro e se disponibilizam para assegurar a equidade dessa relação (DUCOMMUN-NAGY, 1998).

No cotidiano familiar podem surgir espontaneamente discussões sobre exploração entre os membros da família. Em busca de um “equilíbrio intrínseco”, há uma tendência dos pais de realizar uma comparação quantitativa da solidariedade e afeto que devem fornecer aos seus filhos com o que eles receberam dos seus pais. Neste cenário, Boszormenyi-Nagy e Spark (2017) postularam dois tipos básicos de exploração: a pessoal e a estrutural. A primeira é quando um membro da família é explorado, de forma aberta ou sutil, por outra pessoa que não é recíproca em suas atitudes de suporte. Já o segundo tipo é originário das características do sistema o qual vitima ambos os membros familiares. Nesses casos, um relacionamento entre duas pessoas pode ser desenvolvido de modo que seja negada, a ambas, qualquer tipo de retribuição equilibrada como, por exemplo, um pai pode sofrer pela falta de reconhecimento e gratidão pelo seu suporte, enquanto que, ao mesmo tempo, o filho se sente sufocado por um desejo não reconhecido ou não expresso de demonstrar gratidão filial.

Tomando como base esses conceitos, os autores enfatizam que é importante identificar as questões específicas da reciprocidade entre os membros de um tipo de arranjo familiar, considerando os interesses do sistema como um todo e de cada um dos subsistemas. O que pode parecer uma relação familiar fraca, caótica ou fragmentada pode significar fortes laços para os membros daquela família, diante da culpa inerente a uma devoção excessiva. Dívidas de mérito acumuladas de gerações atuais e antigas influenciam o balanço de reciprocidade funcional geral de um arranjo familiar. Segundo Boszormenyi-Nagy e Spark (2017), as obrigações familiares do passado não pagas persistem e podem compensar os desequilíbrios do presente em termos de gratidão, culpa pelo não cumprimento e raiva por uma situação de exploração.

Diante desse cenário, pode-se refletir sobre a possibilidade de ocorrer um desequilíbrio de reciprocidade nas relações dos membros de uma família multigeracional, bem como influências no âmbito das obrigações filiais e parentais diante de mudanças na estrutura dos arranjos familiares e de transformações sociais. Com isso, o âmbito interacional familiar vem sendo associado a indicadores de saúde física e mental de seus membros.

2.3. Modelo do Comboio Social

Inicialmente, o termo “comboio” foi utilizado pelo antropólogo americano David Plath, nos seus estudos com crianças, com o objetivo de identificar quais eram as pessoas que estavam presentes no comboio social infantil. Ele percebeu que, ao longo dos desafios do desenvolvimento dessas crianças, esse comboio possuía papéis distintos como: atendimento de necessidades emocionais, comunicativas e instrumentais/materiais (FULLER; AJROUCH; ANTONUCCI, 2020).

Nos anos 80, os psicólogos americanos Robert Louis Kahn e Toni Claudette Antonucci, afiliados à *University of Michigan* (Estados Unidos), começaram a utilizar em seus estudos o termo “Comboio social”¹ para gerar a percepção de uma camada protetora formada pelos membros que compõem o grupo relacional das pessoas. Assim, esse modelo teórico foi se desenvolvendo a partir de pesquisas e aplicações práticas em diversas populações e culturas.

Na sua base teórica, esse modelo do comboio social teve como influência a teoria *Life span* (desenvolvida por Paul Baltes) e a teoria do Curso de Vida (desenvolvida por Glen Elder). A primeira descreve o desenvolvimento intraindividual das pessoas ao longo do tempo, enfatizando que esse processo multidimensional envolve crescimento e ganhos, bem como declínios e perdas. Nessa teoria dois fatores se destacam com relação à família e à velhice: (1) o desenvolvimento intraindividual acontece frequentemente no âmbito do contexto familiar ao longo da vida de uma pessoa; (2) considerando que são experiências ao longo da vida, as vivências passadas na família de origem têm uma probabilidade de influenciar a dinâmica e estrutura da família em outro período mais tardio.

A teoria do Curso de Vida concentra-se em como os papéis, organizações, estruturas sociais e recursos sociais influenciam as trajetórias do desenvolvimento. Dessa forma, esse constructo teórico compreende que as pessoas são moldadas pelas situações, período histórico e localizações geográficas as quais vivenciam no decorrer dos anos. Dentre essas situações estão o momento das transições de vida, eventos individuais e históricos, padrões comportamentais e expectativa de papéis. Com isso, as relações sociais são sensíveis às mudanças de tempos e contextos para todas as idades (FULLER; AJROUCH; ANTONUCCI, 2020).

Atualmente, a pesquisadora Antonucci desenvolve pesquisas no programa *Life Course Development* (LCD) na *University of Michigan* com o intuito de examinar as relações sociais ao longo da vida, bem como suas influências na saúde mental, física e cognitiva das pessoas.

¹ Traduzido no Brasil também por “escolta social”.

Para além do constructo teórico, o programa também busca aplicar esses conhecimentos no desenvolvimento e implementação de intervenções de carácter preventivo para melhorar o contexto da saúde e bem-estar das pessoas, famílias e comunidades.

Em um dos primeiros estudos publicados, intitulado de “*Comboys over the Life Course: Attachment, Roles, and Social Support*”, Kahn e Antonucci (1980) trataram dos determinantes do bem-estar pessoal ao longo da vida. Para isso, compreenderam que o apoio social é um determinante importante na contribuição direta com a saúde integral, bem como de forma indireta pela sua capacidade de alterar os efeitos negativos do estresse.

Neste contexto, o comboio representa as pessoas que estão conectadas à rede dos indivíduos. Essa rede possui características estruturais como: quantidade de pessoas, idade, gênero, tempo de relacionamento, proximidade geográfica e frequência de contato; e também características funcionais, que se referem aos papéis de suporte e apoio recebidos e fornecidos. De acordo com Antonucci e Akiyama (1987), esses aspectos estruturais e funcionais entre os membros do comboio vão variar de acordo com o estágio do ciclo vital em que as pessoas e famílias se encontram. Dessa forma, com o processo do envelhecimento e as mudanças familiares, pessoas podem ser excluídas e incluídas na rede dos indivíduos.

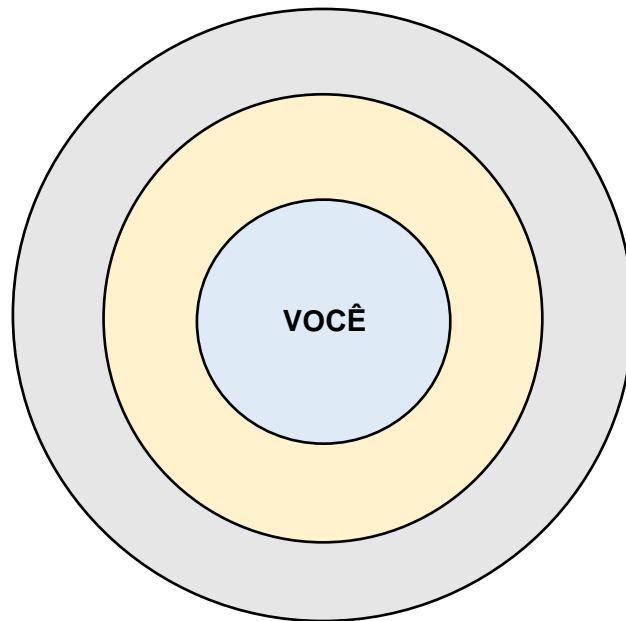
Desde então, o modelo teórico vem sendo utilizado para compreender as relações sociais em diversos contextos como, por exemplo, no âmbito familiar. No decorrer do tempo, os princípios básicos do modelo foram sendo modificados para abarcar a complexidade intrínseca das relações sociais e suas influências na saúde, bem-estar e qualidade de vida das pessoas (ANTONUCCI; BIRDITT; AJROUCH, 2011).

Esse modelo compreende que, ao longo da vida, as pessoas são protegidas por meio do recebimento e fornecimento de suporte dos seus relacionamentos sociais e, assim, essas relações contribuem para o enfrentamento diante dos desafios do ciclo vital das pessoas. Nesse aspecto, essa visão considera que, com o passar dos anos, esses relacionamentos são dinâmicos, ao mesmo tempo em que alguns elementos relacionais permanecem estáveis (ANTONUCCI *et al.*, 2011; KAHN; ANTONUCCI, 1980).

Dentro dos laços intergeracionais ocorrem múltiplas transições e na medida em que ocorrem essas mudanças em diferentes fases da vida os papéis intergeracionais das pessoas também mudam como, por exemplo, quando um filho se torna pai, enquanto o outro se torna avô. Além desses papéis, as experiências ao longo do tempo de estudante, trabalhador ou membro da comunidade continuam a mudar e moldar os relacionamentos duradouros (ANTONUCCI *et al.*, 2011).

Para o estudo dessas relações, no modelo do Comboio Social foi desenvolvido um método em forma de mapa hierárquico composto por três círculos concêntricos com a palavra “você” escrito no centro, sendo delimitados três níveis de proximidade e importância (Figura 3).

Figura 3 - Instrumento do modelo do comboio social.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As pessoas devem nomear membros para cada nível, sendo instruídas que os círculos podem ficar cheios ou vazios e, em seguida, são realizadas as perguntas que guiam as nomeações para cada um dos níveis (Quadro 5).

Assim, o produto final é formado pelo comboio de relações sociais das pessoas. Além das nomeações, o modelo identifica as características pessoais e situacionais dos membros que compõem o comboio (Figura 4). As características pessoais, como idade, gênero, podem mudar à medida em que o indivíduo cresce e amadurece. Já as características situacionais incluem grupos e organizações aos quais os indivíduos pertencem e direcionam demandas e expectativas de papéis. Antonucci, Birditt e Ajrouch (2011) afirmaram que as experiências de vida anteriores e os estágios da vida certamente influenciam de forma diferenciada como os eventos e relações atuais são experienciados e interpretados.

Quadro 5 - Perguntas do instrumento do modelo de comboio social.

Nível/Círculo	Perguntas
1	“Quais são pessoas que você considera que são tão próximas que é difícil imaginar a vida sem elas?”.
2	“Quais são as pessoas que você considera que são próximas e importantes, mas que não foram mencionadas no primeiro círculo?”.
3	“Quais são outras pessoas próximas e importantes o bastante para estar na sua rede social, mas que não foram mencionadas nos outros círculos?”.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

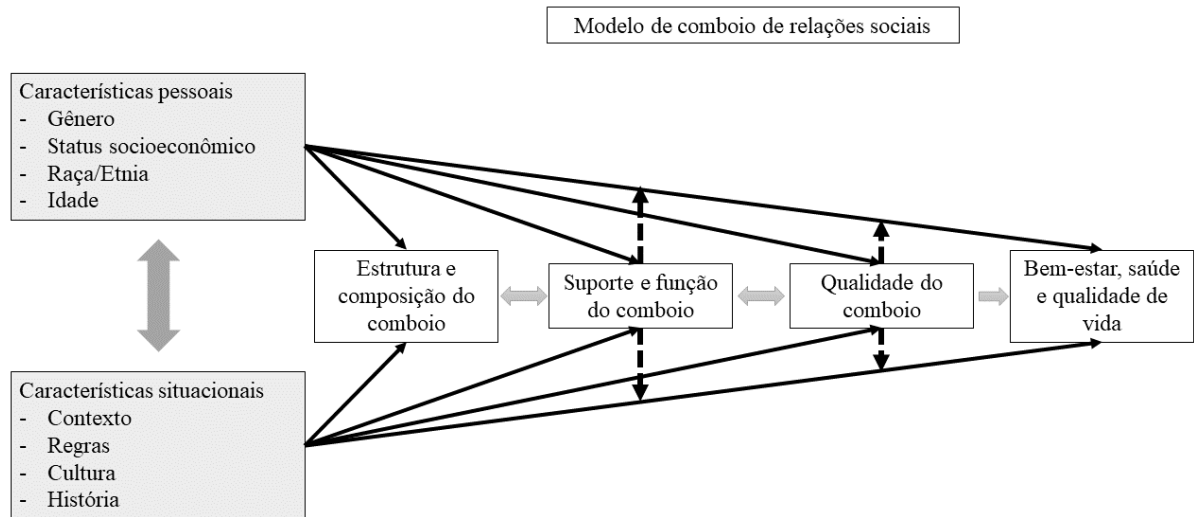
Para Antonucci, Birditt e Ajrouch (2011) o modelo do comboio social possibilita a identificação de três componentes: 1. Redes sociais compostas pela estrutura objetiva dos membros; 2. Apoio social, que abrange as trocas dos relacionamentos entre os membros; 3. Satisfação com o apoio, a partir das avaliações do indivíduo. Neste contexto, segundo Kahn e Antonucci (1980) existem três tipos de apoio: (1) Ajuda, que constitui as contribuições tangíveis e mensuráveis; (2) Afeto, envolve todo o apoio emocional; (3) Afirmação, que abrange o reconhecimento dos outros quanto ao valor e as crenças da pessoa.

Neste cenário, o conceito de comboio oferece uma visão do porquê e de como as trocas de suporte são tão poderosas, considerando que existem diversas maneiras pelas quais o apoio pode ser fornecido, recebido, percebido e avaliado por meio dos contextos e ao longo do tempo. Os apoios instrumentais e financeiros são tipos específicos de apoio tangível, enquanto que o apoio emocional é um exemplo de apoio intangível. Neste âmbito, a prestação de cuidados representa um tipo de apoio social importante que pode ser tanto tangível (cuidados instrumentais) como intangível (apoio emocional) (ANTONUCCI *et al.*, 2011).

Um dos tipos mais importantes de trocas entre gerações consiste na prestação de cuidados. Este tipo de apoio possui variações de acordo com as diferenças das características pessoais dos indivíduos que fornecem e recebem esses cuidados, moldando a experiência de trocas de cuidados intergeracionais (ANTONUCCI *et al.*, 2011). As características situacionais, como a dinâmica do contexto familiar, também irão influenciar a oferta de suporte de cuidado.

Kahn e Antonucci (1980) afirmaram que dentro do comboio de relações sociais há uma hierarquia natural de pessoas de quem um indivíduo prefere receber apoio e assistência.

Figura 4 – Visualização transversal do modelo de comboio



Fonte: Fuller, Ajrouch e Antonucci (2020), adaptado pela pesquisadora.

A Figura 4 representa uma visualização transversal do modelo de comboio trazendo as influências das características pessoais e situacionais desde a estrutura e composição do comboio até o bem-estar, saúde e qualidade de vida, ao mesmo tempo em que os elementos interagem e são influenciados entre si. Todos esses aspectos existem dentro de um período de vida que reconhece a mudança ao longo do tempo (FULLER; AJROUCH; ANTONUCCI, 2020).

Os comboios ideais fornecem ajuda prática, mas também uma base psicológica importante sob a qual as pessoas percebem os fenômenos do mundo. Neste cenário, Antonucci, Birditt e Ajrouch (2011) elaboraram uma relação do modelo do comboio social com seis elementos que são foco dos estudos dos relacionamentos humanos: (1) *Gene-ambiente*; (2) *Papel crítico da cultura*; (3) *Contágio social*; (4) *Ambivalência*; (5) *Disparidades de saúde*; (6) *Ciência dos sistemas*.

As autoras apontaram que no âmbito dos avanços nos estudos sobre interação “gene-ambiente” é destacado o papel crítico que as relações sociais desempenham nas expressões gênicas. Essa visão compreende que os genes não são os únicos determinantes de um resultado, assim como o ambiente também não é único, o que ocorre são interações complexas entre características genéticas e aspectos do ambiente das pessoas. No estudo *Convoys of social*

relations: past, present, and future, Antonucci, Birditt e Ajrouch (2011) descreveram quatro diferentes tipos de interações entre gene-ambiente (Quadro 6).

Quadro 6 - Tipos de interações gene-ambiente.

Tipo	Descrição	Exemplo
Gatilhos sociais	Abrange as situações em que um gene específico ou vulnerabilidade genética só se expressa na presença de um evento desencadeante.	Um indivíduo exposto a maus tratos na infância pode apresentar maior tendência ao comportamento antissocial quando há deficiências de enzimas monoaminoxidase.
Compensação Social	Situações em que um indivíduo pode estar geneticamente predisposto a exibir um determinado comportamento negativo, mas é menos provável que o faça quando o ambiente é compensador. Possui um efeito protetor.	Uma pessoa com o gene receptor da dopamina D (que está associado a baixo rendimento educacional), mas que no seu ambiente havia um mentor significativo, era mais propensa a ter sucesso educacional. Neste caso, o mentor pode servir como uma forte compensação genética.
Controle Social	Características situacionais como normas sociais ou restrições estruturais que inibem comportamentos negativos geneticamente predispostos, limitando as escolhas comportamentais disponíveis.	Uma pessoa com o gene aldeído desidrogenase 2 (ALDH2) com a variante do gene heterozigótica é metabolicamente mais capaz de processar o álcool e, portanto, possui uma tendência para ingerir maiores quantidades de álcool com frequência. Em sociedades onde há um alto controle social quanto ao uso de álcool esse fator genético fica menos aparente. Da mesma forma, um baixo controle social torna as influências genéticas mais aparentes.
Aprimoramento Social	Um ambiente enriquecido facilita a expressão de um gene que predis põe o indivíduo a características positivas.	Um indivíduo que possui um ótimo desempenho cognitivo devido a uma educação bem estruturada. Ou pessoas que desenvolvem habilidades parentais por meio de programas de intervenção promovidas em seu meio.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Em suma, após descreverem os tipos de interações, as autoras indicaram que as características pessoais de base genética podem influenciar as reações ambientais que podem afetar positiva ou negativamente as relações sociais, a saúde e o bem-estar das pessoas. Devido a isso se faz necessário considerar esses aspectos no âmbito das avaliações do comboio social das pessoas.

Outro ponto trazido pelas autoras é a “cultura”. Para elas, a atenção a esse aspecto possibilita compreender o significado das variações da formação e expressão das relações sociais. Neste contexto, a cultura se refere aos valores, orientações e normas sociais encontradas dentro de um grupo ou sociedade. Com a variação de valores, as relações sociais vão adquirindo significados particulares como: individualismo/coletivismo, relacionamento/separação, tradicional/secular e autoexpressão/sobrevivência.

As expectativas culturais sobre o que constitui o apoio afetam a saúde e o bem-estar de um indivíduo. Dessa forma, Antonucci, Birditt e Ajrouch (2011) discorreram que a técnica de mapeamento hierárquico do modelo do comboio social vem sendo aplicada em diversos estudos transculturais, o que permite ter uma visão ampla da estrutura, qualidade e significados atribuídos aos comboios em diferentes contextos.

O terceiro aspecto refere-se ao “contágio social” que expõe a situação em que as pessoas podem influenciar os hábitos dos outros da sua rede e vice-versa. Assim, no modelo do comboio é defendido que as redes envolvem múltiplas dimensões, bem como vários níveis de proximidade e importância, e isso pode fornecer orientações para a compreensão do fenômeno do contágio social. Neste aspecto, esse modelo pode ser utilizado como ferramenta para desenvolver avaliações mais complexas acerca das redes sociais, compreendendo que, em todas as idades, os laços sociais influenciam nossas experiências de vida, bem como nossa própria saúde física e mental.

No quarto ponto é apresentado que a “ambivalência” é mais provável de ocorrer nos papéis sociais e nos relacionamentos que envolvem normas conflitantes de comportamento, como autonomia e proximidade. Como o modelo de comboio considera a complexidade das relações logo, considera a existência da ambivalência. Compreender a ambivalência permite avaliar as ligações entre os comboios e a saúde, pois envolve os contextos emocionais dos relacionamentos. Nas relações pais e filhos, por exemplo, a ambivalência intergeracional é considerada comum devido a desejos conflitantes de proximidade e independência. A depender do momento do ciclo da vida a ambivalência poderá ser maior, sendo mais comum a presença desse sentimento nos laços familiares em comparação aos laços não familiares (ANTONUCCI; BIRDITT; AJROUCH, 2011).

O penúltimo aspecto envolve as “disparidades de saúde” que se refere às diferenças significativas na prevalência de doenças entre várias populações dentro de uma sociedade. A compreensão dessas disparidades oferece a oportunidade de considerar os efeitos principais e amortecedores das relações sociais sobre a saúde e o bem-estar entre os grupos favorecidos e desfavorecidos. Neste cenário, a interação das relações sociais com os marcadores de desigualdade fornece *insights* críticos sobre os caminhos que levam as disparidades de saúde e os potenciais recursos (fatores de proteção) que podem aliviar ou prevenir os maus resultados de saúde. Com isso, os fatores de risco e proteção estão presentes nas relações sociais podendo amortecer ou agravar aspectos da saúde dos indivíduos.

Por fim, no que se refere à “ciência de sistemas”, Antonucci, Birditt e Ajrouch (2011) destacaram as inter-relações entre múltiplos fatores que atuam simultaneamente para influenciar a estrutura, qualidade e proximidade dos comboios sociais dos indivíduos. Para as autoras, diante da complexidade das relações sociais, se faz necessário ter uma abordagem sistêmica na realização dos estudos e no desenvolvimento de intervenções sociais.

Diante do exposto, o modelo do comboio social foi desenvolvido para alcançar maior compreensão que incentive a incorporação mais ampla de fatores pessoais e situacionais que influenciam as relações sociais, incluindo a estrutura, apoio e satisfação, bem como os múltiplos fatores que influenciam as relações sociais, como aspectos de saúde física, mental e bem-estar.

Dando prosseguimento ao embasamento teórico desta pesquisa, em seguida será apresentada uma revisão sistemática da literatura com foco nos lares multigeracionais, buscando situar o leitor acerca do panorama nacional e internacional dos estudos nessa temática nos últimos 10 anos.

Marco Teórico

Capítulo 3



3 MARCO TEÓRICO: Revisão sistemática da literatura nacional e internacional

O presente capítulo versa sobre uma revisão sistemática da literatura em bases de dados científicas de acesso livre, nos idiomas português e inglês. A revisão foi conduzida a partir do formulário internacional para estudos de revisão sistemática e metanálises: *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA, 2020). Objetivou-se sintetizar as pesquisas nacionais e internacionais sobre a solidariedade e os relacionamentos entre as gerações nos lares multigeracionais nos últimos 10 anos.

3.1. Procedimentos metodológicos

3.1.1. Caracterização das bases de dados

A busca ocorreu nas seguintes bases de dados: MEDLINE (*Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*), LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde), SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia), acessadas por meios eletrônicos, no período de dezembro de 2020 a janeiro de 2021.

No panorama geral, as bases de dados escolhidas apresentam estudos especializados nas áreas de ciências da vida, da saúde, na psicologia e áreas afins. São bases de acesso público e que reúnem uma gama de publicações científicas nacionais e internacionais em formato eletrônico.

3.1.2. Estratégia de busca

A partir do objetivo do estudo, os termos “solidariedade”, “família”, “intergeracional”, “multigeracional”, “três gerações”, “envelhecimento”, “relacionamento familiar”, “corresidência” e “coabitação” foram eleitos e, em seguida, consultados no vocabulário estruturado e multilíngue DeCS/MeSH (Descritores em Ciências da Saúde/ *Medical Subject Headings*).

Para os termos “intergeracional”, “multigeracional”, “três gerações”, “corresidência” e “coabitação” não foram encontrados correlatos no vocabulário DeCS/MeSH. Entretanto, os termos foram mantidos na estratégia de busca, considerando a sua importância na especificidade do estudo. Esses termos foram nomeados de “termos livres”. Dando prosseguimento, foram criados os seguintes agrupamentos de descritores e termos livres em português e seus correspondentes em inglês:

1. “solidariedade”, “intergeracional” e “família” – “*solidarity*”, “*intergenerational*” e “*family*”.
2. “solidariedade”, “intergeracional” e “três gerações” – “*solidarity*”, “*intergenerational*” e “*three generation*”.
3. “solidariedade”, “intergeracional” e “envelhecimento” – “*solidarity*”, “*intergenerational*” e “*aging*”.
4. “solidariedade”, “intergeracional” e “corresidência” – “*solidarity*”, “*intergenerational*” e “*coresident*”.
5. “coabitação”, “família”, “relacionamento” e “intergeracional” – “*cohabitation*”, “*family*”, “*relationship*” e “*intergenerational*”.
6. “relações”, “intergeracional”, “família” e “coabitação” – “*relations*”, “*intergenerational*”, “*family*” e “*cohabitation*”.
7. “multigeracional”, “família” e “relações” – “*multigenerational*”, “*families*” e “*relations*”.

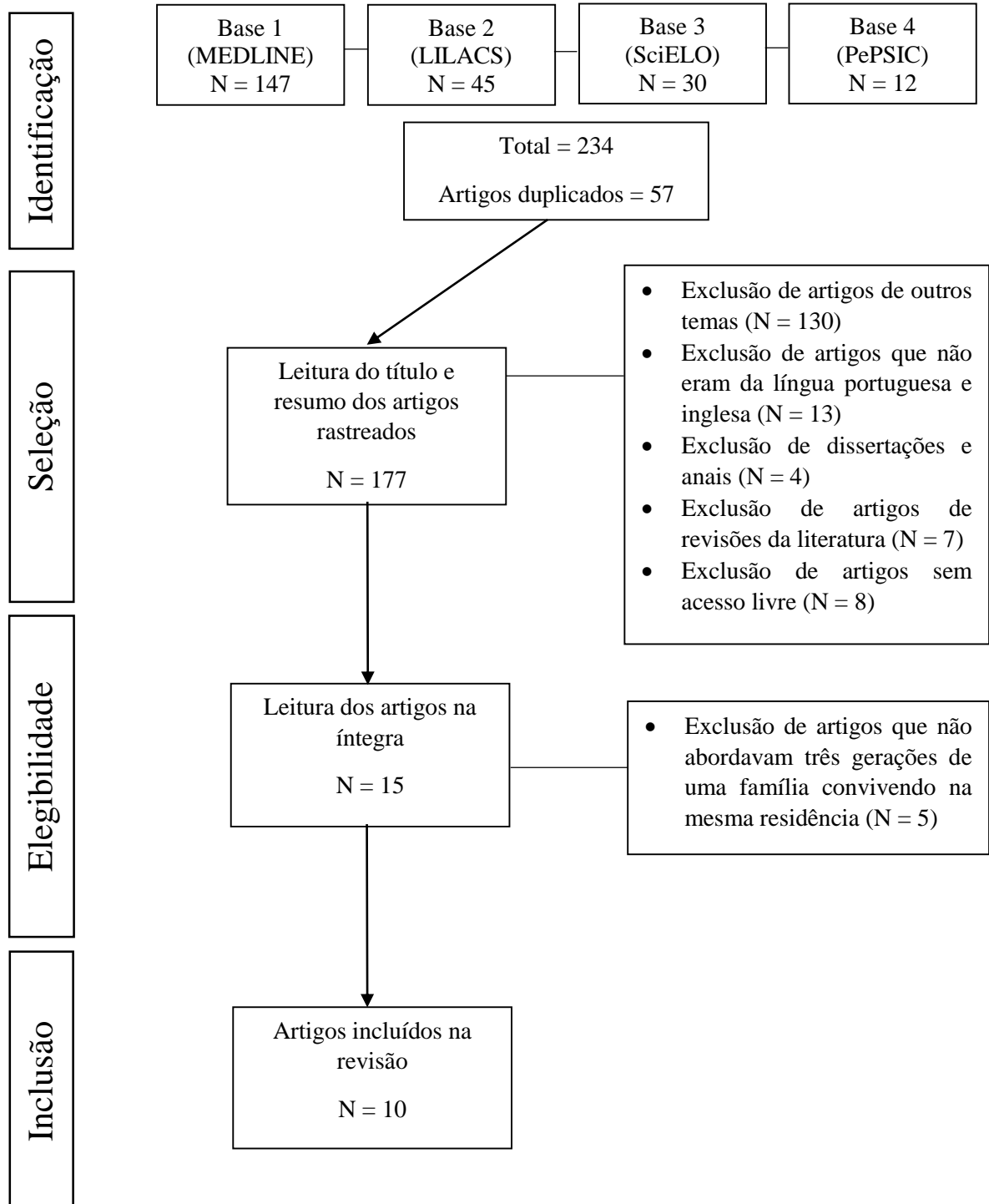
Os descritores e termos livres foram inseridos nos campos de busca avançada em títulos, resumo, assunto e todos os índices. Foi utilizado o filtro de tempo para selecionar artigos entre 2010 e 2020, bem como empregou-se o operador booleano “AND” nas estratégias de buscas. Os critérios de inclusão adotados foram: (1) Artigos nacionais e internacionais na língua portuguesa e/ou inglesa indexados nas bases científicas selecionadas no período entre 2010 a 2020; (2) Pesquisas com participantes que residiam em lares multigeracionais; (3) Pesquisas que abordavam sobre solidariedade e/ou relacionamentos entre as gerações em residências multigeracionais (três ou mais gerações coresidindo). Foram excluídos: (1) Artigos de revisão da literatura; (2) Dissertações, teses e apresentações de trabalhos em eventos científicos; (3) Estudos de outras línguas não selecionadas; (4) Estudos com outras temáticas; (5) Artigos sem acesso gratuito.

3.1.3. Seleção dos estudos

Seguindo as etapas do modelo PRISMA, inicialmente, foram identificados 234 artigos, sendo 147 na base de dados MEDLINE, 45 na LILACS, 30 no SciELO e 12 no PePSIC. Em seguida, foram retirados 57 artigos duplicados. Na etapa da seleção, foi realizada a leitura dos títulos e resumos dos artigos rastreados (N=177) e foram excluídas 162 pesquisas: artigos de outros temas (N = 130), artigos que não eram da língua portuguesa e inglesa (N = 13), dissertações e apresentações de trabalhos em eventos científicos (N = 4), artigos de revisões da literatura (N = 7) e artigos sem acesso gratuito (N = 8). Assim, para a terceira etapa (elegibilidade), restaram 15 artigos para a leitura na íntegra e, após a apreciação dos estudos, de acordo com os critérios, foram retirados mais cinco artigos por não abordarem três gerações de uma família convivendo na mesma residência. Por fim, na etapa de “inclusão” foram

considerados para esta revisão 10 artigos, conforme apresentado no fluxograma com as diferentes fases da revisão sistemática (Figura 5).

Figura 5 - Fluxograma do processo de exclusão e inclusão das pesquisas selecionadas.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

3.1.4. Análise dos estudos

Após a seleção dos estudos, foi elaborada uma tabela para registro das informações de caracterização dos artigos, considerando “autor/ano”, “natureza e delineamento da pesquisa”, “local da pesquisa”, “área de origem dos autores”, “participantes ou fonte documental” e “instrumentos ou técnicas de coleta de dados”.

Para analisar os artigos, com as informações dos itens da tabela construída, foi desenvolvida a caracterização dos aspectos gerais das pesquisas selecionadas, resultando na primeira categoria. Posteriormente, na segunda categoria foi possível realizar uma caracterização das famílias multigeracionais dos estudos tendo como norteador as diferenças culturais das diversas localidades onde foram efetuadas as pesquisas. E, por fim, na terceira categoria, foi viabilizada uma análise qualitativa dos relacionamentos entre as gerações nessas residências multigeracionais, sob o olhar das dimensões do modelo da Solidariedade Intergeracional Familiar (SIF) de Bengtson e colaboradores (1991, 2002).

3.2. Resultados e Discussão

3.2.1. Caracterização dos estudos

Diante do recorte temporal de ano de publicação, as pesquisas selecionadas se localizaram entre os anos de 2010 e 2020, sendo o maior número em 2019 (N=3). Nota-se um hiato de pesquisas encontradas entre 2012/2014 e 2016/2017 (N=0). No que se refere à natureza da pesquisa, seis estudos foram de natureza quantitativa e os outros quatro de natureza qualitativa. Com relação ao delineamento da investigação, metade dos artigos foram pesquisas documentais, tendo como base registros estatísticos de entidades governamentais e não-governamentais, e a outra metade foi composta de pesquisas de campo.

Ao analisar os trabalhos com base no local da pesquisa, percebe-se que houve um contexto cultural bem diverso contemplando estudos nos seguintes países: Brasil, China, Japão, Portugal, Israel, Estados Unidos e países da Europa Ocidental (Alemanha, França, Espanha, Itália, Suécia e Reino Unido). As áreas de origem dos autores também foram diversas: psicologia, gerontologia, economia, enfermagem, sociologia e políticas públicas. Essas características permitiram uma análise multicultural e multidisciplinar sobre o fenômeno dos lares multigeracionais.

Das cinco pesquisas de campo, três foram realizadas a partir de entrevistas semiestruturadas com pais/mães idosas. As outras duas pesquisas foram: uma por meio de

questionários com jovens corresidentes e outra com pais e professores de estudantes do ensino fundamental que residiam em lares multigeracionais (Quadro 7).

Quadro 7 - Extração dos dados das pesquisas selecionadas.

Autor/Ano	Natureza e Delineamento da pesquisa	Local da pesquisa	Área dos autores	Participantes ou fonte documental²	Instrumento ou técnica de coleta e análise de dados
Dias, Hora e Aguiar (2010)	Qualitativa/ Pesq. de campo	Brasil	Psicologia	78 Jovens	Questionário
Albuquerque (2011)	Quantitativa/ Pesq. documental	Portugal	Economia	ECHP	Análise estatística descritiva
Takagi e Silverstein (2011)	Quantitativa/ Pesq. documental	Japão	Gerontologia	NUJLSOA	Análise estatística
Schwartz e Ayalon (2015)	Qualitativa/ Pesq. de campo	Israel	Gerontologia	14 mães idosas	Entrevista semiestruturada
Silva et al. (2015)	Qualitativa/ Pesq. de campo	Brasil	Enfermagem	32 pessoas idosas	Entrevista semiestruturada
Pilkauskas e Cross (2018)	Quantitativa/ Pesq. documental	EUA	Políticas públicas	SIPP e ACS	Análise estatística
Han, Whetung e Mao (2019)	Quantitativa/ Pesq. de campo	China	Sociologia, psicologia e políticas públicas	Pais e Professores de 1.763 estudantes	Questionário
Montoro-Gurich e Garcia-Vivar (2019)	Quantitativa/ Pesq. documental	Países da Europa Ocidental	Enfermagem	EUROSTAT/EVS	Análise estatística
Cunha e Dias (2019)	Qualitativa/ Pesq. de campo	Brasil	Psicologia	9 mães idosas	Entrevista semiestruturada
Camarano (2020)	Quantitativa/ Pesq. documental	Brasil	Economia	PNAD-Contínua	Análise estatística

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

3.2.2. Características das famílias multigeracionais dos estudos

Diante da diversidade cultural dos estudos, essa categoria será apresentada subdividida por localidade das pesquisas selecionadas.

3.2.2.1. Brasil

Nas quatro pesquisas realizadas no contexto brasileiro, percebe-se que houve uma predominância feminina residindo nos lares multigeracionais, principalmente na 1^a e 2^a

² Os significados de todas as siglas das fontes documentais apresentadas neste quadro constam na lista de siglas e abreviaturas no início desta tese.

gerações (CAMARANO, 2020; CUNHA; DIAS, 2019; DIAS; AGUIAR; HORA, 2010; SILVA *et al.*, 2015). Isso corrobora o fenômeno da “feminização da velhice”, o qual está associado a uma maior mortalidade masculina por conta das diferenças de gênero nas condições de vida de homens e mulheres. Outro fator relacionado a esse cenário consiste na influência das atribuições referentes ao papel feminino, como responsável pelos cuidados com o lar e com os outros membros da família (LINS DE BARROS, 2013).

No que se refere à média de idade das gerações que compõem os lares multigeracionais houve uma variação, embora em algumas dessas pesquisas não tenham sido expostas essas informações detalhadamente. Foi percebido que na primeira geração houve uma prevalência de “idosos jovens”, que são aqueles entre 60 a 74 anos. Já a terceira geração variou entre netos bebês até netos jovens adultos, entretanto, houve uma predominância de netos adolescentes. Nos estudos em questão, não foi possível identificar as idades da segunda geração.

Notou-se a importância da renda das pessoas idosas para a manutenção desses lares multigeracionais brasileiros. Na análise documental realizada por Camarano (2020), a autora verificou que as pessoas idosas vêm assumindo um protagonismo muito importante no que se refere aos tipos de arranjos familiares e à chefia da casa. Neste contexto, os lares com idosos residentes possuíam uma maior renda em comparação aos domicílios sem idosos. Essa renda era decorrente tanto da aposentadoria e dos benefícios sociais quanto de trabalhos informais realizados pelos idosos.

Na pesquisa de Dias, Hora e Aguiar (2010), a média de convivência em lar multigeracional foi de 15 anos. Destaca-se que cerca de 53% dos jovens que responderam ao questionário moravam com os avós e ambos os pais, enquanto que 47% residiam com apenas um dos pais e os avós. Nesse aspecto, o estudo de Cunha e Dias (2019) apresentou um tempo de convivência entre seis meses a 12 anos. Nos outros estudos não foi possível especificar o período de coresidência.

Na investigação desenvolvida por Silva *et al.* (2015), foi realizado um recorte da amostra total (N=32) para compor apenas as informações referentes às 13 famílias que moravam em lares multigeracionais. Dentre essas famílias, sete idosos eram casados. Assim, em relação ao estado civil das pessoas idosas, grande parte da amostra desses estudos brasileiros foi constituída de mulheres casadas, seguidas de mulheres viúvas. Cabe destacar que a situação conjugal dos filhos adultos, a autonomia financeira, a situação laboral e o estado de saúde foram percebidos como fatores influenciadores na formação dos lares multigeracionais, ou seja, foram trazidos nas entrevistas como aspectos que motivaram a formação desse tipo de arranjo familiar.

Em acréscimo, a pesquisa de Dias, Hora e Aguiar (2010) identificou que a iniciativa de morar junto foi, em sua maioria, dos pais de jovens participantes (a segunda geração).

3.2.2.2. China

O estudo de Han, Whetung e Mao (2019) foi viabilizado com a participação de pais e professores de crianças do ensino fundamental público de Xangai. Sendo essas crianças pertencentes a lares multigeracionais. Mais de 80% da amostra tinha dois salários, caracterizando uma renda familiar ligeiramente acima da média para a localidade. Foi identificado que 34% da amostra eram famílias migrantes que se mudaram de comunidades rurais para Xangai. Ademais, não foi possível detalhar os dados dos membros dessas famílias multigeracionais. Entretanto, pode-se obter informações quanto aos aspectos culturais que influenciam a formação desse tipo de organização familiar. Em Xangai, os aumentos dos preços das habitações e a desigualdade de distribuição de recursos sociais levaram muitas famílias a formarem lares multigeracionais como uma forma de apoio financeiro entre as gerações. Outro fator explorado pelo estudo foi o fornecimento inadequado e de alto custo das creches para bebês, o que influenciou a decisão de muitos pais de buscarem o cuidado dos avós para com seus netos e, com isso, optaram por morar em domicílios multigeracionais.

Neste contexto de renda e status familiar, foi explicitado pelos pesquisadores o sistema de registro doméstico usado na China continental, o chamado *hukou*, que determina diferenças de acordo com a zona de nascimento da pessoa (rural ou urbana). Esse sistema provoca grandes desigualdades no acesso a recursos de saúde, educação e outros direitos. Neste cenário, os autores relacionam o *hukou* à decisão das famílias de buscarem arranjos familiares multigeracionais, onde haveria a soma da renda dos membros da família e a divisão das despesas domésticas.

3.2.2.3. Japão

Na pesquisa de Takagi e Silverstein (2011) os pais idosos tinham uma idade média de 75 anos, sendo 43% do sexo masculino e 39% viúvos. Foi identificado que 90% possuíam a casa própria e tinham uma renda familiar dentro da média. Com relação aos filhos adultos, estes possuíam média de idade de 47 anos e 73% deles tinham um filho em idade pré-escolar (terceira geração).

No contexto japonês, os filhos eram mais propensos a conviver com os pais, em comparação às filhas, principalmente os filhos mais velhos. Neste cenário, a família

multigeracional tem como pano de fundo as fortes expectativas culturais de “piedade filial” por parte dos filhos homens, mais velhos e casados. Os autores nomearam de “ideal confucionista de piedade filial” as exigências de que os filhos adultos respeitem e atendam primeiro às necessidades dos pais idosos, reconhecendo os sacrifícios anteriores dos pais e cuidando deles na velhice.

Entretanto, com o passar dos anos, a relação entre famílias multigeracionais e normas filiais tem se tornado cada vez menos determinista. Sendo assim, elas vêm significando mais um guia do que uma regra absoluta. Os pesquisadores apontam para uma questão de que esse tipo de arranjo familiar esteja se tornando um tipo de mercadoria, em que a coresidência está baseada em negociações de recursos e necessidades, com um foco principal dividir as despesas do lar.

Outra demanda que foi identificada como influente na formação desses arranjos é a questão de gênero. Nas sociedades patrilineares, no leste asiático, os pais idosos preferem viver com os filhos casados do que com as filhas casadas. Nesse cenário, as noras podem relutar em aceitar a coresidência com os pais de seus maridos, pois esse tipo de arranjo leva a que elas assumam os deveres de cuidado com seus sogros, diante da tradição cultural.

Um fator importante que foi ressaltado pelos autores foi que o poder aquisitivo e o *status* social de pais idosos e filhos adultos vão diferenciar a chefia desses lares. Especificamente no Japão, a chefia da família carrega um *status* cultural único e reflete em quem na família irá exercer mais poder sobre os assuntos e decisões familiares. Assim, eles acrescentam que, quando os recursos permitem, alguns pais idosos escolhem uma vida independente dos seus filhos. Entretanto, em se tratando de lares multigeracionais, quando os pais idosos detêm a maior renda e a chefia da casa, eles mantêm o poder socioeconômico e simbólico sobre os seus filhos adultos dentro de casa.

3.2.2.4. Israel

No estudo de Schwarts e Ayalon (2015) é evidenciada a experiência de mães idosas que recebem seus filhos adultos de volta à sua casa. As 14 mães participantes da pesquisa tinham entre 58 a 74 anos de idade, sendo nove aposentadas e casadas. Já os filhos adultos tinham entre 30 a 40 anos de idade, sendo nove homens e cinco mulheres. Não há informações sobre as características da terceira geração.

De acordo com os autores, Israel constitui uma sociedade em transição, em que convivem, por um lado, os valores tradicionais familiares de interdependência e cuidados e, de outro, os valores modernos de individualidade e independência. O apoio fornecido pelo

Governo de Israel para com os idosos é considerado generoso, enquanto para as gerações mais jovens há mais limitações. Esse fator é tido como uma das motivações para a formação dos lares multigeracionais.

3.2.2.5. Estados Unidos

No estudo de análise documental de Pilkauskas e Cross (2018) são analisados os dados da pesquisa nacionalmente representativa da população não institucionalizada americana por meio do Censo EUA. As altas taxas de divórcio, fertilidade sem matrimônio e aumento da longevidade constituem os fatores que influenciam a formação de arranjos familiares multigeracionais nesse contexto. Os autores indicaram que houve um aumento na proporção de crianças que vivem em lares compartilhados com idosos.

Os pesquisadores apontaram para a diminuição da proporção de mães jovens (menores de 18 anos) que residem em um domicílio com três gerações, enquanto a proporção de mães corresidentes, com idade entre 40-49 anos, em famílias de três gerações quase dobrou. A coresidência salientou ser mais comum entre famílias de baixa renda. No entanto, notou-se um aumento no percentual de coresidência em famílias economicamente favorecidas.

Outro fator encontrado na pesquisa americana foi que o aumento da coresidência, associado ao aumento do recebimento da Previdência Social, pode estar relacionado ao fato desses pais idosos apresentarem uma estabilidade econômica em relação aos outros membros da família. Em contrapartida, os autores observaram que o *Medicaid*, um programa de saúde social dos EUA (destinado para famílias e indivíduos de baixa renda), influenciou na redução do ritmo de crescimento da coresidência.

3.2.2.6. Países da Europa Ocidental

Em Portugal, por meio dos dados da pesquisa de Albuquerque (2011), os avós corresidentes apresentaram uma média de idade entre 65,2 e 66,3 anos. Assim como as pesquisas brasileiras, há um maior percentual de mães idosas que corresidem com os filhos adultos, e que, muitas vezes, são idosas viúvas que não casaram novamente. Essas mulheres apresentam-se exercendo um papel tradicional de cuidado e a maioria dessas famílias de três gerações possuía netos menores de 18 anos.

A pesquisa apontou que os lares com pais idosos tinham pelo menos uma geração mais jovem que não trabalhava (entre 31% a 38% dos lares), enquanto a geração mais velha continuava exercendo alguma atividade laboral. Em mais da metade desses arranjos familiares as pessoas idosas eram as chefes de família. Muitas dessas mães idosas exerciam o cuidado

com pelo menos um neto de até cinco anos de idade. Todavia, não ficou claro se o cuidado com os netos foi uma motivação da coresidência ou se foi uma consequência secundária.

Tal como ocorre em outros países, a coresidência em Portugal foi relacionada como uma estratégia para gerar melhores condições de vida buscando reunir recursos financeiros dos membros da família. Diante dos dados, não foi possível estabelecer apenas uma geração beneficiária dos lares multigeracionais, pois foi compreendido que essa formação familiar ocorre por meio de uma mistura de interesses e necessidades das gerações.

Os valores transmitidos às famílias europeias também foram indicadores da busca pela formação de lares com três gerações, como: cuidado de idosos frágeis, busca por uma sociedade mais coesa e promoção de mais compartilhamento de conhecimento e envolvimento entre as gerações (MONTORO-GURICH; GARCIA-VIVAR, 2019).

Países como Espanha e Itália têm uma tradição familiar muito forte e acreditam mais na responsabilidade de cuidar dos pais idosos que precisam de cuidados em longo prazo, principalmente no contexto de idosos mais velhos que precisam de assistência maior devido aos adoecimentos causados pela idade avançada. Na pesquisa de Montoro-Gurich e Garcia-Vivar (2019), a coresidência também surgiu devido à emancipação tardia dos filhos adultos, que buscam evitar a queda do padrão de vida diante do aspecto financeiro limitado e o alto custo de moradia na Europa. Na Itália, a idade em que os jovens saem de casa apresenta como média 30 anos, enquanto que na Alemanha e França têm uma média entre 23 e 24 anos e no Reino Unido entre 20 a 21 anos de idade.

3.2.3. Relacionamento e solidariedade entre as gerações nos lares multigeracionais

Tendo em vista as sete dimensões do modelo da Solidariedade Intergeracional Familiar (SIF) de Bengtson e colaboradores (1991, 2002) analisou-se as informações dos artigos selecionados buscando identificar os aspectos dos relacionamentos intergeracionais nesses lares que se encaixavam nessas dimensões. Foram retiradas as dimensões associativa e estrutural, pois se referem a familiares que residem em casas diferentes. Assim, foi possível reunir características de cinco dimensões: afetiva, consensual, funcional, normativa e conflitiva.

3.2.3.1. Dimensão Afetiva

Essa dimensão representa os sentimentos presentes nas relações entre as gerações dos estudos selecionados, conforme mostra o Quadro 8.

Quadro 8 - Dimensão afetiva: sentimentos com relação aos relacionamentos entre as gerações.

Autores	Benéficos	Não-benéficos
Dias, Hora, & Aguiar (2010)	Felicidade pela oportunidade de convívio com uma geração diferente e gratidão.	-
Silva <i>et al.</i> (2015)	Respeito e profunda ligação afetiva.	Insatisfação com as condutas da outra geração.
Schwartz & Ayalon (2015)	Tranquilidade de estar perto cuidando, satisfação em poder contribuir e ser a “mãe salvadora” (forte e indispensável).	Exaustão, sobrecarga física e emocional, culpa, fracasso, decepção (consigo e com a outra geração).
Cunha & Dias (2019)	Tranquilidade, satisfação e reciprocidade.	Desconforto, mal-estar, sobrecarga, angústia e sentimentos ambivalentes.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nas quatro pesquisas destacadas no Quadro 8 foi possível perceber que as relações entre as gerações nos lares multigeracionais são permeadas de diversos sentimentos, desde os benefícios que contribuem para a manutenção de relações saudáveis, até sentimentos que prejudicam o convívio intergeracional e a saúde dos membros da família.

Nesses estudos, as experiências relacionais positivas foram ligadas à existência de trocas intergeracionais marcadas pelo diálogo, profunda ligação afetiva construída ao longo do tempo e respeito às diferenças geracionais.

3.2.3.2. Dimensão Consensual

Nessa segunda dimensão foram identificadas como as situações que envolviam a concordância e aceitação de valores, opiniões e regras entre as gerações que convivem no mesmo lar, conforme mostra o Quadro 9.

Quadro 9 - Dimensão consensual: concordância em opiniões, valores e orientações entre gerações.

Autores	Acordos entre as gerações
Dias, Hora, & Aguiar (2010)	Acordos de objetivos educativos para com a 3ª geração e acordos de valores de respeito e hierarquia familiar.
Takagi & Silverstein (2011)	Acordos nas dinâmicas de poder dentro do lar.
Silva <i>et al.</i> (2015)	Concordância de valores provenientes de diferenças geracionais.
Schwartz & Ayalon (2015)	Acordo de interesses e regras da casa.
Cunha & Dias (2019)	Combinação das regras da casa e sistema de hierarquia.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A partir da observação do Quadro 9, compreende-se que as diferenças geracionais são acentuadas por meio do convívio diário na mesma residência. Com isso, é necessária a realização contínua de acordos de opiniões, valores e orientações entre as gerações. Destaca-se aqui a questão da necessidade de concordância das regras do lar e da definição dos papéis hierárquicos dentro da família.

3.2.3.3. Dimensão Funcional

A partir da análise dos estudos, esta foi a dimensão mais rica de informações. Em todas as pesquisas, observou-se que a família multigeracional foi relacionada a uma rede de segurança, resiliência socioeconômica e assistencial, conforme mostra o Quadro 10.

Quadro 10 - Dimensão funcional: suporte e apoio familiar entre as gerações.

Autores	Filhos adultos para com seus pais idosos	Pais idosos para com seus filhos adultos	Avós para com seus netos	Netos para com seus avós
Dias, Hora, & Aguiar (2010)	Cuidados de saúde.	Ajuda na educação da 3ª geração.	Contribuições educativas e referência de apoio e abrigo.	Companhia e cuidados de saúde.
Albuquerque (2011)	Ajuda para lidar com a perda do cônjuge e cuidados de saúde.	Ajuda nos cuidados com a 3ª geração e ajuda financeira.	Cuidados.	-
Takagi & Silverstein (2011)	Cuidados de saúde e apoio emocional.	Suporte financeiro e assistência no cuidado com a 3ª geração.	Cuidados.	-
Silva et al. (2015)	Cuidados de saúde, companhia e suporte nas tarefas domésticas.	Ajuda nos cuidados com a 3ª geração.	Cuidados.	Companhia e cuidados de saúde.
Schwartz & Ayalon (2015)	Companhia.	Apoio emocional, suporte financeiro e cuidados domésticos.	Cuidados.	Companhia.
Pilkauskas & Cross (2018)	-	Suporte financeiro e prover assistência.	Prover assistência.	-
Montoro-Gurich & Garcia-Vivar (2019)	Assistência de saúde e resolução de problemas administrativos.	Ajuda na supervisão da 3ª geração e ajuda financeira.	Cuidados.	-
Cunha & Dias (2019)	Companhia, cuidados de saúde e ajuda nas despesas da casa.	Realização das atividades domésticas, cuidados e ajuda nos cuidados com a 3ª geração.	Cuidados.	Companhia.
Han, Whetung, & Mao (2019)	Cuidados de saúde e moradia.	Suporte nos cuidados com a 3ª geração, ajuda na gestão doméstica e suporte financeiro e afetivo.	Cuidados e suporte no desenvolvimento escolar dos netos.	-
Camarano (2020)	-	Suporte financeiro e moradia.	-	-

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Observando o Quadro 10, verifica-se que um dos maiores suportes fornecidos pelas pessoas idosas é o cuidado com a terceira geração, principalmente quando se trata de mulheres idosas. Os dados das pesquisas apontaram ainda que, conforme a idade dos avós aumenta, eles tendem a receber mais cuidados de saúde e reduzir o fornecimento de cuidados domésticos.

Além desses fatores, também é possível notar a presença da companhia como outro aspecto presente no fornecimento de suporte entre filhos adultos e pais idosos, bem como entre netos e avós. Outro fator em destaque no Quadro 10, se refere ao grande número de ajuda financeira dos pais idosos para com seus filhos corresidentes, sendo fonte de estabilidade de recursos financeiros e materiais. Nesse quesito, Camarano (2020) analisa uma recente e importante variável: os impactos da COVID-19, no ano de 2020, na renda das famílias de idosos. A autora traz o fato das mortes provocadas pela pandemia, sendo 74,7% dos óbitos entre pessoas com 60 anos ou mais e aponta que, se todas as pessoas idosas morressem, cerca de 31 milhões de pessoas de outras gerações iriam ter a sua renda mensal per capita reduzida. Sem contar os lares onde a única fonte de renda são as das pessoas idosas. Como se pode observar, esse constitui um fator que interfere diretamente na situação financeira das famílias multigeracionais.

3.2.3.4. Dimensão normativa

Nessa dimensão foi possível identificar as expectativas de obrigações filiais e parentais que foram trazidas explicitamente pelos estudos selecionados (Quadro 11).

Quadro 11 - Dimensão normativa: expectativas de obrigações filiais e parentais.

Autores	Dos filhos adultos	Dos pais idosos
Cunha & Dias (2019), Silva et al. (2015) e Dias, Hora, & Aguiar (2010)	Expectativa de receber contribuição com os cuidados a 3ª geração.	Expectativa de receber cuidados na velhice, principalmente em momento de adoecimento.
Montoro-Gurich & Garcia-Vivar (2019)	Expectativa de receber contribuição com os cuidados a 3ª geração.	Expectativa do dever familiar de receber apoio em situação de adoecimento (tradição familiar).
Takagi & Silverstein (2011) e Han, Whetung, & Mao (2019)	Expectativa de receber contribuição com os cuidados a 3ª geração.	Expectativa de receber respeito e ser atendidos nas suas necessidades, garantir “piedade filial” por meio da convivência intergeracional e acolhimento na moradia.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Por parte dos pais idosos percebe-se a forte expectativa de que os filhos cumpram um papel de fornecer cuidados na velhice, já por parte dos filhos adultos houve a expectativa de que os pais idosos ajudem nos cuidados com a terceira geração (fatos também evidenciados na dimensão funcional).

Na pesquisa de Takagi e Silverstein (2011), 65% dos pais idosos concordavam que os filhos deveriam ter responsabilidades filiais com eles. Os autores apontaram que nos casos em que os pais idosos corresidentes possuíam um poder aquisitivo grande, eles poderiam utilizar esse poder como elemento de “coerção de piedade filial”, ou seja, enfatizar os cuidados que os filhos devem ter com seus pais dentro de uma expectativa normativa. É acrescentado ainda que, dessa forma, esses pais idosos “comprariam” essa convivência multigeracional.

3.2.3.5. Dimensão conflitiva

Nessa última dimensão, na contramão da dimensão consensual, também foi percebido que a situação de coresidência com três gerações pode acarretar conflitos, sobrecarga e exploração diante dos motivos apresentados no Quadro 12.

Quadro 12 - Dimensão conflitiva: motivações de tensões e divergências entre as gerações.

Autores	Motivações dos conflitos
Takagi & Silverstein (2011)	Obrigações filiais.
Schwartz & Ayalon (2015)	Dificuldade da extensão do papel parental devido à recoabitação; Falta de privacidade; Interferências nas escolhas da outra geração; Estilos de vida diferentes.
Cunha & Dias (2019) e Silva et al. (2015)	Atitudes invasivas dos pais idosos na educação da 3ª geração; Desobediência e desrespeito por parte dos netos; Não aceitação de opiniões diferentes e insatisfação quanto à conduta da outra geração.
Han, Whetung, & Mao (2019)	Diferenças de estilos parentais.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nesse contexto, a pesquisa de Schwartz e Ayalon (2015) identificou alguns tipos de mães de filhos recoabitantes: *mãe salvadora*, *mãe ambivalente* e *a mãe envolvida*. A primeira consiste na mãe que se considera como única fonte de apoio dos filhos e netos, julgando o(a) seu(sua) filho(a) como incapaz de tomar decisões sozinho(a). Dessa forma, ela define todas as

regras da casa, inclusive as que se referem à educação de seus netos e, seu(sua) filho(a), deve se ajustar para evitar discussões e satisfazer as normas ditadas pela mãe.

O segundo tipo de mãe adota um papel ambivalente quanto à atual função materna com a volta do(a) filho(a) à residência paterna. Essa mãe se apresenta confusa, uma vez que, por um lado, admite que o(a) filho(a) é adulto(a) e, por outro, tem a sensação que ele voltou a ser criança diante da recoabitação. Nesse contexto, essa mãe se questiona se ela deve retomar o papel ativo da parentalidade, pois percebe a volta do(a) filho(a) como um fracasso. Essa ambivalência de papéis se estende aos netos, em que por alguns momentos há uma extrema clareza das fronteiras entre as funções de avó e de mãe, mas, ao mesmo tempo, pode ocorrer uma interferência na educação dos netos sobrepondo-se às normas dos seus filhos adultos.

E, por fim, o terceiro tipo de mãe exerce um papel dominante e está envolvida diretamente na resolução de problemas do lar. Essa mãe investe grande energia física e emocional para lidar com as situações que envolvem a família, chegando a afetar a sua saúde. Ela assume as responsabilidades de outras gerações e, se não o faz, se sente culpada. Diferente da mãe salvadora, que consegue ter um espaço para cuidar de si, a mãe envolvida não consegue se desvincular dos problemas e necessidades das outras gerações. E, ainda, busca aparentar ser forte a todo o tempo, não demonstrando estar sobrecarregada ou exausta.

3.3. Sintetização da revisão

Diante das informações coletadas nesta revisão foi possível observar o panorama dos lares multigeracionais em diferentes países, identificando aspectos de convergência e divergência cultural na formação e dinâmica dessas famílias. Nas categorias de análise, sob a perspectiva do modelo SIF, verificou-se que nesse tipo de arranjo familiar desenvolvem-se vínculos de solidariedade por meio de relações intergeracionais baseadas no cuidado, apoio emocional e trocas de recursos financeiros e materiais. Por outro lado, também estão presentes os conflitos e tensões, provenientes das diferenças de valores sociais e de estilo de vida entre as gerações, bem como decorrentes das obrigações filiais e das dificuldades de extensão do papel parental pelos avós diante da recoabitação dos filhos.

Neste estudo, também foi possível notar que a formação desses lares multigeracionais geralmente está associada a situações de crise financeira e separação conjugal dos filhos adultos, problemas de saúde dos pais idosos, bem como a necessidade de suporte no cuidado a crianças e adolescentes. Dessa forma, quando ocorre reciprocidade nos relacionamentos e trocas intergeracionais, esse tipo de arranjo familiar possibilita ganhos para todas as gerações.

Mostra-se imperioso destacar o impacto da morte abrupta de pessoas idosas devido à pandemia da COVID-19 nas famílias, no que se refere ao protagonismo desses idosos no suporte financeiro e emocional às gerações mais jovens. Desse modo, o presente estudo pode contribuir para a compreensão da convivência intergeracional nos arranjos familiares multigeracionais e sua influência na saúde de seus membros, como também colaborar no processo de formulação de intervenções e políticas públicas de promoção de apoio e bem-estar às diferentes gerações na família.

Caminho metodológico

Capítulo 4



4 CAMINHO METODOLÓGICO: percursos e atravessamentos

Neste capítulo serão apresentados os objetivos e o caminho metodológico planejado, desenhado e construído para realização deste estudo. O objetivo geral da tese foi compreender a solidariedade intergeracional familiar nos lares multigeracionais, após a recoabitação. Especificamente almejou-se:

1. Caracterizar os sentimentos e as avaliações expressos pelas gerações no que diz respeito aos seus relacionamentos;
2. Identificar a proximidade, frequência e características das interações entre as gerações;
3. Identificar fatores de conflitos e as estratégias utilizadas para lidar com eles;
4. Analisar a percepção das gerações acerca do suporte e apoio familiar fornecido e recebido entre elas;
5. Averiguar as expectativas de obrigações filiais e parentais relacionadas aos papéis familiares.

4.1. Contornos da pesquisa

No planejamento desta pesquisa buscou-se encontrar narrativas que trouxessem as experiências construídas entre os encontros intergeracionais de famílias ao longo do tempo. Para tanto, foi desenhado um contorno metodológico de natureza qualitativa em busca de um conhecimento das histórias, relações, crenças e percepções de subjetividades que vivenciam uma realidade social dinâmica e rica de significados (MINAYO, 2014).

De acordo com Gil (2010), os fatos sociais raramente podem ser investigados como coisas, pois são concebidos por pessoas que sentem, pensam, agem e reagem, e, com isso, direcionam as subjetividades de formas distintas. Em consonância com esse pensamento, Minayo (2014) aponta que as pesquisas sociais contemporâneas precisam buscar compreender os diferentes tempos vivenciados no mesmo espaço, pois eles estão presentes nas interpretações que as pessoas fazem de como vivem, constroem, sentem e pensam. Dessa forma, o presente estudo considera que o conhecimento científico é produzido por meio da busca de uma dialética entre a teoria e a realidade empírica.

O intuito de ouvir as vozes de gerações diferentes, proposto nesta pesquisa, considera o que o sociólogo Mannheim (1993) apontou no texto “*O problema das gerações*”: cada geração

constrói sua própria tendência e potencialidade de dentro de si mesma e por isso torna-se propriamente uma unidade qualitativa. O autor acrescenta que é importante considerar que mesmo diante de uma mesma geração as pessoas não possuem as mesmas experiências e trajetórias de vida.

Da mesma forma, como afirmou Minayo (2014, p. 41), “os pesquisadores são, dialeticamente, autores e frutos de seu tempo histórico”. No processo de construção de conhecimento científico, o pesquisador também consiste em um ator que sente, age e influencia as escolhas e percursos sobre o que investiga (GIL, 2010). Desse modo, considerando todos esses aspectos, a pesquisa, enquanto criação ativa, envolve uma produção contínua de interpretações que trazem contribuições e novas reflexões sobre uma temática.

4.2. Contexto da pesquisa: pandemia e isolamento social

No século I a. C. disse Pompeu, general romano: “*Navegar é preciso, viver não é preciso*”. Dentro de uma interpretação desta frase onde “precisar” se veste de adjetivo enquanto sinônimo de “exatidão”, pode-se revelar a essência da existência. Apesar de qualquer planejamento, roteiro e direcionamento, não há precisão no viver. A pesquisa enquanto uma ação inserida em um período histórico e social, como todo o fenômeno da vida, está à mercê dos atravessamentos de situações inesperadas que demandam novas rotas e sentidos.

Em 2020, em nível mundial, a pandemia da COVID-19 trouxe grandes mudanças e ocasionou uma crise sanitária e humanitária, bem como vem impactando em outras dimensões da vida humana. Esta pandemia evidenciou uma intensa transformação nos relacionamentos sociais e nos estilos de vida. As pessoas se depararam com um complexo nível de vulnerabilidade sem precedentes nas gerações atuais.

Nesse cenário, não há como a construção da pesquisa passar despercebida e muito menos ileso à existência desses fatos. Diante das incertezas geradas, as rotas não poderiam ser mais as mesmas, forçando a necessidade de reconstrução do fazer da pesquisa de campo. Novos protocolos de segurança em saúde, reavaliação da dimensão do campo, reorganização dos recursos e ajustes no cronograma foram necessários para a continuidade daquilo que se almejou lá no início de 2018.

Se há alguém lendo esta pesquisa de tese neste momento é porque foi permitido à pesquisadora seguir caminhando, mesmo com diferentes passos. Não por acaso ou sorte, mas por um movimento de desejo interno que permitiu a esta autora continuar em um trajeto de

coragem, paciência e acolhimento consigo mesma. E isso foi possível pela permissão do tempo que, como disse o poeta brasileiro Manoel de Barros: “o tempo só anda de ida”.

4.3. Participantes

A pesquisa foi realizada com três famílias multigeracionais. Foi entrevistada uma pessoa de cada geração sendo um total de nove participantes. Os critérios de inclusão para a participação foram: residir em um lar multigeracional decorrente da recoabitação, por parte da 2ª geração, por, no mínimo, seis meses; a 1ª geração ter 60 anos ou mais e a 3ª geração possuir idade a partir dos 11 anos. Não foram delimitados critérios quanto ao sexo, escolaridade e classe social dos participantes.

Quadro 13 - Perfil sociodemográfico dos participantes.

Família	Nome	Idade	Sexo	Escolaridade	Profissão	Renda	Estado Civil	Religião
Suassuna	Salete	74	F	Superior Completo	Aposentada/ Professora	R\$ 3.000,00	Casada	Católica
	Simone	44	F	Superior Completo	Professora	R\$ 2.300,00	Casada	Católica
	Sara	20	F	Superior Cursando	Técnico no TJPB	R\$ 1.500,00	Solteira	Católica
Drummond	Dolores	72	F	2º Grau Completo	Aposentada/ Professora	R\$ 11.000,00	Viúva	Católica
	Dávila	47	F	Superior Completo	Servidora Pública	R\$ 3.000,00	Divorciada	Católica
	Diana	15	F	Ensino Médio Cursando	-	-	Solteira	Católica
Lispector	Liliana	73	F	2º Grau Incompleto	Aposentada	R\$ 1.045,00	Viúva	Evangélica
	Laísa	50	F	Superior Completo	Professora	R\$ 1.045,00	Casada	Evangélica
	Liam	16	M	Ensino Médio Cursando	-	-	Solteiro	Não tem

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No Quadro 13 é possível observar os perfis sociodemográficos dos membros das famílias participantes deste estudo. Como forma de resguardar suas identidades, os participantes receberam nomes fictícios, assim optou-se por colocar sobrenomes de três poetas. Em linhas gerais, percebe-se que, mesmo não sendo o objetivo desta pesquisa, houve uma predominância feminina, com exceção apenas da 3ª geração da Família Lispector.

A religião predominante entre os entrevistados foi a Católica, seguida da Evangélica. No decorrer das entrevistas da 1ª e 2ª geração, as participantes traziam aspectos religiosos em

sua fala como forma de desejar proteção e bons sentimentos à sua família, principalmente para a 3ª geração.

4.4. Instrumentos

Neste tópico, serão apresentados os diferentes instrumentos que foram utilizados em busca dos relatos das experiências das famílias. A ordem apresentada foi a mesma que foi realizada no momento dos encontros com as gerações.

1. *Questionário biosociodemográfico*: para coletar as informações básicas dos membros das famílias, como: idade, sexo, prática religiosa, escolaridade, profissão/ocupação, renda, estado de saúde, entre outros (Apêndice A).
2. *Roteiro de entrevista semiestruturada*: composto por 20 questões que atendiam aos objetivos da pesquisa baseada no Modelo de Solidariedade Intergeracional Familiar (SIF) (Apêndice B). A entrevista refere-se a uma conversa com finalidade, na qual cada pergunta faz parte do delineamento do objeto, permitindo ampliar e aprofundar a comunicação e contribuindo para a compreensão do ponto de vista dos interlocutores (MINAYO, 2014).

Durante a realização da entrevista, em momentos específicos, foram realizados os seguintes instrumentos:

1. *Lista de sentimentos*: uma lista, produzida pela pesquisadora, com 27 sentimentos diversos (Apêndice C). O objetivo consistiu em identificar na dimensão “afetiva” quais os sentimentos que permeavam as relações intergeracionais nessas famílias. Em certo momento da entrevista, os participantes eram requisitados a ler a lista e circular 3 sentimentos que, para eles, se referiam ao contexto do seu lar multigeracional. Durante a seleção dos sentimentos, os participantes comentavam a sua escolha, explanando situações e experiências que recordavam.
2. *Diagrama de Escolta Social/Comboio Social*: proposto por Kahn e Antonucci nos anos 80 e adaptado para versão brasileira por Paula-Couto *et al.* (2008). Foi utilizado com o propósito de investigar a rede de relações interpessoais das famílias selecionadas. Esse

modelo contribui para a avaliação das dimensões “funcional” e “associativa”, por meio da compreensão da estrutura e funcionalidade da rede de apoio social das pessoas. Inicialmente ocorre a análise da estrutura por meio da identificação das pessoas que os participantes consideram próximos. Posteriormente, na questão da funcionalidade, são avaliadas as características e dinâmicas das relações do participante com as pessoas que ele adicionou na sua rede de suporte.

Esse modelo é apresentado por meio de uma estrutura gráfica composta por três círculos concêntricos e hierárquicos com o participante representado no meio pela palavra “você”. Foram fornecidos recortes de desenho de bonecos (femininos e masculinos) para que fossem colados nos círculos. No círculo 1 é requisitado que sejam inseridas as pessoas que são muito próximas do participante e que ele não consegue imaginar a vida sem elas. Em seguida, no segundo círculo é solicitado que sejam identificadas as pessoas que são próximas do participante, mas que ainda não foram citadas. E, por fim, no círculo 3, são colocadas as pessoas que ainda não foram mencionadas, porém que são importantes. Após o preenchimento, são realizadas perguntas sobre os tipos de suportes (recebidos e fornecidos) das pessoas identificadas pelo participante (Apêndice D).

3. *Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF e IPSF-ID)*: desenvolvido por Baptista (2009, 2013; BAPTISTA; SOARES; GRENDENE, 2018). Tem como objetivo avaliar a percepção das pessoas das suas relações familiares no que se refere à afetividade, autonomia e adaptação. O público-alvo do IPSF é de 11 a 57 anos. Para o público com idade maior que 60 anos, o autor Baptista forneceu a esta pesquisadora o IPSF-ID, mencionado em um artigo publicado em 2018. O IPSF possui 42 afirmações relacionadas a situações familiares, nas quais a pessoa deve assinalar a frequência com que cada uma delas acontece em sua família. As respostas são registradas na folha apropriada. Já o IPSF-ID disponibilizado possui 24 afirmativas, onde podem ser marcadas as opções “sim” ou “não”. Ele avalia a percepção do suporte familiar a partir de três dimensões: afetivo-consistente (fator 1), adaptação familiar (fator 2) e autonomia (fator 3). O primeiro fator apresenta vinte e um itens que se referem à expressão da afetividade entre os membros da família (forma verbal e não verbal), bem como o interesse, proximidade, acolhimento, comunicação, interação, respeito, empatia, clareza nas regras intrafamiliares, consistência de comportamentos e verbalizações e habilidades na resolutividade de problemas. O segundo fator abrange treze afirmações sobre sentimentos e comportamentos negativos em relação à família, como raiva,

isolamento, incompreensão, exclusão, não pertencimento, vergonha, irritação, relações agressivas e a percepção de competição entre os membros familiares, se são individualistas e se culpam pelo conflito. O último fator contempla oito itens sobre confiança, liberdade e privacidade entre os membros. Estes inventários não compuseram o apêndice desta tese por se tratar de um instrumento restrito a psicólogos.

4.5. Os encontros com as gerações: procedimentos de coleta de dados

A pesquisadora realizou contato com algumas pessoas próximas que auxiliaram na identificação das famílias que correspondiam ao perfil almejado. Os encontros ocorreram no mês de novembro até dezembro de 2020. As famílias que apresentaram o perfil para participar da pesquisa residiam no interior de Pernambuco, nos municípios de Orobó e Escada.

Orobó é um município localizado no Agreste de Pernambuco e possui uma população estimada em 23.985 habitantes (IBGE, 2021). Em 2019, o salário médio mensal era de 1,6 salários mínimos. De acordo com o Censo de 2010, 90,7% da população de Orobó professa a religião católica (IBGE, 2010). Esse fato é algo evidente e perceptível nos eventos de fé e tradição da cidade, bem como nas crenças e dinâmicas familiares.

O município de Escada está localizado a 60km da capital pernambucana e possui uma estimativa de 69.701 habitantes (IBGE, 2021). Em 2019, o salário médio mensal era de 1,8 salários mínimos. Segundo o Censo 2010, 48,6% da população é da religião católica e 30% são evangélicos (IBGE, 2010). Observa-se um panorama mais diverso e distinto do tradicionalismo da cidade de Orobó.

A partir da investigação que realizou no Mestrado, a pesquisadora compreendeu que no estudo de campo com famílias é um desafio a entrada de uma pessoa externa na casa, enquanto espaço de intimidade e compartilhamento de vínculos daqueles que fazem parte de uma família. Ainda mais quando esta pessoa chega com o objetivo de fazer perguntas sobre os relacionamentos familiares. Assim, o aceite da participação das três gerações e a abertura para a entrada nesses lares multigeracionais foram compreendidos como um privilégio de poder ser ouvinte das diferentes vozes e suas experiências.

A receptividade e os momentos que antecederam as entrevistas foram importantes para a construção de uma relação de respeito e colaboração no decorrer dos encontros. Com isso, foi possível estabelecer um bom *rapport* favorecendo a relação pesquisadora-entrevistados. Neste primeiro momento, realizou-se a apresentação da pesquisadora e das características gerais da pesquisa de tese. Posteriormente, foi feita a leitura do “Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido” para os adultos (Apêndice E) e do “Termo de Assentimento Livre e Esclarecido” (Apêndice F) para os adolescentes, de acordo com as orientações da Resolução nº 466/12 sobre “Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas com Seres Humanos” do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e da Resolução nº 510/2016 do CNS, que se refere a “Ética na Pesquisa na área de Ciências Humanas e Sociais”.

A coleta de dados foi realizada em entrevista única e individual com cada geração, com duração média de 50 minutos. Após a aprovação e assinatura dos termos pelos participantes, deu-se início à aplicação dos instrumentos. As entrevistas foram gravadas com autorização e, posteriormente, transcritas de forma literal.

4.6. Cuidados éticos e de biossegurança

Para a realização desta pesquisa foram obedecidas as orientações do Sistema Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) / Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) / Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CNS) / Ministério da Saúde, criado pela Resolução CNS nº 196/96. Assegurando os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica e aos participantes da pesquisa. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco (CEP/UNICAP) e recebeu o CAAE de número 24377219.1.0000.5206 (Anexo 1).

Diante do contexto causado pela situação anormal caracterizada como “Estado de Calamidade Pública”, nos Municípios do Estado de Pernambuco e no Distrito Estadual de Fernando de Noronha, em virtude da emergência de saúde pública decorrente da COVID-19, foram criados protocolos de biossegurança para coordenar respostas de prevenção e combate a essa doença.

Em se tratando da etapa de pesquisa de campo foram consideradas todas as medidas de biossegurança apresentadas pelos órgãos governamentais e pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Dessa forma foram efetuadas as seguintes mudanças para coleta de dados:

1. Adiamento da coleta de dados para o segundo semestre de 2020;
2. Uso de máscaras cirúrgicas e máscara de proteção facial (*face shield*) durante todos os encontros com os participantes;
3. Higienização das mãos, canetas e mesa com álcool 70%;
4. Escolha de ambientes ventilados para realização das entrevistas;

5. Distanciamento de 1,5m (um metro e meio) entre pesquisadora e participantes.

4.7. Procedimentos de análise dos dados

Um processo de análise do material coletado em campo visa contemplar dois objetivos: 1. *Ultrapassagem da incerteza*, onde busca-se encontrar respostas para as perguntas e hipóteses iniciais, se questionando “será que a minha visão é válida?” e 2. *Enriquecimento da leitura*, no qual objetiva ir além de uma interpretação imediatista buscando uma compreensão mais profunda dos significados e estruturas latentes (BARDIN, 2016).

A análise de conteúdo, segundo Bardin (2016, p. 15), envolve “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. Neste cenário, diante dos vários tipos de análise de conteúdo, nesta tese utilizou-se a “Análise de Conteúdo Temática” com base na estruturação feita por Bardin (2016), bem como nas reflexões adicionais de Minayo (2014) acerca da análise da pesquisa qualitativa no âmbito social e da saúde.

A compreensão do “tema” está relacionada a significados direcionados a um assunto específico. Para Bardin (2016, p. 135) o tema consiste em uma “unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura”. Diante disso, os temas que emergem do material são compreendidos como uma rede complexa de significados, nos quais são utilizados para investigar motivações, atitudes, opiniões, crenças, comportamentos, tendências etc. Esse tipo de análise é considerado transversal, pois ela recolhe categorias a partir dos conteúdos dispostos pelo campo. Com isso, torna-se possível extrair as aproximações e distanciamentos de um conjunto de discursos das pessoas que participaram do estudo.

Dado o exposto, a análise do conteúdo desta tese foi realizada em três etapas apresentadas por Bardin (2016):

1. *Pré-análise*: é a etapa de organização inicial onde ocorre a sistematização das ideias primárias com o objetivo de conduzir o desenvolvimento das etapas seguintes. É composta pela leitura flutuante que possibilita a aproximação com o material a ser analisado, permitindo ocorrer a impregnação do conteúdo por meio do exaustivo contato para, assim, formular algumas hipóteses de trabalho. O conjunto dos materiais submetidos aos procedimentos de análise constitui o *corpus* que, nesta pesquisa, foi composta pelas transcrições das entrevistas e os documentos advindos da aplicação dos instrumentos. Para essa constituição do *corpus*, foram seguidas as

regras expostas por Bardin (2016), são elas: a regra de “representatividade”, na qual a amostra representa o universo; a regra de “exaustividade”, que se refere à consideração de todos os elementos do *corpus*; a “regra da homogeneidade”, na qual todos os encontros com os participantes seguiram a mesma ordem das etapas da coleta de dados, o que possibilitou uma comparação dos resultados individuais *a posteriori*; e a “regra da pertinência” que validou a adequação das fontes de informações em consonância com o caráter qualitativo deste estudo.

2. *Exploração do material*: consiste em separar as categorias ou eixos temáticos, a serem discutidos adiante, com base na aplicação sistemática das decisões tomadas na etapa anterior.
3. *Tratamento dos resultados obtidos e interpretação*: quando ocorre a síntese e seleção dos resultados, realização de interpretações a propósito dos objetivos previstos e com base na literatura consultada.

A partir dessas considerações, no próximo capítulo será apresentado o *corpus* deste estudo que compôs cinco categorias de análise: 1. Sentimentos e avaliações; 2. Aproximações e distâncias; 3. Conflitos e estratégias; 4. Suporte e apoio familiar; 5. Legados familiares: papéis e expectativas.

Análise e Discussão

Capítulo 5



5 ANÁLISE E DISCUSSÃO: as vozes das gerações

Após a explicitação do percurso metodológico, no capítulo anterior, apresenta-se neste momento as análises construídas a partir das vozes das gerações entrevistadas. Inicialmente, foi realizada uma caracterização mais completa das famílias multigeracionais participantes. E, em seguida, as falas das gerações foram organizadas a partir de cinco eixos temáticos, sendo a exposição do conteúdo dividida por gerações das famílias: Suassuna, Drummond e Lispector.

5.1. Caracterização das famílias multigeracionais e das gerações

5.1.1. Família Suassuna

*“A tarefa de viver é dura, mas fascinante”
(Ariano Suassuna)*

Salete (74), Simone (44) e Sara (20) vivem em um lar multigeracional há 19 anos. Na casa, também residem Salomão (45), Samanta (23) e Samuel (10), esposo e filhos de Simone. A matriarca da família, Salete, é casada, mas relata que seu marido reside em uma cidade vizinha com outra família que ele tem e completou dizendo *“ele vem aqui de vez em quando, mas quando chega a gente trata com muito carinho, porque querendo ou não ele é família”*.

Com relação às despesas da casa, Salete e Simone (ambas professoras, sendo uma aposentada) relataram que gastam as suas rendas integralmente, a idosa ainda complementa *“gasto tudo e ainda peço emprestado”*. Em contrapartida, Sara que trabalha no Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPE), relatou que não utiliza a sua renda para as despesas da residência, apenas para suas necessidades. Salomão trabalha como advogado e também contribui para a manutenção da residência, bem como Samanta que trabalha como socorrista do SAMU.

Atualmente, a rotina da família foi modificada devido às circunstâncias da pandemia da COVID-19. Simone passou a ministrar suas aulas em formato remoto, ao mesmo tempo que também ajuda e acompanha o filho Samuel nas aulas remotas da escola. A filha Sara preferiu que seu dia a dia envolve a ida ao trabalho, de segunda a sexta, bem como assistir às aulas remotas da faculdade. Salete, que é aposentada, tem uma rotina voltada para as atividades domésticas e também contribui no acompanhamento escolar do neto Samuel.

A história dessa família apresenta duas recoabitações: a primeira aconteceu quando Simone voltou para a sua cidade natal, após sair do emprego em outro município, em 1998; e a segunda recoabitação ocorreu em 2001 devido à dificuldade de conciliar trabalho, atividades

domésticas e cuidado com as filhas pequenas (Samanta e Sara). Nas palavras de Simone “o aconchego do lar é a melhor coisa que existe [...] o que me motivou é porque a gente sempre volta para o nosso aconchego. Então o suporte sempre foi aqui em casa, mainha sempre foi muito acolhedora”. Sara recorda que tem a sensação de que sempre morou na casa da avó, pois quando lá chegou, ela era um bebê, então toda a infância e adolescência foi vivenciada no lar multigeracional.

A casa dessa família possui muitas histórias das gerações passadas, histórias que se apresentam desde a arquitetura dos cômodos, nos retratos nas paredes, nas pinturas, nos bordados e nos relatos emocionados de Salete contando que sua casa é antiga e vem sendo passada de geração em geração: “vai passando os anos, muitas pessoas vão nos deixando, mas a família continua agrupada aqui”.

Durante os últimos meses, com a pandemia, as gerações consideraram que houve uma aproximação maior entre elas, com o convívio mais intenso devido à suspensão das atividades e a educação remota. Além disso, nesse período, a família passou por momentos de apreensão e dificuldade quando todos da casa testaram positivo para a COVID-19 e a maior preocupação, de acordo com as palavras de Simone, foi a recuperação da sua mãe, por ser idosa. Entretanto, todos se recuperaram e se encontram bem.

Paciência, diálogo e carinho foram os conselhos que as três participantes forneceram para as outras pessoas que moram em um lar multigeracional. A convivência com sua filha e seus netos emocionou Salete no momento em que falou “o conselho que eu dou é que curta bastante, curta bastante toda a companhia e cada detalhe”.

5.1.2. Família Drummond

*“[...] Mãe não morre nunca, mãe
ficará sempre junto de seu filho e
ele, velho embora, ser pequenino
feito grão de milho”.*

(Carlos Drummond de Andrade)

Dolores (72), Dávila (47) e Diana (15) convivem em um lar multigeracional há quatro anos, após o divórcio de Dávila. No começo, apenas a filha e a neta vieram morar com Dolores, após uns anos o seu outro neto, Douglas (17), veio também, depois que o pai se mudou para São Paulo. Em momento próximo ao divórcio da filha, o marido de Dolores faleceu diante do

avanço do quadro da demência por Doença de Alzheimer. Essas duas situações contribuíram para a decisão das gerações de morarem juntas. Nas palavras de Dávila: *“eu me divorciei, aí vim morar aqui. Aí também foi a época que meu pai faleceu de Alzheimer e a minha mãe ficou só. Aí eu achei por bem ficar aqui”*. Diana lembra que antes da separação definitiva, os seus pais brigavam bastante e, após essas brigas, ela e a mãe iam dormir na casa da avó: *“desde sempre quando eles brigavam a gente vinha dormir aqui”*.

Dolores relatou que o ex-marido da sua filha nunca assumiu financeiramente Diana e Douglas e que ela nunca aprovou esse casamento da filha. Mencionou, ainda, que há três meses esse genro³ foi assassinado e isso gerou muito sofrimento nos seus netos.

No âmbito das despesas do lar, Dolores proferiu que gasta em torno de 90% da sua renda com os custos da manutenção da casa e também de despesas relacionadas aos seus netos como plano de saúde, mensalidade e materiais escolares, entre outros. A filha Dávila afirmou que *“todas as coisas de casa quem banca é minha mãe”*, logo, a sua renda é utilizada para outros custos próprios e com seus filhos.

A rotina da família teve algumas alterações devido às aulas remotas emergenciais de Diana e Douglas, que passaram a ficar o dia todo em casa. Dávila, por ter uma loja no comércio junto com sua mãe, sai todos os dias para trabalhar pela manhã, assim como no seu outro vínculo empregatício na prefeitura, no turno da tarde. A idosa Dolores passou a ficar mais em casa e ir com menos frequência à sua loja, para evitar o adoecimento por conta da COVID-19. Ela é a pessoa que fica responsável pelos afazeres domésticos e manutenção das coisas do lar. Nessa temática acrescentou que *“tudo sou eu que resolvo, aqui se faltar um vasilhame de água, eles ficam sem tomar água, esperando eu ir comprar”*.

Sobre morar em um lar multigeracional, Dolores relatou que *“não vou dizer que foi uma opção, porque a gente não faz uma opção por uma coisa dessa, mas foi uma escolha minha, eu quis assumir meus netos, quis ajudar minha filha”*. Antes da recoabitação, de acordo com Dolores, seus netos já viviam na sua casa, só iam para casa para dormir mesmo. Ainda com relação a eles acrescentou que *“são quase meus filhos, eu digo à minha filha: eles são 50% teus e 50% meus”*.

Durante o período de pandemia da COVID-19, a família teve uma convivência mais próxima em casa e Dolores explicou que houve um controle dos netos para ela não sair de casa por fazer parte do grupo de risco. Dávila contou que *“eu era a única que saía nos primeiros*

³ Em conformidade ao artigo 1.595, parágrafo segundo, do Código Civil, com o fim do casamento ou união estável, a permanência do parentesco por afinidade se justifica por questões sociais, morais e éticas. Dessa forma, não há o termo “ex-genro” ou “ex-sogra”.

meses, meu filho achava que eu não devia sair, mas eu tinha que ir trabalhar, aí foi meio complicado, mas a gente conseguiu se ajustar”.

Amor, tolerância, diálogo e muita paciência foram os conselhos fornecidos pelas participantes para as pessoas que convivem com outras gerações na mesma residência. Dávila aconselhou que é melhor ser tolerante, deixar tudo em paz e *“ter o respeito por amizade e não por medo”*.

5.1.3. Família Lispector

“Qualquer um pode amar uma rosa, mas é preciso um grande coração para incluir os espinhos”.

(Clarice Lispector)

Liliana (73), Laísa (50) e Liam (16) convivem em um lar multigeracional há 15 anos. Na residência também moram Lauro (52) e Lael (24), esposo e filho de Laísa, respectivamente, ambos exercem atividade remunerada (guarda municipal e professor). Recentemente, há dois meses, o marido de dona Liliana faleceu diante de complicações de uma pancreatite. Diferentemente das outras famílias deste estudo, a 2ª geração entrevistada neste lar foi a nora. Assim como a família Suassuna, aqui houve duas recoabitações: *“a gente morou juntos uns cinco anos na primeira vez, foi logo quando engravidei. Depois saímos e ficamos cinco anos morando na nossa casa. Depois meus sogros reformaram e aumentaram esta casa, aí resolvemos voltar, desde 2005 que moramos juntos”* (Laísa). O motivo da recoabitação foi para reduzir os custos de aluguel, já que a casa que eles moram hoje é própria. Liliana relatou que *“meu esposo e eu achamos melhor ficar todos juntos, porque futuramente isso aqui é tudo deles mesmo, ele é filho único”*.

No quesito das despesas da casa, Liliana e Laísa afirmaram que tudo é dividido entre as pessoas da casa, com exceção de Liam, que não trabalha. Dessa forma, todos da casa separam parte de sua renda para os custos de manutenção do lar, bem como para gastos pessoais como remédios, passeios, compras, entre outros.

No dia a dia do lar, Liliana e Laísa são as pessoas que ficam mais responsáveis pelas atividades domésticas, Liam estuda em uma escola no modelo semi-integral, Lauro trabalha o dia todo e Lael exerce a função de professor, assim como sua mãe, e atua nos turnos da manhã e tarde. Enquanto que Liliana divide seu tempo em casa e na igreja evangélica que frequenta.

Nos últimos meses, devido à pandemia, a família passou a conviver mais tempo juntos, a partir das mudanças na escola e no trabalho. Laísa afirmou que, devido à mudança do ensino presencial para o ensino remoto, foi possível que ela tivesse mais tempo para ficar com seu sogro no hospital. Relatou ainda que *“ele sempre cuidou dos meus filhos, levava para escola, ia buscar, aí quando ele precisou, eu pude estar com ele, cuidar dele até o final”*. Com relação a esse período, Liam disse que: *“ficamos mais distante dos meus avós pelo medo de contaminar, aí não podíamos mais abraçar eles, uma situação complicada, todos com medo”*. Laísa acrescentou que: *“eu e meu marido ficávamos preocupados com os meninos, que saiam né, preocupação deles trazerem doença para dentro de casa”*.

Amor, união e muita paciência foram os conselhos dados pelas gerações entrevistadas para as famílias que residem em lares multigeracionais. Dona Liliana, muito religiosa, demonstrou sempre as suas crenças e a sua fé, ao dizer que a sua família é presente de Deus e que eles devem sempre se manter unidos através da palavra do Senhor, evitando qualquer tipo de conflito. Relatou ainda que, após a morte do seu esposo, vem se fortalecendo a cada dia com a ajuda da sua família.

5.2. As falas das gerações

A participação de gerações distintas nesta pesquisa possibilitou a compreensão de perspectivas diferentes acerca das vivências familiares nestes lares multigeracionais após a recoabitação dos(as) filhos(as) adultos(as) e os netos(as). Para tanto, os cinco eixos temáticos apresentados a seguir trazem as falas dos participantes separadas de acordo com os objetivos específicos propostos nesta tese, são eles: (1) Sentimentos e avaliações; (2) Aproximações e distâncias; (3) Conflitos e estratégias; (4) Suporte e apoio familiar; (5) Legados familiares: papéis e expectativas.

5.2.1. Sentimentos e avaliações

Nesta categoria, os participantes expuseram os sentimentos e avaliações que faziam parte das suas relações com as outras gerações do lar. Salete, Dolores e Liliana, as primeiras gerações das três famílias, expressaram sentimentos positivos ao longo das experiências compartilhadas:

“É gostoso, porque eu fico vendo eles crescerem de perto e fico orgulhosa, me sinto bem. Tenho o maior amor possível pelos meus netos e minha filha” (Salete, 74 anos).

“Me sinto muito bem, são uma companhia maravilhosa. Eu não tenho solidão. No momento da doença do meu marido, minha filha me ajudou muito, foi meu braço forte. Pelos meus netos e minha filha eu sinto um amor e também uma responsabilidade por eles. Tenho medo de morrer e deixar eles sem uma segurança financeira” (Dolores, 72 anos).

“São ótimos sentimentos. Eu viúva, eles são todos a minha companhia. Eu sou feliz por isso. Tenho muito carinho e amor, minha nora é uma filha que Deus me deu. Oro 24 horas por dia por todos eles” (Liliana, 73 anos).

Na escolha da lista dos sentimentos, o amor e a alegria foram apontados pelas três idosas como os sentimentos que mais estão presentes na dinâmica familiar (Quadro 14).

Quadro 14 - Seleção de sentimentos da primeira geração.

Participantes	Sentimentos escolhidos
Salete	Alegria, amor e satisfação
Dolores	Amor, alegria e confiança
Liliana	Alegria, confiança e amor

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Observa-se que as idosas evidenciaram a proximidade e a companhia como aspectos que trazem sentimentos positivos ligados à intensificação da convivência intergeracional devido à recoabitação. Esse aspecto da companhia surgiu como fator de proteção, principalmente relacionado à vivência de momentos de adoecimento, luto e perda, como foi o caso de Dolores e Liliana.

Segundo Sá Azeredo e Afonso (2016), aspectos situacionais e da personalidade contribuem para que as pessoas vivenciem a experiência de solidão. Esse sentimento se relaciona a fatores multidimensionais, os quais têm como base papéis sociais e expectativas em níveis macro e microsociais. A solidão pode surgir em qualquer faixa etária, porém possui características distintas em cada uma delas. Ela não está relacionada exclusivamente com o número de vínculos estabelecidos por uma pessoa, mas está ligada, principalmente, com a percepção do indivíduo da ausência e qualidade de alguns tipos de relações significativas para ele.

Sabe-se que na fase da velhice ocorrem mudanças, tanto no nível biológico, quanto no contexto das relações e papéis sociais exercidos. Esses fatores, dependendo do modo como se apresentam, podem contribuir para o sentimento de solidão, sobretudo, quando surgem situações de adoecimento, perda e diminuição da capacidade adaptativa. Neste contexto, para Bengtson *et al.* (2002), as percepções da reciprocidade das trocas entre as gerações têm uma influência nos sentimentos cultivados entre os membros da família e na coesão familiar.

Ainda com relação aos sentimentos experienciados entre as gerações, Dolores relacionou a sua preocupação com a neta com as suas experiências na infância:

“Eu acho que tem algumas coisas da minha infância que não foram resolvidas. Eu tive muitos traumas e uma infância muito sofrida. E hoje influencia, porque eu tenho medo que minha neta saia e aconteça alguma coisa. Meu pai era muito rígido e eu sofria. Eu, mesmo sentindo muitas saudades da minha mãe, eu saí de casa com 17 anos, sai para me libertar dele. E com 18 anos eu já era mãe. A minha sorte era meu marido que me ajudou muito, ele sempre foi muito meu companheiro” (Dolores, 72 anos).

A partir desse relato de Dolores, compreende-se que diante das transmissões transgeracionais, ao longo do tempo, as gerações mais novas da família são impactadas por diversos valores e significados transmitidos por meio do histórico das gerações que a antecederam (BOSZORMENYI-NAGY; SPARK, 2017). Isso acontece a partir das memórias, situações, crenças tradicionais e rituais de pais e avós, trazendo à tona características das relações do passado. Dessa forma, embora muitas vezes não reconheça, as gerações poderão repetir os padrões relacionais das gerações passadas (FALCKE; WAGNER, 2014).

Na segunda geração, Simone, Dávila e Laísa trouxeram elementos diferentes, para além de sentimentos agradáveis.

“Para mim os sentimentos aqui têm dois lados: um sentimento de não ter privacidade e outro de sentir o acolhimento e a ajuda. [...] Tem o meu cuidado com ela [mãe] também, por ela estar nessa fase da terceira idade, agora quem cuida dela sou eu. [...] Com minha mãe e meus filhos tem que ter sentimento de muita paciência, porque tem hora de estresse” (Simone, 44 anos).

“No geral são sentimentos de paz e harmonia. Mas, às vezes, fico triste e chateada com a rebeldia dos meus filhos, fico sem saber lidar. Com minha mãe é mais tranquilo, a gente se dá muito bem, ela é calma, ela é muito de Deus” (Dávila, 47 anos).

“Eu sinto um carinho por cuidar deles. Principalmente cuidar dos mais velhos, meus sogros. Mas, às vezes, é difícil, minha sogra tem um

temperamento muito forte, meio autoritária. Mas sinto uma compreensão e muito respeito por ela. E com meus filhos eu sinto aquele mimo. Me sinto no lugar de balancear as coisas entre eles e meu marido” (Laísa, 50 anos).

Na lista de sentimentos dessa geração, amor, gratidão e confiança surgiram com maior ênfase, entretanto, para a participante Laísa, outros sentimentos também fazem parte das relações intergeracionais (Quadro 15):

Quadro 15 - Seleção de sentimentos da segunda geração.

Participantes	Sentimentos escolhidos
Simone	Alegria, confiança e gratidão
Dávila	Confiança, gratidão e amor
Laísa	Hostilidade, alegria, confiança, ciúme, amor, segurança e gratidão

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Por meio das falas da segunda geração pode-se evidenciar sentimentos ambivalentes com relação às vivências compartilhadas na família. Falta de privacidade, estresse, rebeldia, hostilidade e ciúme foram apresentados pelas participantes como fatores que despertam sentimentos negativos nos relacionamentos. Ao longo do tempo, essa geração, de acordo com a literatura especializada (DE JESUS; WAJANMAN, 2016; MYLLER, 1981), foi denominada como “geração sanduíche”, por se tratar de adultos de meia idade que se localizam entre demandas simultâneas das outras gerações (pais idosos e filhos dependentes).

No decorrer dos estudos, a função da geração sanduíche recebeu uma conotação negativa caracterizada pela sobrecarga diante de muitas demandas de cuidado. Entretanto, também é preciso avaliar que a formação de lares multigeracionais apresenta demandas e necessidades que não são restritas a apenas uma geração e, por isso, se configura também como uma fonte de ajuda e colaboração entre os membros da família buscando gerar benefícios a todas as gerações que compartilham dessa dinâmica.

Diante disso, as participantes referiram situações em que se sentem acolhidas e cuidadas pela primeira geração, principalmente quando se trata de suporte financeiro e ajuda no cuidado

com a terceira geração formada por crianças, adolescentes e jovens, como pode ser observado nos relatos a seguir:

“Ela me ajuda, ela tem aquele olhar especial de avó e que cuida delas [filhas] desde pequenas, até antes da gente vim morar aqui” (Simone, 44 anos).

“As despesas da casa quem assume é minha mãe [...] Minha mãe tem me ajudado muito, muito mesmo, com meus filhos. Sinto muita gratidão por ela, por tudo” (Dávila, 47 anos).

“No início, como minha gravidez não foi planejada, a gente não tinha nossas coisas, aí viemos morar com meus sogros [...] Antigamente quando meus filhos eram menores, meus sogros que tomavam conta deles para que eu pudesse ir trabalhar” (Laísa, 50 anos).

A existência de ambivalência de sentimentos nos relacionamentos das gerações surge do encontro da solidariedade e do conflito, enfatizando os aspectos contraditórios e paradoxais comuns da vida familiar (BENGTSON *et al.*, 2002). Como fica claro no relato da participante Simone, quando se remeteu à existência dos “dois lados”.

Sara, Diana e Liam, participantes da terceira geração, pontuaram sentimentos semelhantes aos das outras gerações, trazendo a gratidão e a segurança como base nas suas relações familiares atualmente. Diana fez uma diferenciação da sua relação com sua mãe e com sua avó.

“É um sentimento interessante, porque são várias experiências diferentes que estão juntas. Sinto muito respeito, gratidão e amor pela minha mãe e minha avó” (Sara, 20 anos).

“Sinto muito amor e muito carinho. Pela minha mãe meu sentimento é de amizade. Já minha avó é muito fechada, o sentimento é diferente, eu não sei dizer o sentimento” (Diana, 15 anos).

“Gosto muito da minha infância por ter contato com meus avós bem de perto. Ter aprendido muita coisa com eles. Me sinto cuidado por eles, não me sinto só. Tenho um sentimento de gratidão pelos meus avós e meus pais, nunca me faltou nada” (Liam, 16 anos).

Nas listas de sentimentos dessa geração foram selecionados sentimentos que corroboram as falas dos participantes. Diana trouxe uma observação quanto à escolha do sentimento de “desconfiança”, pois relatou que, em alguns momentos, sente que sua avó não confia nela (Quadro 16).

Quadro 16 - Seleção de sentimentos da terceira geração.

Participantes	Sentimentos escolhidos
Sara	Gratidão, amor e segurança
Diana	Amor, segurança e desconfiança (por parte da avó)
Liam	Amor, segurança e gratidão

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A convivência de três gerações em um lar foi percebida, muitas vezes, como uma fonte de troca de conhecimentos e experiências, como relataram Sara e Liam. Em consequência, nas falas desses participantes, a gratidão surgiu atrelada a um sentimento de reconhecimento por todo cuidado, investimento e transmissão intergeracional recebidos desde muito cedo pelas outras gerações. Nos relatos *“nunca me faltou nada”* e *“não me sinto só”*, como disse Liam, notam-se elementos que reforçam o sentimento de segurança familiar. Portanto, este tipo de cenário pode ser considerado um fator de proteção para as gerações mais jovens, no que se refere à prevenção de comportamentos de risco nessa fase (CAMARANO; EL GHOURI, 2003).

Convém evidenciar a fala da participante Diana que apresenta uma distinção entre os seus sentimentos direcionados à relação com sua mãe e outros sentimentos relacionados à sua avó. Segundo Ramos (2015), a relação entre avós e netos apresenta interações e significados diferentes com o passar do tempo, sendo influenciadas pelo contexto histórico e social. Neste viés, Diana apresentou uma dificuldade de convivência com sua avó diante de diferenças geracionais:

“Eu e mainha somos muito amigas. Já eu com vovó é um pouco mais complicado, porque eu sou um pouco do século 21 e a cabeça mais aberta e ela é bem rigorosa e bem religiosa. Aí, às vezes, fica complicado de entender, mesmo tendo amor e carinho” (Diana, 15 anos).

Com isso, segundo Bengtson e Oyama (2007), as relações intergeracionais no contexto familiar representam uma complexa ligação social, na qual seus membros se apresentam conectados a vários tipos de solidariedade que, como vimos nos relatos, podem ser contraditórios e ambivalentes. Todavia, a avaliação dos sentimentos experienciados por essas gerações ao longo da convivência multigeracional, pode ser essencial para o bem-estar familiar e a saúde de seus membros.

5.2.2. Aproximações e distâncias

Nesta categoria, além das perguntas do roteiro de entrevista, foi utilizado o Diagrama de Escolta Social versão brasileira (PAULA-COUTO *et al.*, 2008) para identificar a proximidade, frequência e as características das relações intergeracionais nos lares dos participantes (Apêndice D). Os diagramas de escolta construídos foram compostos de familiares e amigos escolhidos pelos entrevistados. Todos inseriram na sua rede de apoio social os familiares com quem residem nos lares multigeracionais. A diferença ocorreu no que diz respeito à localização dessas pessoas nos três círculos do diagrama, já que isso se referia à percepção de proximidade entre os membros (Figura 6).

Figura 6 – Diagramas de escolta construídos pelas gerações.



Fonte: Registro da pesquisadora.

No que se refere a essa proximidade, as participantes da primeira geração, Salete, Dolores e Liliana, apresentaram seus filhos e netos no círculo mais próximo (C1), que representa “as pessoas que você se sente tão próxima que seria difícil imaginar a vida sem elas”. Houve uma exceção no diagrama de Salete que colocou seus netos no círculo 3 (“as pessoas que você ainda não mencionou, mas de quem você se sente próximo e crê que são importantes para você”).

Segundo Paula-Couto *et al.* (2008) os relacionamentos que são inseridos no círculo mais próximo (C1) são compreendidos como os vínculos mais estáveis e fortes, bem como as relações que consistem nas principais fontes de apoio. Ao serem questionadas sobre a

frequência com que as gerações dos lares trocam experiências e ideias, as idosas compartilharam que conversam diariamente, principalmente nos horários das refeições.

“No nosso dia a dia sempre ficamos naquela de saber a opinião uma das outras ‘ah, é melhor assim? O que tu acha?’. E na hora da mesa sempre é aquela expectativa para que todos estejam juntos” (Salete, 74 anos).

“Meu neto é muito atualizado, às vezes eu não sei das coisas que estão acontecendo no mundo, aí ele vai e me diz tudinho, geralmente na hora da janta. [...] Como eu e minha filha trabalhamos juntas a gente passa mais tempo juntas, mas todos nós nos encontramos na hora da ceia a noite” (Dolores, 72 anos).

“Sempre quando conversamos dou muito conselhos. Acho que a experiência faz eu entender um bocadinho de coisas que eles não sabem. Todos os dias conversamos algo, mas não é toda a hora do dia, é mais na hora de comer à noite” (Liliana, 73 anos).

Outras pessoas foram colocadas no diagrama de escolta dessas participantes, como irmãos, amigos e noras. Para uma melhor clareza e compreensão, todos os membros inseridos da rede de apoio dessas idosas foram expostos no Quadro 17.

Quadro 17 – Membros dos diagramas de escolta da primeira geração.

Participante	Círculo 1	Círculo 2	Círculo 3
Salete	2 filhos adultos (1M e 1F)	Esposo Idoso	4 netos – 2 Jovens Adultas e 2 meninos (Bebê e uma criança)
Dolores	4 filhos adultos (2M e 2F) e 2 netos adolescentes (1M e 1F)	5 irmãs idosas e 7 netos adolescentes (3M e 4F)	2 noras adultas, 1 genro adulto e 3 amigas idosas
Liliana	Filho adulto, 2 netos (adolescente e jovem adulto) e a nora adulta	7 irmãos idosos (2M e 5F), sobrinha adulta e 3 filhas adolescentes da sobrinha	Amiga idosa

M – Sexo masculino / F – Sexo Feminino

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A partir da visualização do Quadro 17 é possível perceber a presença de outros familiares na rede de apoio social dessas idosas, pessoas que não vivem na mesma residência e/ou que moram em cidades diferentes, como é o caso dos outros filhos de Dolores que moram em Recife/PE. Um fator identificado nas entrevistas com essas participantes foi que a relação com esses familiares externos era mediada por Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs). Mesmo longe geograficamente desses parentes, as idosas mantinham contato semanalmente com todos eles através de chamadas de vídeo pelo celular e/ou pelo uso de redes sociais digitais. Esse resultado corrobora os dados encontrados nas pesquisas realizadas por Alvim, Rocha e Chariglione (2017), González-Oñate, Fanjul-Peyró e Cabezero-Lorenzo (2015) e Souza e Sales (2016). Esse cenário ficou mais evidente desde o período de início das restrições de contato, viagem e aglomeração diante da pandemia da COVID-19.

Um outro aspecto observado no Quadro 17 se refere à presença de amigas compondo o comboio social de Dolores e Liliana. Mesmo sendo apresentadas no Círculo 3, as idosas relacionaram suas amigas como importantes para o seu bem-estar geral, por se tratar de relações caracterizadas pelo recebimento e fornecimento de apoio e companhia. Estes achados também foram encontrados no estudo de Siveira (2020).

As participantes da segunda geração inseriram as mães idosas e os filhos no círculo 1. Entretanto, Laísa colocou a sogra idosa no segundo círculo (“as pessoas que você não sente tão próxima, mas que são importantes para você”). Sobre sua relação, do seu marido e dos seus filhos com a sogra, Laísa acrescentou que:

“Ela tem um temperamento que deixa a gente meio distante. Éramos mais próximos do meu sogro. Ele era mais carinhoso. Até meu esposo tinha uma ligação muito mais forte com o pai, ele dizia: ‘o amor da minha vida é meu pai’. Os meus filhos sempre assistiam jogos com o meu sogro, ele sempre estava próximo dos netos, já ela não. Mas percebo que vem mudando agora, depois da morte do meu sogro. A gente nota que ela tá se sentindo mais só, sem ele, e termina que ela tá abrindo mais espaço pra gente se aproximar” (Laísa, 50 anos).

Neste cenário, Bengtson e Allen (1993) pontuaram que é preciso identificar os aspectos presentes na transição e transmissão dos membros das famílias ao longo do tempo e os significados construídos que resultaram nessas mudanças nas interações. Na entrevista da participante Laísa, nota-se um histórico relacional com seus sogros a partir de algumas situações vivenciadas pela família: primeira e segunda reoabituação, adoecimento e morte do sogro e alteração da rotina devido à pandemia. No relato, a participante avaliou a ocorrência de uma

maior proximidade dos membros da família com a sogra, diante da situação de luto recente e sentimento de solidão por parte desta.

Com relação às pessoas que residem no lar, as participantes da segunda geração indicaram a frequência e características das atividades que realizam juntas, conforme relatos abaixo:

“Todos os dias a gente aproveita a hora da refeição para conversar. Falamos do dia a dia e de coisas que a gente soube nas redes sociais. Sempre saímos juntas quando é viagem. Na pandemia ficamos mais em casa, aí ficamos mais assim na televisão. E tem também o jantar que é sempre todo mundo junto” (Simone, 44 anos).

“A gente está sempre conversando. Eu e meus filhos assistimos muita televisão juntos. Eu e minha mãe temos o comércio [loja] juntas, a gente passa a manhã toda juntas. Na hora da janta é todo mundo juntos” (Dávila, 47 anos).

“Antes da pandemia, quando a gente ia para praia, íamos todos juntos. Mas assim para ficar mais junto e trocar uma conversa é mais comum eu e meus filhos. Com minha sogra a gente não tem muito o costume, aquela frequência” (Laísa, 50 anos).

Um aspecto importante que pode ser observado está na questão de os encontros entre as gerações ocorrerem em momentos das refeições, principalmente na hora do jantar. Diante das mudanças sociais e culturais do mundo moderno, a rotina alimentar das famílias sofreu algumas modificações, principalmente em detrimento dos horários do exercício de atividades laborais e acadêmicas. Estudos vêm compreendendo que esse momento de reunião na hora das refeições, relatado por algumas participantes, pode proporcionar um sentimento de acolhimento e união, exercendo uma função protetiva na vida dos membros (MACHADO *et al.*, 2014).

Nesse cenário, vale ressaltar a campanha criada em agosto de 2021, pelos Ministérios da Cidadania e da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), com o objetivo de fortalecer os laços familiares por meio do incentivo ao hábito da realização das refeições em conjunto com todas as gerações. Especificamente, essa campanha busca atuar na prevenção ao uso de drogas por crianças e adolescentes (GOVERNO, 2021).

Assim como a primeira geração, Simone, Dávila e Laísa inseriram outros familiares e amigos no seu diagrama de escolta, conforme mostra o Quadro 18.

Quadro 18 – Membros dos diagramas de escolta da segunda geração.

Participante	Círculo 1	Círculo 2	Círculo 3
Simone	Mãe idosa, 3 filhos (1M adolescente e 2F jovem adultas) e o irmão adulto.	Esposo adulto.	Pai idoso, sobrinhas adolescentes, cunhada adulta e tia idosa.
Dávila	Mãe idosa e 2 filhos adolescentes (1M e 1F).	3 irmãos adultos (2M e 1F).	3 amigas adultas e o ex-esposo (falecido recentemente).
Laísa	2 filhos (1 adolescente e 1 jovem adulto) e o esposo adulto.	Sogra idosa e 6 irmãos adultos (1M e 5F).	2 amigas adultas e o pastor da igreja.

M – Sexo masculino / F – Sexo Feminino

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A partir das informações do Quadro 18 nota-se a presença de outros parentes externos na rede social dessas participantes, como sobrinhos, irmãos, cunhadas e tia. Simone localizou o seu pai idoso no círculo 3, justificando que *“ele é meu pai, é importante para mim né, mas ele mora em outra cidade com outra família e isso torna ele mais distante em todos os sentidos”*. No momento da inserção dos membros do Círculo 3, Dávila comentou que *“minhas amigas são muito importantes para mim, elas estão presentes em momentos importantes da minha vida”* e, em seguida perguntou se poderia acrescentar uma pessoa que já morreu, que no caso foi seu ex-marido. Laísa, além de outros familiares, inseriu na sua rede social duas amigas e o pastor da igreja que frequenta, relatando que *“o pastor me dá muito apoio e eu sempre o procuro em momentos que preciso encontrar uma paz sabe, para ficar mais tranquila”*.

Na terceira geração, todos os participantes inseriram seus avós e pais no círculo mais próximo (C1) e expuseram que a frequência de troca de experiência e ideias entre as gerações da casa é diária. Posteriormente, descreveram algumas atividades que realizam juntos:

“Às vezes, com a rotina de trabalho e estudo da gente acontece alguns desencontros de horários, mas na hora das refeições, geralmente na parte da noite, conversamos do dia que cada um passou. Nos finais de semana, ocorre mais de conversarmos e assistirmos televisão juntos” (Sara, 20 anos).

“Todos os dias conversamos, mas nunca é marcado, é algo espontâneo. A gente senta aqui na sala para conversar sobre as coisas do dia a dia” (Diana, 15 anos).

“Eu converso com todos aqui de casa todos os dias. Com vovô era assistir muito jogo de futebol. Com vovó, ela é mais na dela, mas quando é época de festa a gente fica tudo junto também” (Liam, 16 anos).

Outras pessoas compuseram a rede social da terceira geração, conforme mostra o Quadro 19.

Quadro 19 – Membros dos diagramas de escolta da terceira geração.

Participante	Círculo 1	Círculo 2	Círculo 3
Sara	Namorado jovem adulto, pai, primos bebês (2F e 1M), mãe, irmãos (1F e 1M) e avó materna.	Avó paterna, amiga jovem adulta e tio adulto.	Tias e prima jovem adulta.
Diana	Mãe, avó materna, namorado adolescente, amiga adolescente e irmão adolescente.	6 tios adultos (3M e 3 F) e avós paternos.	3 amigas adolescentes.
Liam	Pais, irmão jovem adulto, avó paterna e avô paterno (falecido).	Avó materna (falecida)	-

M – Sexo masculino / F – Sexo Feminino

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Através da observação dos diagramas de escolta dessa geração é possível perceber a presença de pessoas externas à família, como namorados e amigos na rede social de Sara e Diana. Outros avós que não residem com eles também foram mencionados, com um destaque ao participante Liam que acrescenta seus dois avós que já faleceram.

No roteiro de entrevista foi perguntado às gerações se elas tinham vontade de se aproximar de mais alguém do seu lar. Cinco participantes relataram que já se sentem muito

próximos de todos da casa e que não acham que precisam de mais aproximação. Os demais entrevistados indicaram pessoas da mesma ou de outra geração com que sentem falta de ter um contato e proximidade maior, conforme mostra o Quadro 20.

Quadro 20 - Necessidade de aproximação de algum membro do lar multigeracional.

FAMÍLIA	GERAÇÃO 1	GERAÇÃO 2	GERAÇÃO 3
Suassuna	Não	Do pai idoso	Não
Drummond	Não	Do filho adolescente	Do irmão adolescente
Lispector	Não	Da sogra idosa	Não

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

De modo geral, as percepções dos participantes acerca da proximidade entre os membros dessas famílias foram semelhantes. Todos os entrevistados trouxeram as características principais das interações entre as gerações, alguns realizando observações quanto a mudanças recentes causadas pela pandemia da COVID-19 e/ou a morte recente de um membro familiar.

O estudo de Ramos (2017) aponta que as relações intergeracionais no contexto familiar, nos últimos anos, permanecem sólidas, sendo possível notar o desenvolvimento de novas alianças e redes de apoio entre avós idosos, pais adultos e netos. Dessa forma, a família permanece com o seu papel presente na rede de suporte social dos seus membros, principalmente nos momentos de crise e mudanças familiares.

Para Bengtson e colaboradores (2002, 2007), a compreensão da frequência e características dos contatos entre as gerações fazem parte da dimensão associativa. A partir da observação desta dimensão é possível analisar mais elementos no que se refere à construção das relações entre os membros de uma família ao longo do tempo. Os autores apontam para a importância de considerar todas as experiências relacionais das gerações durante os anos, não só o momento atual.

5.2.3. Conflitos e estratégias

A partir de perguntas no roteiro das entrevistas com os participantes, nesta categoria foi possível identificar os fatores de conflitos entre as gerações e as estratégias utilizadas para lidar com eles. A primeira geração apontou no seu dia a dia alguns temas que geram tensões e divergências dentro de casa:

“Na questão de arrumar a casa reclamo muito. Outra coisa que é complicada é questão de namoro das minhas netas, tem coisas que são diferentes demais da minha geração, aí me choca um bocadinho” (Salete, 74 anos).

“A arrumação da casa sempre traz um conflito, eles [netos] desarrumam tudo. E tem o cachorro da minha neta que faz uma bagunça. [...] Questão da minha neta sair com o namorado eu fico muito preocupada e, às vezes, a gente se desentende aqui com isso. [...] Tem horas que me aborreço por conta da alimentação da minha neta, porque ela é diabética e eu pego no pé dela” (Dolores, 72 anos).

“Tem muita diferença de pensamento. Essa geração nova tem muita informação diferente, mas os conflitos não são tão graves. [...] Essas coisas de relacionamento amoroso, hoje em dia tem hora que eu fico cabreira⁴, porque eu tenho medo dessa geração de hoje, aí eu falo o que penso, mas eles não aceitam” (Liliana, 73 anos).

Nesses relatos é possível perceber dois pontos em comum que geram conflitos nas diferentes famílias, são eles: arrumação da casa e relacionamento amoroso dos netos. Nota-se que as idosas direcionaram mais suas queixas para o comportamento de seus netos adolescentes. Outras investigações realizadas com pessoas que viviam em lares multigeracionais também destacaram essas temáticas como fonte de discrepâncias e brigas entre os membros da família, como os estudos de Lopes (2021), Silva *et al.* (2015) e Triadó *et al.* (2006).

A participante Salete acrescentou ainda que *“às vezes eu arengo⁵ com meu neto, porque ele só vive no celular jogando ou então na televisão, não pode ser assim”*. Atualmente, é evidente a diferença da relação dos mais jovens com as TDICs em comparação às gerações mais velhas, e isso pode se tornar muitas vezes um motivo de tensão entre os membros de uma família. Desse modo, a convivência entre essas gerações gera diversos aspectos intrínsecos no âmbito familiar e, assim, os desentendimentos podem ocorrer com frequência, provocados pelas diferenças geracionais, exercício da autoridade na casa, divergências na educação dos netos e outras discordâncias (DIAS; HORA; AGUIAR, 2010).

⁴ Significado: Desconfiada.

⁵ Significado: Brigar.

Simone, Dávila e Laísa, participantes da segunda geração, apresentaram temas de conflitos ligados a ambas as gerações. Elas mencionaram situações recorrentes nas quais as mães/sogra interferem na educação dos seus filhos e isso gera um desconforto na relação.

“Na relação entre minha mãe e meus filhos eu acho que às vezes ela ultrapassa o limite de vó, de tudo, eu até entendo ela, porque moramos todos juntos e ela quer ajudar, mas às vezes atrapalha” (Simone, 44 anos).

“Às vezes minha mãe mima demais eles, ela faz muito a vontade deles, aí quando eu reclamo algo errado deles, ela não gosta, aí vem me corrigir, aí nisso temos pequenos conflitos” (Dávila, 47 anos).

“Quando meu filho caçula era menor, ela [sogra] pegava o cinto e dizia ‘ou você come ou apanha’, porque ele não gostava de feijão, mas ele comia a pulso com medo de apanhar dela. A mesma coisa quando eles brincavam e não guardavam os brinquedos na hora, ela gritava e eles saíam correndo com medo. Tem momentos que é bem difícil conviver com esse jeito autoritário dela. Agora que eles estão maiores, ela por ser evangélica aí tem conflitos por conta da namorada do meu mais velho. Ela diz ‘uma moça direita não fica no quarto com um rapaz sozinha’, aí isso também interfere no que eu penso que é certo na educação dos meus filhos” (Laísa, 50 anos).

O tema das interferências dos avós na educação dos netos é algo presente em diversas pesquisas ao longo tempo como, por exemplo, o estudo sobre a recoabitação, de Peixoto e Luz (2007), e outras pesquisas publicadas mais recentemente como Cunha (2017), Dias (2022a), Moreira e Rabinovich (2017). Estes estudos corroboram que a coresidência deixa os relacionamentos entre gerações mais predispostos a tensões e conflitos, pois, devido ao retorno dos filhos e netos (ou noras e genros) à residência materna, esses avós podem passar a participar diretamente da educação dos netos. De acordo com Dias (2022a), o excessivo mimo dos avós para com seus netos, como relatado por Simone e Dávila, pode sabotar as regras fornecidas pelos pais, não ocorrendo o respeito aos limites estabelecidos por estes. Assim como mimar, comportamentos de autoritarismo e práticas educativas coercitivas, como apareceram nos relatos de Laísa, também constituem uma influência prejudicial por parte dos avós.

De acordo com Laísa, o autoritarismo da sua sogra não é apenas com os netos. Ela referiu que *“um dos tempos mais difíceis foi quando eu vim morar com ela a primeira vez, se eu esquecesse uma toalha no banheiro eu corria e ficava preocupada, porque ela ia fazer reclamação, ela dizia muita coisa comigo na frente de todo mundo”*.

Conforme descreveu Minuchin (1990), as normas de uma família abrangem as fronteiras ou limites entre diferentes elementos do sistema, possibilitando a identificação de quais membros exercem as atribuições de papéis no seio familiar. No âmbito dos motivos de conflitos com a terceira geração, foram apontados a arrumação da casa e as diferentes opiniões dos filhos adolescentes.

“Em relação em sair para as festas, às vezes eu acho que determinados locais não são legais e bate aquele ciúme de mãe, aquele cuidado. [...] Na arrumação da casa eu pego no pé delas [filhas], porque convivemos no mesmo ambiente, então todos devem colaborar” (Simone, 44 anos).

“Com meus filhos é difícil lidar, são adolescentes e têm um gênio muito forte, ficam com a opinião deles e sempre discordam das coisas. Acho que eles acham que já vieram prontos [risos]” (Dávila, 47 anos).

“Tem uns problemas com relação à arrumação da casa, porque essa geração mais jovem é complicada para fazer o que tem que ser feito dentro de casa” (Láisa, 50 anos).

Mais uma vez o quesito arrumação da casa foi colocado como fonte de conflitos geracionais. Além disso, Dávila trouxe o aspecto da dificuldade de lidar com seus filhos na fase da adolescência, por muitas vezes eles terem uma opinião diferente e isso gerar confrontos.

A terceira geração relatou questões similares às das participantes anteriores, como divergências geracionais e arrumação da casa, mas também trouxe à tona outros pontos de tensões, como crenças religiosas e horários de saída e chegada em casa.

“Às vezes tem conflitos por causa da cabeça de cada uma que é totalmente diferente, na questão de ordens aqui em casa é algo que tem hora que gera conflitos, porque a percepção da minha vó é diferente da minha mãe” (Sara, 20 anos).

“Acontece conflito por conta que é uma diferença muito grande de pensamento, principalmente a cabeça de vovó, o povo da época dela pensa mais fechado. O que pra mim é uma besteira, pra eles é algo muito importante. Ela é bem rigorosa e bem religiosa [...] Nas ordens pra gente, minha mãe e vovó têm desentendimentos às vezes. [...] O negócio de horário de sair e chegar também tem alguns conflitos” (Diana, 15 anos).

“Em questão de religião, minha avó foi sempre muito religiosa, já meus pais não são tanto e eu e meu irmão temos uma visão mais aberta e ampla sobre religião. Aí a diferença de pensamento é grande nisso, aí

às vezes tem uns problemas. [...] A arrumação da casa também tem conflito, porque tem hora que é uma bagunça aqui” (Liam, 16 anos).

As tensões relatadas se direcionaram mais à díade avós-netos, devido à maior distância em termos dos diferentes tempos sociais e, por consequência, mais diferenças quanto a crenças e valores. Cabe, por oportuno, ressaltar a presença do etarismo⁶ em alguns dos discursos das gerações que, de acordo com a literatura especializada, se configura como o preconceito e/ou discriminação com base na idade (PAULA COUTO; MARQUES, 2016). Relatos como: “o povo da época dela [avó] pensa mais fechado” e “essa geração nova tem muita coisa diferente, [...] eu tenho medo dessa geração de hoje” evidenciaram pensamentos etaristas no cotidiano, muitas vezes de forma velada, por meio do direcionamento de características e conteúdos negativos a sua percepção individual em relação a outra geração. Neste contexto, estudos apontaram que o contexto familiar intergeracional pode promover mudanças nesses tipos de pensamentos e atitudes, gerando uma diminuição do etarismo diante da convivência mais próxima dessas gerações (FERRIGNO, 2010; PAULA COUTO; MARQUES, 2016; TEIXEIRA; SOUZA; MAIA, 2018).

Mais uma vez percebe-se aqui que essas avós, a partir do interesse de ter uma participação mais ativa na vida dos seus netos, terminam por interferir na educação deles, indo na contramão do pensamento dos pais desses adolescentes, corroborando os estudos de Dias (2022a), Lopes (2021), Triadó *et al.* (2006) e Zanatta e Arpini (2017).

O aspecto religioso trazido pelos membros da família Lispector (Liliana, Laísa e Liam) evidencia atitudes muitas vezes rígidas por parte dessa idosa, o que enfatiza o desacordo quanto às ideias religiosas dos membros da família, ainda mais quando os netos não se identificam com a sua religião evangélica. Esses resultados se assemelham com os achados da pesquisa de Lopes (2021). De modo geral, nesses contextos familiares foi possível identificar que nas relações entre as gerações coexistiam a presença de conflitos e, ao mesmo tempo, situações que envolviam solidariedade, como apresentado nas categorias anteriores. Desse modo, pode-se confirmar que não há uma relação de exclusão entre solidariedade e conflito, conforme apontaram Bengtson e Oyama (2007).

Ao longo das entrevistas, os participantes também relataram os tipos de estratégias que eles utilizavam para lidar com os conflitos entre as gerações, conforme apresentado no Quadro 21.

⁶ Também denominado de “idadismo” ou “ageísmo”.

Quadro 21 – Estratégias para lidar com os conflitos.

Família	Participante	Estratégias
Suassuna	Saete	“A gente dá abertura para cada um falar, ser jogo aberto e sempre lembrar de respeitar o outro, mesmo no conflito”.
	Simone	“A gente tem que ponderar, pra não abrir mão de tudo e nem ser muito rígida. Tem que existir cumplicidade e harmonia apesar das gerações serem diferentes”.
	Sara	“Eu acho importante quando a gente escuta e sabe validar os sentimentos umas das outras. Quando eu não concordo com algo às vezes eu falo, às vezes não, porque tem hora que o pensamento é tão diferente que não adianta eu falar. [...] A gente também é sempre todo mundo junto na mesa [refeição], independente se tem algum chateado com o outro”.
Drummond	Dolores	“Quando eu tô paparicando ⁷ demais ela dá uns freios e quando ela tá brigando demais, eu dou uns freios. E assim a gente se equilibra. Quando alguém faz algo que eu não gosto aí eu falo, não sou de aguentar calada”.
	Dávila	“Em qualquer situação aqui em casa uma boa conversa resolve. E cada uma tenta se colocar no lugar da outra. Às vezes eu me estresso e boto tudo o que eu tô pensando pra fora, aí exagero e tem horas que me arrependo disso, mas eu não consigo ficar calada”.
	Diana	“Eu bato muito de frente, eu não fico calada, não consigo. Eu digo logo ‘não concordo’ e vou dando a minha opinião. Mas eu também tento entender mais o lado delas também”.
Lispector	Liliana	“Essas diferenças de pensamento eu ignoro tudo, tudo isso que vem mudando nessa geração, porque tem hora que é muita informação. Mas tem horas que eu reajo braba, mas depois fico chaleirando ⁸ , com o coração humilde, nunca deixo de orar e apresentar a Deus minha família. Vem a revolta na hora, mas depois passa, não guardo mágoa deles”.
	Laísa	“Hoje em dia eu entendo mais minha sogra, já aceitei e respeito o jeito dela, eu me adapto bem. Geralmente sou muito de ficar calada, guardo mais, mas eu não queria ser tão assim. Meu esposo já é diferente, ele fala mesmo que seja um conflito com a mãe dele”.
	Liam	“Quando eu me chateio com algo eu converso bastante. Mas hoje não tem muitos problemas por aqui não”.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

⁷ Significado: mimar.

⁸ Significado: agradar, bajular.

Observando o Quadro 21 pode-se identificar que há estratégias em comum entre as famílias como, estabelecimento de diálogo, busca por respeito, expressão de opinião e busca por ponderação. Ao mesmo tempo, nota-se que no aspecto da “expressão de opiniões” muitas vezes ocorre de forma agressiva e/ou exagerada, o que pode agravar ainda mais a situação conflituosa nas relações familiares. As participantes Dávila e Liliana, por exemplo, trouxeram relatos de que podem exagerar ou ficar mais bravas diante de um desentendimento, mas que depois há o sentimento de arrependimento. Em contrapartida, Laísa afirmou que gostaria de reagir de uma forma diferente, pois ela geralmente guarda as suas opiniões e fica calada, comportamento que também não proporciona benefícios para si e, por consequência, para suas relações.

Por meio da pergunta *“Nesse período de pandemia, você percebeu alguma mudança nos relacionamentos das pessoas da sua casa?”* os participantes trouxeram outros cenários de vivências que também envolviam conflitos:

“Teve mais irritabilidade, por conta da pressão e medo, aquela agonia todos dentro de casa, sem sair” (Salete, 74 anos).

“Ficou uma tensão maior por conta do medo” (Simone, 44 anos).

“Afetou a privacidade de cada um, porque todo mundo dentro de casa toda hora. Não tinha como sair” (Sara, 20 anos).

“Ficamos mais irritados uns com os outros. Os meus netos me controlando para não sair, aí tinha desentendimentos” (Dolores, 72 anos).

“Teve uma resistência deles de entrar em contato comigo, porque eu saia né?. Meu filho discutia dizendo que eu não devia sair, mas eu tinha que sair pra trabalhar” (Dávila, 47 anos).

“Os conflitos aumentaram, teve dificuldade de convivência logo no início” (Diana, 15 anos).

“Não teve muita diferença. Só não saía e ficava mais distante dos meus netos” (Liliana, 73 anos).

“Muita preocupação, porque os meninos saíam e o medo deles pegarem a doença e trazer pra casa” (Laísa, 50 anos).

“Teve o medo de contaminar as pessoas. Meus avós do grupo de risco, aí a gente parou de abraçar essas coisas” (Liam, 16 anos).

Por meio dessas informações é possível identificar como as mudanças socioculturais afetam os relacionamentos familiares dentro de um lar. Por isso que, de acordo com Bengtson *et al.* (2002), é necessário perceber como os efeitos sociais (positivos ou negativos) influenciam na configuração e dinâmica das famílias, ou seja, as características em nível macrossocial (*macrogênios*).

5.2.4. *Suporte e apoio familiar*

Nesta categoria buscou-se analisar a percepção das gerações acerca do suporte e apoio familiar fornecidos e recebidos entre elas. A construção das perguntas desse eixo foi baseada na “dimensão funcional” do modelo SIF (BENGTSON *et al.*, 2002) e das “características funcionais” do modelo de Comboio Social (KAHN; ANTONUCCI, 1980). Além disso, as aplicações de dois instrumentos também contribuíram para a compreensão desse cenário do suporte familiar: o IPSF (BAPTISTA, 2009) e o Diagrama de Escolta Social (adaptação brasileira de PAULA-COUTO *et al.*, 2008). Essas informações possibilitaram levantar hipóteses acerca dos tipos de laços estabelecidos entre os membros dessas famílias, por meio da compreensão do modo como esses familiares fornecem e recebem suporte e apoio uns aos outros.

Salete, Dolores e Liliana, participantes da primeira geração, trouxeram discursos de que elas sempre fornecem ajuda a todos que precisam, destacando os cuidados de saúde e o apoio financeiro, conforme mostram os relatos a seguir:

“De tudo eu ajudo, a todos, no que eu puder ajudar eu faço. Meus filhos sempre me procuram para dar conselhos ou saber minha opinião. Às vezes também em questão de ajuda financeira” (Salete, 74 anos).

“Eu cuido de todo mundo. E, principalmente, cuido da saúde da minha neta, porque ela é diabética. Também quando precisam eu dou ajuda financeira à minha irmã e minha filha, mas graças a Deus nunca precisei pedir ajuda desse tipo a ninguém” (Dolores, 72 anos).

“Com todos eles eu tenho maior cuidado. Quando sai, já fico ‘botou a máscara?’, quando chega ‘lavou as mãos e botou álcool?’. Toda a minha preocupação é com a saúde deles. Se eles precisarem de ajuda financeira eu dou, mas também se eu precisar eu sei que eles dão também” (Liliana, 73 anos).

Nesse contexto, é necessário considerar os efeitos das questões de gênero, compreendendo que a idade e o gênero são dois dos principais aspectos que influenciam as

diferenças entre membros da população e, por consequência, os diferentes papéis familiares. As contribuições dos estudos da socióloga Alda Britto da Motta trazem discussões acerca de gênero, relações familiares e as fases do ciclo vital. A autora aponta a centralidade das mulheres nos relacionamentos familiares, sendo elas que “tradicionalmente tecem ou intermedeiam as relações domésticas e de família, mantendo unidas duas ou três gerações” (BRITTO DA MOTTA, 2019, p. 301).

A instituição família é compreendida como um contexto fundamental que dá forma às relações de gênero e entre as gerações. E, com o aumento da longevidade, vem apresentando outras especificidades como a presença simultânea de várias gerações (BRITTO DA MOTTA, 2003, 2019). No cenário da internalização dos fatores socioculturais envolvidos nesse processo, apesar das mudanças sociais contemporâneas, destaca-se a presença das atribuições tradicionais do papel feminino. De maneira geral, a mulher continua sendo a pessoa que está no lugar de fornecer um amor incondicional e de cuidar do lar e dos outros membros da família, o que se intensifica quando se refere a mulheres idosas (LINS DE BARROS, 2013).

Desse modo, para além da vinculação e do apego, muitas mulheres idosas que vivem em lares multigeracionais podem sentir o peso da obrigação de dar o suporte aos seus filhos e netos em situações de crise como é o caso de divórcio e desemprego (CUNHA, 2017). Em um cenário atual, Britto da Motta (2019) trouxe outras características centrais das mulheres mais longevas: são frequentemente viúvas, trabalhadoras, emancipadas ou pensionistas e cada vez mais se tornando chefes de família, que é o caso das idosas deste estudo.

A segunda geração relatou outros tipos de suporte que elas fornecem e/ou recebem das outras gerações:

“Tem o cuidado que tenho com minha mãe e ela comigo, a presença dela me transmite muita confiança e segurança. A minha filha mais velha, ela é um suporte muito grande. No que eu preciso ela me ajuda. Já a minha mais nova não é assim” (Simone, 44 anos).

“Eu sou meio relaxada no sentido de cuidados de saúde, minha mãe é mais cuidadosa. Eu tenho a preocupação com meus filhos, se precisar de um remédio eu dou, mas não tenho aquela coisa de ficar lembrando, eu esqueço. Minha mãe que lembra a minha filha” (Dávila, 47 anos).

“Forneço muito apoio emocional, porque eu digo sempre que sou o baluarte⁹ da casa. Às vezes meu esposo discorda da minha sogra, por que eles têm temperamentos diferentes, aí eu fico ali no meio, mediando as coisas para não ter atrito” (Laisa, 50 anos).

⁹ Sentido figurado: fortaleza; aquela que sustenta, protege e dá segurança.

Observando os relatos de Dolores e Dávila nota-se que a avó se referiu, mais uma vez, à preocupação e cuidado com relação ao controle da diabetes da neta, enquanto que a mãe da adolescente expressou dificuldades de lembrar das medicações e enfatizou que quem faz essa função é a idosa. Um outro destaque se refere à fala de Laísa, quando ela afirmou fornecer muito apoio emocional, principalmente quando há situações de conflitos entre os membros do lar e ela assume uma função mediadora, situação a qual remete às características dessa geração sanduíche, já mencionadas neste estudo.

Nesse quesito do apoio familiar, a terceira geração também relatou situações das quais forneceram suporte aos pais, avós e irmão:

“Eu ajudo a minha avó em casa, porque ela tem mais idade” (Sara, 20 anos).

“Como eu e minha mãe somos muito amigas, às vezes quando ela vem me procurar eu tento dar o suporte a ela. Muitas vezes eu não recebo esse suporte, mas às vezes sim” (Diana, 15 anos).

“Forneci muito suporte ao meu avô quando ele estava doente. Para meu irmão também, sempre forneço ajuda no que ele precisa. A minha mãe também, quando ela tem coisa do trabalho que eu posso ajudar. Meu pai, quando estava na faculdade, eu ajudava ele a estudar” (Liam, 16 anos).

A análise dessas trocas de apoio funcional e/ou emocional não se limita às interações do presente, mas envolve também as experiências vivenciadas nesses relacionamentos ao longo do tempo. As percepções da reciprocidade das trocas entre as gerações influenciam os sentimentos cultivados entre os membros da família e a frequência de interação (BENGTSON; OYAMA, 2007). Um exemplo dessa construção é o relacionamento entre Laísa e sua sogra Liliana, há um histórico relacional que não pode ser descartado quando se analisa as suas interações atuais.

Esses fatores destacam a importância da construção qualitativa das relações intergeracionais no âmbito familiar, bem como os tipos de suporte fornecidos e recebidos. As características funcionais dos membros de um comboio vão sofrer mudanças diante do estágio do ciclo vital em que os indivíduos e as famílias estão localizados, bem como a partir de situações de crise e transição familiar que venham a surgir com o passar do tempo (ANTONUCCI; AKIYAMA, 1987).

Especificamente, nos diagramas de escolta foram identificados seis tipos de relação de suporte recebidos e fornecidos pelos participantes, são elas: (1) confidenciar coisas que são importantes; (2) ser tranquilizado e estimulado em momentos de incerteza; (3) ser respeitado;

(4) ser cuidado em situação de doença; (5) conversar quando está triste, nervoso ou deprimido; e (6) conversar sobre a própria saúde (Quadro 22).

Na família Suassuna, observa-se a presença significativa da neta e filha mais velha, Samanta, como uma das fontes de suporte das primeiras gerações. Outro ponto percebido é a questão de Salete e Simone afirmarem que fornecem cuidados de saúde a todos do comboio, enquanto que para serem cuidadas contam mais com os filhos e, no caso de Simone, especificamente, a filha mais velha e sua mãe idosa.

No quesito “Conversar quando está triste, nervoso ou deprimido”, Salete relatou que: *“eu não converso com ninguém, eu fico na minha, porque o coração é meu, pode sofrer, mas o rosto é do meu irmão, deve sorrir”*. Essa frase final traz um dos dizeres de Santa Teresinha do Menino Jesus no sentido de não demonstrar sofrimento ao outro e trazer sempre o sorriso (explicado pela participante posteriormente). Mais uma vez características religiosas assumem influência importante na forma de pensar e interpretar as situações do cotidiano dessas famílias, principalmente, na perspectiva da primeira geração.

Na rede de suporte de Sara, percebe-se a presença de outros familiares e nos aspectos dos cuidados em momento de adoecimento, a jovem afirmou receber do seu namorado e da avó materna, enquanto fornece esses cuidados à irmã e a uma amiga.

Na família Lispector, Dolores apontou receber de seus filhos todos os seis tipos de recebimento de suporte e trouxe também as amigas como pessoas que a procuram para conversar quando estão tristes ou sobre alguma questão de saúde. Dávila indicou a sua mãe como fonte de suporte em quatro situações e, quanto ao fornecimento, ela apontou seus filhos, especialmente a filha em cinco itens. Já na rede de suporte de Diana apareceu o namorado e mãe como fontes de apoio frequentes. Especificamente, quanto aos cuidados em momento de adoecimento, a adolescente citou a avó materna como a pessoa da qual recebe esse cuidado, enquanto que para fornecer ela mencionou uma amiga.

Quadro 22 – Características funcionais do comboio – recebimento e fornecimento de suporte.

Participantes	Confidenciar coisas importantes		Ser tranquilizado e estimulado em momentos de incerteza		Ser respeitado		Ser cuidado em situações de adoecimento		Conversar quando está triste, nervoso ou deprimido		Conversar sobre a própria saúde	
Saete	Filhos	Filhos e neta mais velha	Filhos e neta mais velha	Neta mais velha	Todos	Todos	Filhos	Todos	Ninguém	Filhos	Filha	Neta mais velha
Simone	Mãe, filhas e marido	Filhos e irmão	Mãe	Filhos	Filhos	Mãe	Filha mais velha e mãe	Todos	Mãe	Filhas	Mãe	Filhas
Sara	Namorado e mãe	Amiga	Tio, avó materna e mãe	Prima e pai	Pais e avó materna	Avó materna e pai	Namorado e avó materna	Irmã e amiga	Prima e tio	Avó paterna	Pai	Pai
Dolores	Filha	Todos os filhos	Todos os filhos	Todos os filhos	Todos	Todos os filhos	Filhos e irmã	Todos	Filha e irmã	Amigas	Filhos	Amiga
Dávila	Irmã e mãe	Filha e mãe	Irmã	Filha	Irmãos, amigas, mãe e filhos	Todos	Mãe	Filhos e mãe	Irmã	Filha	Mãe	Amiga
Diana	Namorado	Mãe e amiga	Mãe	Namorado	Namorado e mãe	Mãe	Avó materna	Amiga	Namorado	Namorado	Mãe	Mãe
Liliana	Irmãos e netos	Nora	Nora	Nora	Todos	Todos	Todos	Todos	Neto mais novo e nora	Amiga	Nora	Nora
Laísa	Esposo, irmã e amiga	Irmã, amigas e esposo	Esposo e pastor	Esposo, irmãs e amigas	Todos	Todos	Esposo e sogra	Sogra, esposo e filhos	Esposo	Esposo	Esposo e amigas	Esposo
Liam	Mãe	Irmão	Pais e irmão	Pais e irmão	Todos	Todos	Mãe	Ninguém	Mãe e irmão	Mãe	Irmão	Irmão

De quem recebe A quem fornece

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Mais uma vez aqui a terceira geração trouxe a expectativa do recebimento dos cuidados em saúde por parte das avós; em contrapartida, ambas as jovens não sinalizaram, neste momento, a possibilidade de fornecimento dos cuidados em saúde para com seus avós idosos, bem como seus pais adultos. Essa situação não deve ser vista apenas com os elementos relacionais da atualidade, mas também deve levar em consideração em como esses laços familiares vêm sendo construídos ao longo do tempo, quais as características nos níveis micro e macrosocial podem estar influenciando essas percepções de cuidado.

Na terceira família, Lispector, nota-se que Liliana mencionou a sua nora com frequência, tanto no aspecto de receber quanto de fornecer apoio. A participante Laísa trouxe o seu esposo em todos os tipos de suporte. No tipo “Ser cuidado em situações de adoecimento”, Laísa colocou que recebe esses cuidados do esposo e da sogra, por outro lado, para o fornecimento desses cuidados em saúde ela acrescentou os filhos. Verifica-se também que não há menção desses filhos em nenhum tipo de recebimento de apoio descrito no diagrama de escolta dessa participante. Na terceira geração dessa família, Liam apontou com recorrência a mãe e o irmão mais velho como suas fontes de apoio. Outro ponto percebido é a presença da mãe de Liam no suporte fornecido de cuidados em momentos de adoecimento, enquanto que ele coloca nenhuma pessoa que ele forneça esses mesmos cuidados.

Segundo Antonucci *et al.* (2011), uma das formas mais importantes de trocas intergeracionais consiste na prestação de cuidados. Esse tipo de suporte tem variações relacionadas com as diferenças das características pessoais de quem fornece e recebe esses cuidados, influenciando a vivência de trocas de cuidados entre as gerações. As características situacionais, como a dinâmica da família, também influenciam o fornecimento de suporte de cuidado. Kahn e Antonucci (1980) apontaram que dentro do comboio de relações sociais há uma hierarquia natural de pessoas de quem um indivíduo prefere receber apoio e assistência. E isso está intimamente ligado às expectativas de obrigações filiais e parentais relacionados aos papéis familiares (conteúdo da próxima categoria deste estudo).

Em se tratando dos resultados obtidos por meio dos instrumentos IPSF e IPSF-ID¹⁰, no Quadro 23 são apresentadas as classificações dos três fatores: afetivo-consistente (F1), adaptação familiar (F2) e autonomia (F3) das três famílias.

¹⁰ Por ainda não haver normas para essa versão do IPSF-ID a análise foi realizada a partir do somatório das respostas “sim”. Quanto maior a pontuação, maior é o suporte familiar percebido. Neste estudo as três idosas participantes marcaram respostas “sim” para todos os 24 itens. Essa análise seguiu as orientações do autor do instrumento por se tratar de uma pesquisa qualitativa.

Quadro 23 – Descrição dos resultados do IPSF – fator F1, F2, F3.

Família	Participante	Fator 1 Afetivo-consistente	Fator 2 Adaptação	Fator 3 Autonomia	Geral
Suassuna	Salete	Alto	Alto	Alto	Alto
	Simone	Alto	Alto	Médio-alto	Alto
	Sara	Médio-baixo	Alto	Médio-baixo	Alto
Drummond	Dolores	Alto	Alto	Alto	Alto
	Dávila	Alto	Médio-baixo	Alto	Alto
	Diana	Médio-alto	Médio-baixo	Médio-baixo	Médio-baixo
Lispector	Liliana	Alto	Alto	Alto	Alto
	Laísa	Médio-alto	Baixo	Médio-baixo	Médio-baixo
	Liam	Alto	Alto	Médio-alto	Médio-alto

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os resultados demonstraram que na família Suassuna, de modo geral, o suporte familiar foi percebido como alto em todas as dimensões. Especificamente, a terceira geração teve uma pontuação médio-baixa em dois fatores e, por meio de uma avaliação qualitativa, as respostas de Sara trouxeram em alguns momentos dificuldades na consistência das regras familiares.

A família Drummond apresentou índice geral alto nas duas primeiras gerações e, em contrapartida, um resultado geral médio-baixo por parte da terceira geração. No fator adaptação, o inventário de Dávila trouxe, na opção “às vezes”, a existência de sentimentos e comportamentos negativos, como irritação, falta de compreensão, competição, culpa e brigas. Nas respostas da terceira geração, houve uma pontuação médio-baixa geral, com ênfase no fator 2 e 3. Na opção “às vezes” a adolescente apontou a existência de problemas emocionais familiares, brigas, falta de compreensão, competitividade e sentimento de exclusão na sua família, além de pouca autonomia para desempenhar suas atividades e expressar-se, queixando-se de pouca liberdade.

Os índices gerais da família Lispector mostraram uma oscilação que vai do alto até o médio-baixo. A segunda geração apresentou algumas dificuldades de adaptação e autonomia, Laísa expôs em suas respostas, na opção “quase sempre ou sempre” a presença de brigas,

sentimento de estranheza e vergonha com relação à sua família, bem como na opção “às vezes” apresentou a existência de raiva, culpa, falta de compreensão, familiares interesseiros e competitividade. No fator autonomia Laísa marcou na opção “às vezes” referentes à falta de privacidade, liberdade e poder de decisão.

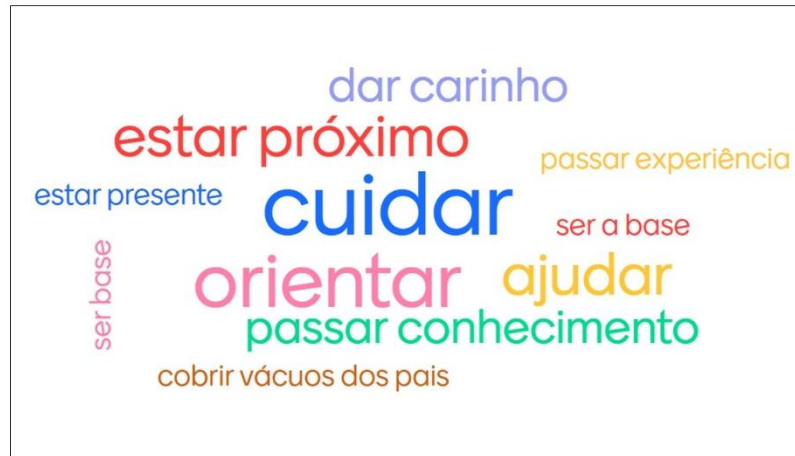
5.2.5. Legados familiares: papéis e expectativas

Nesta categoria foram trazidas as expectativas de obrigações filiais e parentais relacionadas aos papéis familiares desempenhados pelos participantes. As perguntas direcionadas às gerações foram baseadas na “dimensão normativa” do modelo SIF. Segundo Bengtson e Oyama (2007), para melhor compreender a solidariedade intergeracional é necessário considerar as expectativas e obrigações em relação ao envelhecimento e às gerações descendentes. Nas respostas das gerações foi possível identificar a presença de “normas de sucessão gerossocial” (que se referem ao fornecimento, pelas gerações mais velhas, de recursos e suporte emocional e financeiro para as gerações mais jovens) e de “normas sobre geriatria e dependências” (que estão ligadas às expectativas de que ocorra o cuidado familiar com os membros idosos).

Os acordos entre gerações envolvem regras e normas que estão presentes nos níveis micro e macrossocial, ou seja, não dizem respeito apenas às características de uma família e seus membros, mas também o contexto sociocultural no qual eles estão inseridos, bem como as representações sociais quanto aos papéis familiares, as relações de gênero, a velhice e a juventude.

Para uma melhor compreensão geral das representações sociais desses papéis, foi perguntado aos participantes como eles percebiam os papéis de avós, de pais, de filhos e de netos no âmbito familiar. As respostas dos participantes foram transformadas em nuvens de palavras para cada papel familiar, onde os termos ou frases mais frequentes se posicionaram ao centro em tamanho maior, ou seja, quanto maior e central a palavra mais ela foi mencionada pelas gerações.

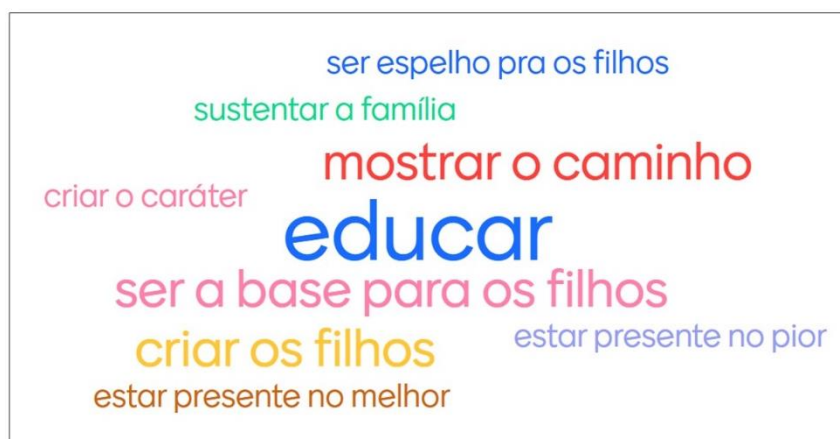
Figura 7 – Nuvem de palavras com as respostas sobre o papel dos avós.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora através do aplicativo *Mentimeter*.

A Figura 7 apresenta a nuvem de palavras referente ao tema “Papel dos avós”. Por meio da representação gráfica, nota-se que as palavras “cuidar” e “orientar” destacaram-se mais que as outras. Esses resultados corroboram a literatura ao apontar que os avós são vistos como as pessoas que cuidam, orientam e estão próximas das gerações mais jovens (DIAS, 2022b; RAMOS, 2017; SCREMIN *et al.*, 2019).

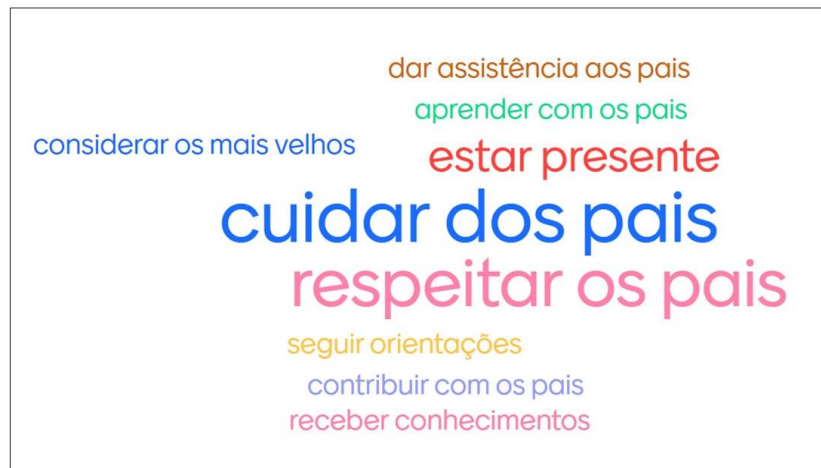
Figura 8 – Nuvem de palavras com as respostas sobre o papel dos pais.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora através do aplicativo *Mentimeter*.

Na Figura 8 são apresentadas as palavras referentes à percepção do “Papel dos filhos”. O termo em destaque nas respostas foi “educar”. As gerações apontaram que os pais têm uma função de ser a base para seus filhos, ser uma figura de referência e estar presente nas situações boas e ruins. Isso está de acordo com os estudos sobre parentalidade de Lins *et al.* (2015), Marcarini *et al.* (2010) e Wagner, Tronco e Armani (2001).

Figura 9 – Nuvem de palavras com as respostas sobre o papel dos filhos.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora através do aplicativo *Mentimeter*.

No aspecto “Papel dos filhos” a Figura 9 expõe o cuidar e respeitar os pais como funções centrais dos filhos. Essa perspectiva dos participantes reflete as expectativas sociais relacionadas às obrigações filiais e isso vai diferenciar de acordo com as mudanças e transições do ciclo vital do indivíduo e da família, bem como das relações de gênero, aspectos culturais e situação socioeconômica de pais e filhos.

Figura 10 – Nuvem de palavras com as respostas sobre o papel dos netos.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora através do aplicativo *Mentimeter*.

Por fim, a Figura 10 trouxe a obediência aos mais velhos como ponto central do papel dos netos. Outros aspectos foram relatados como: dar carinho, amor, cuidar, respeitar e fazer

companhia aos avós. Tais resultados apontam os diversos tipos de relacionamentos estabelecidos entre avós e netos presentes na literatura (DIAS, 2022a).

No roteiro de entrevista, na pergunta *“Você sente que sua família tem alguma expectativa de que você exerça algum papel?”*, todas as idosas trouxeram o aspecto do cuidado como algo central nas expectativas direcionadas a elas, conforme mostram os relatos a seguir:

“Tem assim uma expectativa de como se eu tivesse que sempre abrir mão das coisas para estar ali para os outros, me preocupando, olhando e cuidando” (Salete, 74 anos).

“Sim. Expectativa que eu cuide, veja as coisas de casa e resolva os problemas” (Dolores, 72 anos).

“Tem sim. De cuidar né, de acolher o meu filho e meus netos” (Liliana, 73 anos).

Mais uma vez surge aqui a questão do cuidar das gerações mais jovens como aspecto central nas expectativas percebidas por essas idosas, ou seja, a presença de normas de sucessão gerossocial (BENGTSON; OYAMA, 2007). Além disso, pode-se considerar que a frequente presença dessa função de cuidar sofre as influências, em nível macrossocial, relacionadas aos papéis de gênero na sociedade.

De forma inversa, na pergunta *“Você tem alguma expectativa de que alguém da sua família exerça algum papel?”*, mais uma vez as participantes relataram expectativas com o fator cuidado:

“A expectativa que tenho com eles é que eles vivam, façam o que goste e que mais pra frente se eu precisar eu possa contar com eles, como eu cuidei da minha mãe até a morte. Faz parte” (Salete, 74 anos).

“Acho que a gente cuida e espera ser cuidado também né” (Dolores, 72 anos).

“Eu penso assim, que quando a gente vai ficando mais velho é preciso os filhos cuidarem né. E como pra mim todos eles são meus filhos [filho, nora e netos] eu acho que todos têm que cuidar se eu precisar” (Liliana, 73 anos).

Nesses relatos nota-se a presença das “normas sobre geriatria e dependência” apontadas por Bengtson e Oyama (2007), bem como características da “lei da reciprocidade” descritas por Boszormenyi-Nagy e Spark (2017). As idosas apresentaram suas expectativas de receber cuidados das gerações mais jovens em momentos de necessidade, o que caracteriza um desejo

de alimentar uma dinâmica familiar com trocas familiares mais equilibradas. Em adição, no âmbito das lealdades, há os valores e mitos da herança familiar transmitidos por essas gerações mais velhas. Por exemplo, na fala de Salete como identifica-se um aspecto transgeracional no cenário do cuidado na sua história familiar. A idosa realizou os cuidados da sua mãe até o seu último dia de vida, há mais ou menos dois anos, e isso aponta uma das expectativas da “lealdade vertical”, a partir do momento que há um cuidado direcionado aos mais jovens, vão se construindo débitos que alimentam os compromissos de lealdade entre as gerações (BOSZORMENYI-NAGY; SPARK, 2017).

Na segunda geração, Simone e Laísa apontaram que percebem expectativas com relação a elas, no que se refere ao cuidado com a mãe idosa e ao apoio emocional para as outras gerações:

“Às vezes sim. De um comando maior das coisas em casa, de cuidar mais da minha mãe que tá idosa” (Simone, 44 anos).

“Não sinto, só o papel de mãe mesmo” (Dávila, 47 anos).

“Sim sinto. A expectativa de ser o suporte emocional. De ser a pessoa com quem as outras da casa podem contar para cuidar” (Laísa, 50 anos).

Essa geração, principalmente no contexto de um lar multigeracional, desempenha muitas vezes um papel de cuidado duplo (como visto na categoria 1), no qual se localizam entre demandas simultâneas das outras gerações (pais idosos e filhos dependentes). E, mais uma vez, aparece aqui um aspecto das “normas sobre geriatria e dependência” e das “lealdades verticais”, especificamente na fala de Simone, a mesma mulher que presenciou a sua mãe, Salete, cuidar da mãe idosa na fase da velhice. Segundo Boszormenyi-Nagy e Spark (2017), o envelhecimento traz mudanças que interferem no contexto da lealdade familiar e, por consequência, exige uma busca por um novo equilíbrio das obrigações relacionadas a essa lealdade.

Com relação a ter expectativas para com as outras gerações, todas afirmaram que sim, Simone e Laísa direcionaram seus anseios para seus filhos, enquanto Dávila direcionou para sua mãe idosa:

“Sim. Com minhas filhas. Que elas procurem seus objetivos e que cuidem também da gente, os pais né, quando a gente precisar” (Simone, 44 anos).

“Sim. Com a minha mãe. Desde o divórcio foi muito difícil pra mim segurar sozinha no começo e ela cumpre esse papel de pai junto comigo, a gente divide” (Dávila, 47 anos).

“Tenho expectativas com meus filhos, que eles andem com os pés deles. Não por mim, mas por eles mesmos. Eu já tô pendurando a minha chuteira. Já trabalhei muito” (Laísa, 50 anos).

O fator transgeracional do cuidado na família Suassuna aparece novamente no discurso de Simone, ou seja, os filhos possuem uma dívida de lealdade para com seus pais e as outras gerações anteriores (BOSZORMENYI-NAGY; SPARK, 2017). No relato de Dávila nota-se que a situação de divórcio e distanciamento do genitor dos seus filhos provocou uma troca e divisão de papéis dentro do sistema parental. A literatura aponta para situações nas quais os avós assumem e exercem papéis parentais, principalmente quando os netos são crianças ou adolescentes (CUNHA, 2017; DIAS, 2022a).

A terceira geração sente a presença de expectativas com relação ao seu futuro acadêmico e profissional:

“Sim. Expectativa de ter um bom futuro profissional” (Sara, 20 anos).

“Sim. Em relação aos estudos. De ter uma carreira pela frente” (Diana, 15 anos).

“Tem sim. De estudar muito e exercer uma profissão, mas não tem pressão nisso” (Liam, 16 anos).

Estudos abordam cada vez mais as influências da família nas escolhas e desempenho profissional das gerações mais jovens (BOFF; LIMA, 2020; WAINBERG; WAINBERG, 2011). Essas expectativas de estudar e/ou trabalhar, presentes tanto nos relatos das mães Simone e Laísa quanto nos discursos dos jovens da terceira geração, consistem na maneira de preparação para um futuro, de acordo com as características econômicas, sociais e culturais das famílias (ROSSET, 2009).

Na pergunta seguinte, referente às expectativas criadas por eles, são trazidas questões do recebimento de cuidados e desenvolvimento profissional do irmão:

“Eu acho assim que se eu precisar de alguém acho que nessa parte todos daqui de casa me ajudam” (Sara, 20 anos).

“Só com minha mãe e minha avó, de cuidar de mim quando eu preciso” (Diana, 15 anos).

“Tenho. Eu sempre espero que meu irmão consiga crescer na vida profissional dele” (Liam, 16 anos).

A expectativa de receber cuidados e apoio em momentos de necessidade aparece presente nas falas de Sara e Diana, esse tipo de expectativa também foi encontrado na formação dos diagramas de escolta dessas jovens (categoria 4), onde sinalizaram receber apoio das avós maternas. Estudos mostraram que mesmo que os netos adolescentes muitas vezes discordem da experiência e conhecimentos dos avós, estes continuam a desempenhar um papel de ajuda na confirmação das identidades dos netos (BERNAL; ANUNCIBAY, 2008), bem como na prestação de cuidados (CUNHA; DIAS, 2019).

Neste cenário, foi questionado às gerações se eles percebiam estar desempenhando algum papel de outra pessoa da família, a maioria expressou que não, enquanto três participantes identificaram que sim, conforme mostra o Quadro 24.

Quadro 24 – Percepção do exercício de papel de outra pessoa da família

Participante	<i>Você se sente fazendo o papel de outra pessoa da família?</i>	<i>Quem?</i>
Salete	Sim	<i>“De pai, de mãe, de tudo”</i>
Simone	Não	-
Sara	Não	-
Dolores	Sim	<i>“Mãe dos meus netos”</i>
Dávila	Sim	<i>“De pai dos meus filhos”</i>
Diana	Não	-
Liliana	Não	-
Láisa	Não	-
Liam	Não	-

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No Quadro 24 ressaltam-se três pontos: (1) a percepção da idosa Salete quanto ao seu exercício de vários papéis no contexto familiar, ela acrescentou que “*me sinto como um esteio¹¹ para todo mundo aqui*”; (2) o relato da idosa Dolores de que se sente exercendo o papel de mãe com seus netos; e (3) a percepção de Dávila de ter assumido o papel de pai com seus filhos desde o seu divórcio há quatro anos. Como descrito por Antonucci e Akiyama (1987), os aspectos funcionais entre os membros de um comboio social podem mudar de acordo com situações de transição no ciclo vital das famílias.

Diante da separação/divórcio da segunda geração, segundo Dias (2022c), o posicionamento dos avós vai depender de alguns fatores: (1) como foi o relacionamento anterior dos filhos, genros e noras, bem como com os netos; (2) como ocorreu o processo de separação; (3) estado de saúde e condições financeiras desses avós; (4) com quem está a custódia da terceira geração; (5) facilidade de acesso e proximidade com os netos, entre outros aspectos.

Neste cenário, Scremin *et al.* (2019) afirmaram que, ao passo em que os pais e avós compartilham os papéis parentais e procuram dar suporte uns aos outros nas decisões referente a terceira geração, pode-se inferir que se estabelece uma relação de coparentalidade. Entretanto, esse compartilhamento de papéis também pode ser compreendido como fruto de sobrecarga e de conflito entre a primeira e segunda gerações (CUNHA; DIAS, 2019; SCREMIN *et al.*, 2019).

No tocante à sobrecarga no âmbito familiar, todos os participantes identificaram que há uma ou mais pessoas que se sentem sobrecarregadas com o exercício de algum papel familiar, conforme é apresentado no Quadro 25. Eles trouxeram a questão da sobrecarga ligada ao fornecimento de cuidados, desempenho de outros papéis familiares, excesso de preocupação, resolução de problemas do lar e atividades domésticas.

Neste aspecto, Laísa trouxe um relato com ênfase na sobrecarga e descreveu situações do cotidiano familiar:

“Às vezes eu queria que meus filhos já seguissem para a vida deles, para eu ficar com menos responsabilidade, porque se eu sair para algum lugar eu tenho que ter responsabilidade de deixar a comida pronta, aí às vezes me sufoca, aí você não é livre assim. Não sei se é porque eles são homens, talvez se eu tivesse uma filha menina e dividisse comigo, não sei. Se alguém for sair para o médico, para faculdade, aí já tenho que separar a roupa, deixar tudo passada, não sei se é por que eu acostumei mal. Também tem a alimentação da minha sogra que é diferente, aí eu que ajeito, ainda mais agora que meu sogro morreu e ela tá se sentindo mais só. Tudo isso é um peso para mim” (Laísa, 50 anos).

¹¹ Sentido figurado: aquele(a) que fornece amparo ou proteção; o que ajuda, auxilia ou protege.

Quadro 25 – Percepção de sobrecarga na família

Participante	<i>Você sente que alguém da sua casa está sobrecarregado?</i>	<i>Quem?</i>
Salete	Sim	<i>“Às vezes eu me sinto sobrecarregada, por tanta coisa pra resolver de casa e minha preocupação com eles”.</i>
Simone	Sim	<i>“Minha filha mais velha, por ela ajudar muito. Mas ela compreende que ela por ser a mais velha precisa dar esse suporte, assim como eu fiz também, eu sou mais velha que meu irmão. Então, às vezes, a gente precisa dar mais, ainda mais por ter o papel de mulher”.</i>
Sara	Sim	<i>“Minha avó. Ela tenta acolher o máximo de tudo, cuidar de todos”.</i>
Dolores	Sim	<i>“Eu me sinto sobrecarregada às vezes, mas no geral me sinto feliz”.</i>
Dávila	Sim	<i>“Eu me sinto sobrecarregada. E sinto que minha mãe também. Depois do divórcio sinto que minha mãe se sente sobrecarregada por dividir comigo essa função com meus filhos, por que ela é muito parceira mesmo. Acho que ela sendo uma mulher aposentada, tranquila, já criou os filhos, não teria que ter mais essa missão, no entanto ela abraçou a causa”.</i>
Diana	Sim	<i>“Eu com relação aos estudos e minha mãe, porque tipo qualquer coisa que eu e meu irmão faça, e que minha avó ache errado, aí sobra pra minha mãe e aí tem muito esse conflito entre ela e vovó”.</i>
Liliana	Sim	<i>“Sinto sobrecarregada, porque tem as coisas da casa e a preocupação que eu tenho com todos eles, toda hora. Minha nora também tá sobrecarregada, são muitas coisas pra ela fazer, tanto na cabeça, quanto nos afazeres de casa”.</i>
Laísa	Sim	<i>“Eu me sinto muito sobrecarregada”.</i>
Liam	Sim	<i>“Minha mãe. É muito trabalho em casa”.</i>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O relato de Laísa revela dois pontos a serem observados: (1) a sobrecarga da geração sanduíche devido ao cumprimento de demandas e expectativas das duas outras gerações; (2) a influência direta dos papéis de gênero que acarreta a sobrecarga da mulher na realização dos afazeres domésticos e nas atividades de cuidado familiar. Nestas situações podemos considerar

as influências dos aspectos normativos das relações e lealdades familiares que, por sua vez, estão inseridas em uma teia complexa de influências diretas e indiretas de normas e representações a nível macrossocial, como características culturais, históricas e sociais.

Considerações finais



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caráter qualitativo desta tese, fundamentado nas teorias do modelo SIF, das lealdades invisíveis e do modelo do comboio social, possibilitou a compreensão da solidariedade intergeracional familiar nos lares multigeracionais, após a recoabitação. Por meio dos relatos dos participantes foi possível tecer algumas considerações:

- Identificou-se que as idosas indicaram sentimentos positivos com relação à proximidade e à companhia decorrente da intensificação da convivência intergeracional devido à recoabitação. Essa satisfação com os membros do comboio social forma uma “película” protetora, principalmente relacionada às vivências de momentos de adoecimento, luto e perda, como ocorreu nas três famílias.
- Na perspectiva da transmissão transgeracional foi observado que as gerações mais novas das famílias foram impactadas por diversos valores e significados transmitidos por meio do histórico das gerações que a antecederam (situações, memórias e crenças tradicionais).
- Na segunda geração, evidenciaram-se sentimentos ambivalentes com relação às vivências compartilhadas na família. Foram citados a falta de privacidade, estresse, rebeldia, hostilidade e ciúme como fatores que despertam sentimentos negativos nos relacionamentos com as outras gerações. Por outro lado, as participantes trouxeram situações em que se sentem acolhidas e cuidadas pela primeira geração, principalmente quando se trata de suporte financeiro e ajuda no cuidado com a terceira geração formada por crianças, adolescentes e jovens. A presença desses sentimentos ambivalentes enfatizou os aspectos contraditórios e paradoxais comuns da vida familiar.
- Foi possível notar a forte presença de características mediadoras e de suporte (instrumental e emocional) da “geração sanduíche” nessas famílias multigeracionais.
- Por parte da terceira geração, a convivência das três gerações em um lar foi compreendida como uma fonte de troca de conhecimentos e experiências. Foi trazido o sentimento de gratidão atrelado ao reconhecimento por todo cuidado, investimento e transmissão intergeracional recebidos desde muito cedo da parte das outras gerações.
- Os participantes perceberam as diferenças geracionais como uma dificuldade de convivência que surge na rotina familiar.
- Todos os participantes inseriram na sua rede de apoio social os familiares com quem residem nos lares multigeracionais. Entretanto, houve diferenças na percepção da proximidade e das trocas de suporte social.

- Um fator a ser destacado foi a ênfase dada aos encontros entre as gerações nos momentos das refeições, principalmente na hora do jantar. Mesmo com as mudanças sociais e culturais da atualidade, observou-se que essa reunião na hora das refeições proporcionava sentimentos de acolhimento e proximidade.
- Em linhas gerais, as percepções dos participantes acerca da proximidade entre os membros dessas famílias foram semelhantes. Os entrevistados trouxeram as características principais das interações entre as gerações, bem como avaliaram uma maior proximidade devido a mudanças recentes provocadas pela pandemia da COVID-19 e/ou a morte recente de um membro da família.
- Foi percebido que, de fato, a coresidência deixa os relacionamentos entre gerações mais predispostos a tensões e conflitos. Foram citados como fatores de conflitos geracionais: a arrumação da casa, os relacionamentos amorosos dos netos, as interferências das avós na educação da terceira geração, divergências geracionais e diferentes crenças religiosas.
- As tensões relatadas se direcionaram mais à díade avós-netos, devido à maior distância em termos de tempos sociais vividos, por consequência, mais diferenças quanto a crenças e valores.
- Nesses contextos familiares notou-se que, nas relações entre as gerações, coexistiam a presença de conflitos e situações que envolviam solidariedade, confirmando a afirmação de que não há uma relação de exclusão entre solidariedade e conflito.
- Ainda no fator conflito, identificou-se que, entre as gerações, houve a utilização de estratégias em comum como: estabelecimento de diálogo, busca por respeito, exposição das opiniões e busca por ponderação. Entretanto, em algumas ocasiões houve reações agressivas e exageradas no aspecto da “expressão de opiniões”, o que alimentava ainda mais a situação conflituosa entre elas.
- Diante de outros conflitos que surgiram associados ao panorama decorrente da pandemia da COVID-19 notou-se como as mudanças socioculturais afetam os relacionamentos familiares.
- A primeira e a segunda gerações trouxeram o “cuidado familiar” como aspecto central no cenário do suporte que elas fornecem. Ficou evidente a presença das atribuições tradicionais do papel feminino, como a pessoa que está no lugar de fornecer um amor incondicional e de cuidar do lar e dos outros membros da família.
- Em geral, as famílias apresentaram uma boa percepção do suporte familiar entre as gerações. Destacou-se a necessidade de analisar as trocas de apoio funcional e/ou emocional para além

das interações do presente, buscando compreender também os marcadores históricos das experiências vivenciadas nesses relacionamentos ao longo do tempo.

- Os acordos intergeracionais envolveram regras e normas atuantes nos níveis micro e macrossocial, não se relacionando apenas as características de uma família e seus membros, mas também o contexto sociocultural, assim como as representações sociais dos papéis familiares, relações de gênero e as fases do ciclo vital.
- Foram evidentes a presença de normas relacionadas as lealdades familiares, as quais alimentam as expectativas de obrigações filiais e parentais sob o exercício dos papéis nestes arranjos familiares, principalmente no que se refere a cuidar e receber cuidados das gerações mais jovens.
- Enquanto que as expectativas direcionadas à primeira e segunda gerações foram em relação ao cuidado familiar, na terceira geração houve a presença de expectativas que envolviam o desempenho acadêmico e profissional desses adolescentes e jovens.
- Identificou-se que, apesar de situações de discordâncias de pensamentos entre netos adolescentes e suas avós, houve a percepção da importância do papel dos avós na transmissão de conhecimentos, na sensação de acolhimento e segurança familiar e na construção de aspectos da identidade desses jovens.
- As avós desse estudo, muitas vezes, assumiram posturas concernentes aos papéis parentais.
- Todos os entrevistados identificaram a presença de um ou mais membro familiar que se sente sobrecarregado com o exercício de algum papel. Perceberam o fator sobrecarga ligado ao fornecimento de cuidados, desempenho de outros papéis familiares, excesso de preocupação, resolução de problemas do lar e atividades domésticas.

Por meio dessas considerações, compreende-se que, apesar das mudanças socioculturais, as relações intergeracionais no contexto familiar mostraram-se sólidas. A família permanece com a função de suporte social dos seus membros, principalmente em momentos de crise e mudanças familiares (divórcio, adoecimento, morte e luto).

Neste contexto, muitas vezes, os sintomas individuais são sinais evidentes da complexidade que uma família vivencia devido às mudanças e redefinições de papéis e funções necessárias em momentos de transição de fases ou situações de crise. Neste cenário, algumas famílias possuirão recursos mais desenvolvidos para lidar com esses períodos críticos, em contrapartida outras irão experienciar cada transformação como um fator ameaçador possuindo problemas para enfrentar. No âmbito da Psicologia Clínica, é preciso identificar em que fase a família se encontra, quais as mudanças que estão ocorrendo e quais estratégias os membros das

gerações vêm utilizando. Na perspectiva sistêmica, todos os relacionamentos familiares são influenciados pelo aspecto da lealdade e pela consideração às tramas e mandatos multigeracionais.

A partir dessas análises assinala-se que a identidade de um indivíduo não pode ser analisada de forma separada da sua relação com os outros, com isso tanto o processo de autonomia quanto o de individuação acontecem por meio dos relacionamentos. Foi visto neste estudo que o alicerce para todas as relações, familiares ou não, consiste nos fatores da equidade e reciprocidade, constituindo o aspecto ético nos relacionamentos entre as gerações.

Como peculiaridades deste estudo, considera-se o quantitativo de famílias, sendo apenas um participante do gênero masculino, bem como o contexto regional dessas famílias. Com isso, sugere-se a continuidade e ampliação dos estudos sobre a temática da solidariedade intergeracional nos lares multigeracionais, considerando um número maior de participantes, com maior representatividade em termos de gênero em todas as gerações. Sugere-se também estudos com famílias multigeracionais residentes nas capitais ou região metropolitana, o que possibilitaria identificar especificidades de dinâmicas familiares ligadas a contextos diferentes.

No cenário dos diversos compromissos relatados pelos membros das famílias multigeracionais desta pesquisa e percebendo os fatos do aumento da longevidade, do crescente convívio das gerações em uma família e a existência de uma menor quantidade de membros de cada geração questionamos: Como podemos pensar e desenvolver modelos de atenção e cuidado direcionados às demandas dessas gerações nestes lares? Quais são as possibilidades dentro das práticas psicoterapêuticas para estimular, ao longo do tempo, a reciprocidade e a solidariedade intergeracional familiar? Qual o papel da Psicologia Clínica na orientação para o planejamento ao longo da vida, especificamente para a preparação nas vivências da velhice? É necessário o reconhecimento de que o cuidado com os membros familiares, independente da faixa etária e do gênero, consiste em um objetivo multigeracional da família e da sociedade. Esses desafios propostos aqui em formato de reflexão precisam compor os planejamentos das práticas de profissionais da saúde, estimulando um senso de reponsabilidade intergeracional em prol de relações familiares e sociais mais saudáveis para todas as gerações.

Considera-se que esta tese contribuiu no sentido de fomentar reflexões acerca das características da solidariedade entre as gerações nas famílias multigeracionais diante da recoabitação, onde foi possível notar o desenvolvimento de alianças e redes de apoio entre avós idosos, pais adultos e netos. Dessa forma, espera-se que este estudo possa orientar práticas e intervenções na área da saúde, especialmente na Psicologia Clínica e na Psicogerontologia, direcionadas às famílias e às gerações.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, P. C. Grandparents in multigenerational households: the case of Portugal. **European Journal of Ageing**, v. 8, p. 189–198, 2011.
- ALVIM, K.C.B.L.; ROCHA, F.S.; CHARIGLIONE, I.P.F.S. O idoso e o uso da tecnologia – uma revisão sistemática da literatura. **Revista Kairós - Gerontologia**, v. 20, n. 4, p. 295-313, 2017.
- ANTONUCCI, T. C.; AKIYAMA, H. Social networks in adult life and a preliminar examination of the convoy model. **Journal of Gerontology**, v. 42, n. 5, p. 519–27, 1987.
- ANTONUCCI, T. C.; BIRDITT, K. S.; AJROUCH, K. Convoys of social relations: Past, present, and future. In: FINGERMAN, K. L.; BERG, C. A.; SMITH, J.; ANTONUCCI T. C. (Eds.). **Handbook of life-span development**. Springer Publishing Company, 2011. p. 161–182.
- ANTONUCCI, T. C.; BIRDITT, K. S.; SHERMAN, C. W.; TRINH, S. Stability and change in the intergenerational family: a convoy approach. **Ageing and Society**, v. 31, p 1084-1106, 2011.
- AQUINO, R. R.; BAPTISTA, M. N.; SOUZA, M. S. Relação entre percepções de suporte familiar e vulnerabilidade ao estresse no trabalho. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 3, n. 2, jul./dez., p. 30-38, 2011.
- BAPTISTA, M. N. **Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF)**. v. 1. São Paulo: Vetor, 2009.
- BAPTISTA, M. N. **Inventário de Percepção do Suporte Familiar para Idosos (IPSF-ID)**. 2013. (Inventário disponibilizado pelo autor à pesquisadora). Universidade São Francisco.
- BAPTISTA, M. N.; SOARES, T. F. P.; GRENDENE, F. Evidências de Validade de Construto do Inventário de Percepção de Suporte Familiar para Idosos – IPSF-ID. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 21, n. 2, p. 113-134, 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. 279p.
- BENGTSON, V. L.; ALLEN, K. R. The Life Course Perspective Applied to Families Over Time. In: BOSS, P.; DOHERTY, W. J.; LAROSSA, R.; SCHUMM, W. R.; STEINMETZ, S. K. **Sourcebook of Family Theories and Methods**. Boston: Springer, 1993.
- BENGTSON, V. L.; GIARRUSSO, R.; MABRY, J.; SILVERSTEIN, M. Solidarity, conflict, and ambivalence: complementary or competing perspectives on intergenerational relationships? **Journal of Marriage and Family**, v. 64, n. 1, p. 568-576, 2002.
- BENGTSON, V. L.; OYAMA, P. S. Intergenerational Solidarity: Strengthening Economic and Social Ties. **Expert Group Meeting**, United Nations Headquarters, out. 2007.
- BENGTSON, V. L.; ROBERTS, R. E. L. Intergenerational solidarity in aging families: An example of formal theory construction. **Journal of Marriage and Family**, v. 53, n. 4, p. 856-870, 1991.

BERNAL, J. C.; ANUNCIBAY, R. Relevancia psico-socio-educativa de las relaciones generacionales abuelo-nieto. **Revista Española de Pedagogia**, n. 239, p. 103-118, 2008.

BOFF, D.; LIMA, A. O. O papel da profissionalização e da família na aquisição de autonomia e identidade em jovens adultos. In: LIMA, A. O.; ANDRADE, T. A.; CUNHA, U. C. (Orgs.). **Juventudes: pesquisas e campos de atuação**. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 151-167.

BOSZORMENYI-NAGY, I.; SPARK, G. M. **Lealtades invisibles: reciprocidad en terapia familiar intergeracional**. Buenos Aires: Amorrortu, 2017. 450 p.

BRITTO DA MOTTA, A. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 225-250, maio/ago., 2010.

BRITTO DA MOTTA, A. Espaço doméstico e gerações: disputas veladas e renúncias ambíguas. **Anais...** do XI Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste. Aracaju, Universidade Federal de Sergipe, 2003.

BRITTO DA MOTTA, A. Famílias de Centenários no Brasil: Gênero e Relações de Família. In: PAREDES, M.; MONTEIRO, L. **Desde la niñez a la vejez: Luchas, resistencias y actores emergentes**. ALAS, 2019. p. 299-323.

CAMARANO, A. A. Os dependentes da renda dos idosos e o coronavírus: órfãos ou novos pobres? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 4169-4176, 2020.

CAMARANO, A. A.; EL GHOURI, S. K.; Família com idosos: ninhos vazios? **Texto para discussão**, n. 950, Instituto de Pesquisas Econômicas, Rio de Janeiro, 2003.

CUNHA, U. C. **Idosas que chefiam lares multigeracionais: escolha ou falta de opção?** 2017. 65 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2017.

CUNHA, U. C.; MORAES, M. L. A.; DIAS, C. M. S. B. Lares multigeracionais e juventudes: relacionamentos e transmissões entre as gerações. In: LIMA, A. O.; ANDRADE, T. A.; CUNHA, U. C. (Orgs.). **Juventudes: pesquisas e campos de atuação**. Curitiba: Editora CRV, 2020, p.185-195.

CUNHA, U.; DIAS, C. M. S. B. A recoabitação dos filhos e netos na perspectiva de idosas chefes de família. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo (RS), v. 12, n. 2, p. 599-616, maio/ago. 2019.

DE JESUS, J. C.; WAJNMAN, S. Geração sanduíche no Brasil: realidade ou mito? **Revista Latinoamericana de Población**, v. 10, n. 18, p. 43-61, 2016.

DIAS, C. M. S. B. Avós diante da separação/divórcio e do recasamento dos filhos. In: DIAS, C. M. S. B. (Org.). **Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2022c. p. 143-157.

DIAS, C. M. S. B. Mapeando o relacionamento avós e netos. In: DIAS, C. M. S. B. (Org.). **Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2022a. p. 25-37.

DIAS, C. M. S. B. Percepções e sentimentos dos avós no papel. In: DIAS, C. M. S. B. (Org.). **Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2022b. p. 61-76.

DIAS, C. M. S. B.; ATAÍDE, E. R.; MAGALHÃES, K. A.; ALBUQUERQUE, N. C. C. As relações entre as gerações nas famílias chefiadas por idosos. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 79-94.

DIAS, C. M. S. B.; HORA, F. F. A.; AGUIAR, A. G. S. Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 12, n. 2, p. 188-199, 2010.

DUCOMMUN-NAGY, C. A teoria contextual. In: ELKAIM, M. (Org.). **Panorama das terapias familiares**. São Paulo: Summus, 1998. p. 101-118.

FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: Wagner, A. (Coord.). **Como se perpetua a família? a transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 25-46.

FERRIGNO, J. C. **Coeducação entre gerações**. São Paulo: Editora Vozes, 2010.

FULLER, H. R.; AJROUCH, K. J.; ANTONUCCI, T. C. The Convoy Model and Later-Life Family Relationships. **Journal of Family Theory & Review**, v. 12, n. 2, p. 126-146, 2020.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 200p.

GONZÁLEZ-OÑATE, C.; FANJUL-PEYRÓ, C.; CABEZUELO-LORENZO, F. Uso, consumo y conocimiento de las nuevas tecnologías en personas mayores en Francia, Reino Unido y España. **Revista Científica de Educomunicación**, n. 45, v. XXIII, 2015.

GOVERNO Federal lança o Refeição em Família, voltado para fortalecer vínculos afetivos e reduzir o uso de álcool e outras drogas. **Governo do Brasil**, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2021/10/governo-federal-lanca-o-refeicao-em-familia-voltado-para-fortalecer-vinculos-afetivos-e-reduzir-o-uso-de-alcool-e-outras-drogas#:~:text=Foi%20a%20partir%20dessas%20premissas,da%20Secretaria%20Nacional%20da%20Fam%C3%ADlia>. Acesso em: 10 jan. 2022.

HAN, W.; WHETUNG, T.; MAO, X. One roof, three generations: grandparental co-residence and child outcomes in China. **Family Process**, v. 10, n. 10, p. 01-17, 2019.

IBGE. **Censo 2010**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 dez. 2021

IBGE. **Escada – Pernambuco**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/escada/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 20 dez. 2021.

IBGE. **Orobó – Pernambuco**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/orobo/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 20 dez. 2021.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC)**. Microdados da amostra. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=27258&t=resultados>. Acesso em: 10 dez. 2020.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2020.

KAHN, R. L.; ANTONUCCI, T. C. Comboys over the Life Course: Attachment, Roles, and Social Support. In: BALTES, P. B.; GRIM, O. G. (eds.). **Life Span Development and Behavior**. v. 3. New York: Academic Press, 1980, p. 253-286.

LEME, V. B. R.; FALCÃO, A. O.; BRAZ, A. C.; COIMBRA, S.; FERNANDES, L. M. Solidariedade intergeracional familiar nas pesquisas brasileiras: revisão integrativa da literatura. **Revista da SPAGESP**, v. 17, n. 2, p. 37-52, 2016.

LINS DE BARROS, M. Transmissão de valores na família e conflitos intergeracionais: experiências femininas. **Cadernos Adenauer**, v. 14, n. 3, p. 125-143, 2013.

LINS, Z. M. B.; SALOMÃO, N. M. R.; LINS, S. L. B.; FÉRES-CARNEIRO, T.; EBERHARDT, A. C. O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos. **Revista da SPAGESP**, v. 16, n. 1, p. 43-59, 2015.

LOPES, J. F. **Relações intergeracionais: um estudo sobre as interações entre os avós e seus netos jovens**. 2021. 152 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG, 2021.

MACARINI, S.; MARTINS, G.; MINETTO, M.; VIEIRA, M. Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 62, n. 1, p.119-134, 2010.

MACHADO, I. K.; BECKER, D.; CAMPOS, D. M.; WELTER, G. W.; LISBOA, C. S. M. Repercussões do cenário contemporâneo no ato de compartilhar refeições em família. **Psicologia Argumento**, v. 32, n. 76, 2017.

MANNHEIM, K. El problema de las generaciones. Tradução de Ignacio Sánchez de la Yncera. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, n. 62, p. 193-242, 1993.

MILLER, D. A. The “sandwich” generation: adult children of the aging. **Social Work**, v. 26, n. 5, p. 419-423, 1981.

MINAYO, M. C. O. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINUCHIN, S. **Famílias funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MONTORO-GURICH, C.; GARCIA-VIVAR, C. The family in Europe: structure, intergenerational solidarity, and new challenges to family health. **Journal of Family Nursing**, v. 25, n. 2, p. 170–189, 2019.

MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P. Envolvimento de avós maternos e paternos nos cuidados e na educação de netos de idade escolar. In: MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P.; DIAS, C. M. S. B. (Orgs.). **A voz dos avós: família e sociedade**. v. 4. Curitiba: CRV, 2017. p. 111-131.

PAULA COUTO, M. C. P.; KOLLER, S. H.; NOVO, R.; SANCHEZ-SOARES, P. Adaptação e utilização de uma medida de avaliação da rede de apoio social - diagrama da escolta - para idosos brasileiros. **Universitas Psychologica**, v. 7, n. 2, p. 493-505, 2008.

PAULA COUTO, M. C. P.; MARQUES, S. Atitudes em relação ao envelhecimento: vamos falar sobre o idadismo? In: FALCÃO, D. V. S.; ARAÚJO, L. F.; PEDROSO, J. S. (Orgs.). **Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2016. p. 17-32.

PEIXOTO, C. H.; LUZ, G. M. De uma morada a outra: processo de re-coabitação entre as gerações. **Cadernos Pagu**, n. 29, p. 171-191, 2007.

PILKAUSKAS, N. V.; CROSS C. Beyond the nuclear family: trends in children living in shared households. **Demography**, v. 55, n. 6, p. 2283–2297, 2018.

PRISMA. **Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses** (PRISMA) website. 2020. Disponível em: <http://www.prisma-statement.org/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

RAMOS, N. Família, solidariedade e relações intergeracionais e de gênero: avós e netos na contemporaneidade. In: MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P.; RAMOS, M. N. (Orgs.). **Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea**. v. 5. Curitiba: Editora CRV, 2017, p. 227-247.

RAMOS, N. Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 191-225, jan./mar, 2015.

ROSSET, S. M. Famílias com adolescentes. In: OSORIO, L. C.; VALLE, M. E. P. **Manual de terapia familiar**. v. 1. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 263-272.

SÁ AZEREDO, Z. A.; AFONSO, M. A. N. Solidão na perspectiva do idoso. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 313-324, 2016.

SANTOS, P. L.; BAZON, M. R.; CARVALHO, A. M. P. Family Adaptability and Cohesion Evaluation Sacale IV (FACES IV) – adaptação brasileira. **Revista Avaliação Psicológica**, v. 16, n. 2, p. 120-127, 2017.

SCHWARTS, Y.; AYALON, L. The experiences of older mothers following the return of an adult child home. **Journal of Aging Studies**, v. 33, p. 47–57, 2015.

SCREMIN, A. L.; CAMPEOL, A. R.; FREITAS, A. P. M.; TEIXEIRA, K. S.; PEREIRA, C. R. R. Avós que coabitam e compartilham as tarefas parentais. **Psicologia Argumento**, v. 37, n. 97, p. 312-330, 2019.

SILVA, D. M.; VILELA, A. B. A.; NERY, A. A.; DUARTE, A. C. S.; ALVES, M. R.; MEIRA, S. S. Dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica de idosos residentes no Município de Jequié (Bahia), Brasil. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 7, p. 2183-2191, 2015.

SILVEIRA, T. S. **O apoio social para a qualidade de vida da pessoa idosa**. 2020. 46 f. Dissertação (Mestrado em Temas de Psicologia) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, 2020.

SOUZA, J. J.; SALES, M. B. Tecnologias da Informação e Comunicação, smartphonese usuários idosos: uma revisão integrativa à luz das Teorias Sociológicas do Envelhecimento. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 19, n. 4, p. 131-154, 2016.

TAKAGI, E.; SILVERSTEIN, M. Purchasing piety? Coresidence of married children with their older parents in Japan. **Demography**, v. 48, p. 1559–1579, 2011.

TEIXEIRA, S. M. O.; SOUZA, L. E. C.; MAIA, L. M. Ageísmo institucionalizado: uma revisão teórica. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 21, n. 3, p. 129-149, 2018.

TRIADÓ, C.; VILLAR, F.; SOLÉ, C.; OSUNA, M.J.; CELDRÁN, M. Percepciones cruzadas entre abuelos y nietos en una muestra de díadas: una aproximación cualitativa: una aproximación cualitativa. **Revista Española de Geriatria y Gerontología**, v. 41, n. 2, p. 100-110, 2006.

WAGNER, A.; TRONCO, C.; ARMANI, A. B. Os desafios da família contemporânea. In: p.19-35. WAGNER, A. **Desafios psicossociais da família contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 19-35.

WAINBERG, A. K.; WAINBERG, T. K. Família e orientação profissional. In: OSORIO, L. C.; VALLE, M. E. P. **Manual de terapia familiar**. v. 2. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 51-57.

WESTPHAL, V. H. Diferentes matizes da ideia de solidariedade. **Revista Katálysis**, v. 11, n. 1, p. 43-52, jan./jun., 2008.

ZANATTA, E.; ARPINI, D. M. Conhecendo a imagem, o papel e a relação avó-neto: a perspectiva de avós maternas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 17, p. 1, p. 343-363, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A
QUESTIONÁRIO BIOSOCIODEMOGRÁFICO

1. Idade:
2. Sexo:
3. Prática Religiosa:
4. Escolaridade:
5. Profissão/Ocupação:
6. Renda:
7. Quanto você gasta com as despesas da casa?
8. Estado civil:
9. Número de filhos, sexo e idade:
10. Número de netos, sexo e idade:
11. Estado de saúde:
12. Reside com:
13. Tempo de convivência em lar multigeracional:

APÊNDICE B
ROTEIRO DE ENTREVISTA

PERGUNTAS

- 1) Como é o seu dia a dia?
- 2) Qual foi o motivo que fez com que você morasse em um lar multigeracional?
- 3) Como foi a adaptação?
- 4) Como você se sente morando em um lar multigeracional?
- 5) Quem estabelece as normas da casa?
- 6) Quais os sentimentos que permeiam o seu relacionamento com as outras gerações da casa?
- 7) Quais conselhos você daria para alguém da sua idade que mora em um lar multigeracional?
- 8) Vocês realizam alguma atividade/ação juntos? Se sim, quais. Se não, por quê?
- 9) Qual a frequência em que vocês trocam experiências e ideias? (3 gerações)
- 10) Você tem vontade de se aproximar mais de alguém da sua casa?
- 11) Você sente falta de um tempo mais reservado para você?
- 12) Você sente que suas ideias são diferentes das do seu filho e seu neto? Quais as diferenças?
- 13) Como você reage quando alguém da sua casa faz/fala algo que você discorda?
- 14) Você fornece alguma ajuda/suporte a alguém da sua casa? Ajuda financeira? Apoio emocional? Conselhos? Cuidados em saúde?
- 15) Você sente que sua família tem expectativas quanto a você? Se sim, quais?
- 16) Você sente fazendo o papel de outra pessoa da família?
- 17) Você se sente sobrecarregado com as expectativas de alguém da sua casa?
- 18) Você tem alguma expectativa sobre alguém da sua família? (cuidado, financeira)
- 19) Você sente que alguém da sua casa se sente sobrecarregado?
- 20) Qual é o papel de um avô/avó? De um filho(a)? E de um neto(a)?

APÊNDICE C
LISTA DE SENTIMENTOS

ABANDONO
AFLIÇÃO
ALEGRIA
AMOR
APATIA
AVERSÃO
CALMA
CHATEAÇÃO
CIÚME
COMPAIXÃO
CONFIANÇA
CULPA
DESCONFIANÇA
DESCONFORTO
EMPATIA
FRUSTRAÇÃO
GRATIDÃO
HOSTILIDADE
INSEGURANÇA
IRRITAÇÃO
MEDO
RAIVA
RANCOR
SATISFAÇÃO
SEGURANÇA
TÉDIO
TRISTEZA

APÊNDICE D

MODELO DE ESCOLTA DE APOIO SOCIAL

Nome: _____

“Pense nas pessoas que são importantes para sua vida”

CIRCULO 1: *“as pessoas que você se sente tão próxima que seria difícil imaginar a vida sem elas”.*

CIRCULO 2: *“as pessoas que você não sente tão próxima, mas que são importantes para você”*

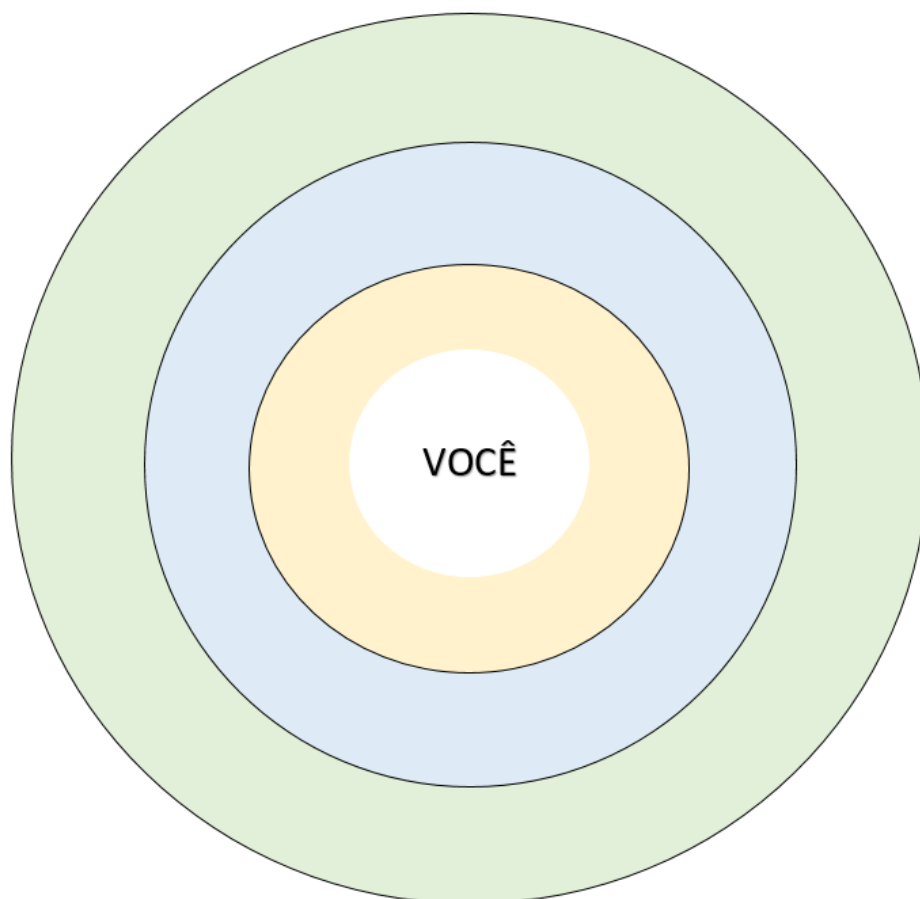
CIRCULO 3: *“as pessoas que você ainda não mencionou, mas de quem você se sente próximo e crê que são importantes para você”*

<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Sexo</i>	<i>Círculo</i>	<i>Tipo de relação</i>	<i>Tempo de conhecimento</i>	<i>Frequência de contato</i>	<i>Proximidade</i>

Olhar para o diagrama e indicar as pessoas que você (fornece e recebe):

TIPO DE SUPORTE	DE QUEM RECEBE?	A QUEM FORNECE?
Confidenciar coisas importantes		
Ser tranquilizado e estimulado em momentos de incerteza		
Ser respeitado		
Ser cuidado em situação de adversidades como doença e conflitos nas relações afetivas		
Conversar quando está triste, nervoso ou deprimido		
Conversar sobre a própria saúde e intimidades		

APÊNDICE D – (continuação)
MODELO DE ESCOLTA DE APOIO SOCIAL



APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Solidariedade intergeracional familiar após a recoabitação”. Nesta pesquisa entendemos lares multigeracionais como lares onde convivem três ou mais gerações, a partir da recoabitação por parte dos filhos.
2. Você foi selecionado através do método intencional e sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).
5. Os objetivos deste estudo são: compreender a solidariedade intergeracional familiar nos lares multigeracionais, após a recoabitação; e os objetivos específicos: 1. Caracterizar os sentimentos e avaliações expressos pelas gerações no que diz respeito aos seus relacionamentos; 2. Identificar a proximidade, frequência e características das interações entre as gerações; 3. Identificar fatores de conflitos e as estratégias utilizadas para lidar com eles; 4. Analisar a percepção das gerações acerca do suporte e apoio familiar fornecido e recebido entre elas; 5. Averiguar as expectativas de obrigações filiais e parentais relacionadas aos papéis familiares.
6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a um roteiro de perguntas de uma entrevista sobre a referida temática.
7. Salientamos ainda que não pretendemos, através de sua participação, causar nenhuma espécie de dano ou perda, seja ela pessoal ou profissional, podendo interromper sua participação a qualquer momento sem nenhum prejuízo.
8. Os benefícios relacionados com a sua participação são propiciar a compreensão acerca dessa organização familiar, contribuindo para as famílias e os profissionais que lidam com essa temática.
9. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
10. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Dessa forma, todos nomes serão substituídos por nomes fictícios e nenhum endereço residencial será exposto.
11. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome: Cristina Maria de Souza Brito Dias

Assinatura

Endereço: Universidade Católica de Pernambuco, Rua Almeida Cunha, 245, Santo Amaro, Bloco G4, 7º andar.

Telefone: 2119-4369

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na Rua do Príncipe, 526 – Boa Vista – bloco G4 – 6º andar, sala 609 – CEP 50050-900 - RECIFE – PE – BRASIL. Telefone: (81) 2119-4041 ou 2119-4376 – endereço eletrônico: cep@unicap.br - Horário de funcionamento: 8h às 12h e das 13h às 17h - Segunda a sexta-feira.

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

Vitória de Santo Antão, _____ de _____ de _____

Assinatura do Participante da Pesquisa

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA - CONEP
SRTV 702, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte
CEP: 70719-000 - Brasília-DF

APÊNDICE F

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

- Você está sendo convidado para participar da pesquisa Solidariedade intergeracional familiar após a recoabitação. Seus pais permitiram que você participe.
- Nessa pesquisa queremos compreender a solidariedade intergeracional familiar nos lares multigeracionais, após a recoabitação. E como objetivos específicos buscamos: 1. Caracterizar os sentimentos e avaliações expressos pelas gerações no que diz respeito aos seus relacionamentos; 2. Identificar a proximidade, frequência e características das interações entre as gerações; 3. Identificar fatores de conflitos e as estratégias utilizadas para lidar com eles; 4. Analisar a percepção das gerações acerca do suporte e apoio familiar fornecido e recebido entre elas; 5. Averiguar as expectativas de obrigações filiais e parentais relacionadas aos papéis familiares.
- As crianças/adolescentes que irão participar desta pesquisa têm de idade a partir dos 11 anos.
- Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.
- A pesquisa será feita nas residências, onde as crianças irão responder a uma entrevista e realizar algumas atividades com papel, caneta e cola. O uso desses materiais é considerado seguro. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelo telefone 2119-4369 da pesquisadora.
- A sua participação vai trazer benefícios para a compreensão sobre as famílias que convivem com três gerações.
- Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.
- Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi os telefones na parte de cima deste texto.

ASSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa Solidariedade intergeracional familiar após a recoabitação.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Vitória de Santo Antão/PE, ____ de _____ de _____.

Assinatura do menor

Assinatura do(a) pesquisador(a)

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

Universidade Católica De Pernambuco - UNICAP

Rua Do Príncipe, 526 – Boa Vista – Bloco G4 – 6º Andar, Sala 609

CEP 50050-900 – Recife/PE – BRASIL

Telefone: (81)2119-4041 ou 2119-4376

Endereço Eletrônico: cep_unicap@unicap.br

Horário de funcionamento: 8h às 12h e das 13h às 17h

Segunda a sexta-feira

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA - CONEP
SRTV 702, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte
CEP: 70719-000 - Brasília-DF

ANEXO



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO - UNICAP/PE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SOLIDARIEDADE INTERGERACIONAL FAMILIAR APÓS A RECOABITAÇÃO

Pesquisador: Cristina Maria de Souza Brito Dias

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 24377219.1.0000.5206

Instituição Proponente: Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP/PE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

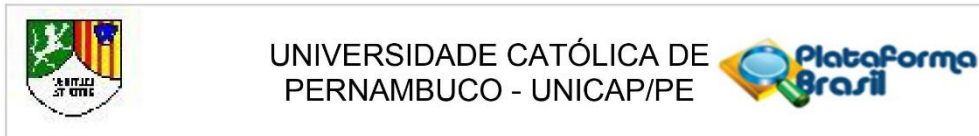
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.735.528

Apresentação do Projeto:

O envelhecimento populacional vem gerando mudanças perceptíveis na estrutura e na dinâmica das famílias, como o crescimento na proporção de domicílios com três ou mais gerações convivendo, denominado pela literatura como lares multigeracionais (CAMARANO; EL GHAOURI, 2003; CUNHA; DIAS, 2019; SILVA et al., 2015). Além disso, os indicadores sociais apresentam um aumento de idosos que são as pessoas de referência das residências, bem como uma maior participação do rendimento deste grupo etário no orçamento geral da família (IBGE, 2013). A coabitação com os progenitores consiste em um prolongamento ou o retorno da convivência familiar entre pais e filhos adultos (IBGE, 2016). Esses jovens estão permanecendo mais tempo dependentes financeiramente dos seus pais devido a instabilidades do mercado de trabalho, maior necessidade de aperfeiçoamento profissional, dependência emocional e relações afetivas instáveis (CAMARANO; EL GHAOURI, 2003; IBGE, 2016). Neste cenário dos lares multigeracionais, existe o fenômeno da recoabitação, pelo qual ocorre um afastamento físico entre as gerações, mas que, por algum motivo, voltam a morar juntas (ATTIAS-DONFUT, 1995 apud PEIXOTO; LUZ, 2007). Esse retorno dos filhos à casa dos pais não é algo recente, mas nota-se um aumento deste comportamento, tanto na população de baixo poder aquisitivo quanto nas camadas médias (PEIXOTO; LUZ, 2007). No estudo de Cunha (2017), com idosas que chefiam lares multigeracionais, foi possível verificar que esse tipo de arranjo familiar

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609
Bairro: Boa Vista **CEP:** 50.050-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br



Continuação do Parecer: 3.735.528

muitas vezes reflete as preferências das pessoas idosas, por estarem mais próximas e acompanhando o dia a dia dos seus filhos e netos. No entanto, em outros casos foi percebido que essa situação gerou ansiedade e revolta nas avós devido ao aumento das responsabilidades e atividades domésticas, sendo considerada como uma falta de opção, já que, na perspectiva de algumas idosas, a mãe deve sempre acolher os filhos, ainda mais numa situação de crise.

Na pesquisa realizada com quinze famílias que possuíam três gerações morando juntas e chefiadas por idosos, Dias et al. (2011) identificaram alguns sentimentos experimentados pelos participantes. Os avós apresentaram uma oscilação que ia da alegria até o mal-estar por estarem nessa situação. As filhas e a nora entrevistadas admitiram que essa convivência contribuiu para o acréscimo de valores e cultura. No entanto, também alegaram sentir cansaço e preocupação ao ter que satisfazer às necessidades de cada membro da família. Os relatos das participantes revelaram passar por situações estressoras que geram ansiedade em ambas as gerações.

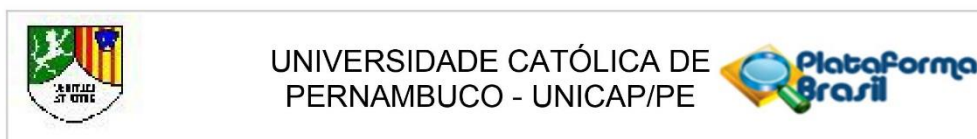
Neste contexto, o relacionamento intergeracional pode ser compreendido como os vínculos que são estabelecidos entre dois ou mais indivíduos de idades diferentes, ocasionando a troca de experiências. Essas relações no âmbito dos lares multigeracionais são um aspecto importante a ser considerado pelos profissionais da área da saúde, devido ao cuidado para com as pessoas idosas e seus familiares. Assim, a compreensão dessas relações familiares serve para subsidiar estes profissionais a terem uma abordagem assistencial mais ampliada do processo do envelhecimento, considerando o contexto familiar intergeracional e, exigindo, assim, uma nova visão acerca da dimensionalidade destas relações para uma atuação mais coerente com a realidade (SILVA et al., 2015).

Objetivo da Pesquisa:

Compreender a solidariedade intergeracional familiar no contexto da recoabitação entre pais idosos e filhos adultos;

- 1- Caracterizar os motivos e significados da recoabitação percebidos por ambas as gerações.
- 2- Identificar as mudanças e adaptações ocorridas após a recoabitação.
- 3- Perceber as trocas e suporte fornecidos entre essas gerações.
- 4- Identificar fatores de conflitos e as estratégias utilizadas para lidar com eles.
- 5- Apontar as expectativas de obrigações filiais e parentais relacionadas ao cuidado ou concordância de ideais/valores.
- 6- Analisar os sentimentos e avaliações expressas por ambas as gerações no que diz respeito ao seu relacionamento.
- 7- Discutir os fatores presentes na dinâmica relacional que influenciam a solidariedade

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609
Bairro: Boa Vista **CEP:** 50.050-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br



Continuação do Parecer: 3.735.528

intergeracional familiar.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos foram bem avaliados, assim como, os benefícios, como se pode verificar a seguir:

Apesar de que não se pretenda ocasionar riscos físicos ou psicológicos aos participantes, é possível encontrar resistência à colaboração por parte de alguns entrevistados potenciais, no que serão respeitados. Existe a possibilidade de que, diante de questões específicas, o participante possa se sentir desconfortável ou inibido; assim, a pesquisadora irá procurar tranquilizar o participante apresentando a importância da sua participação no referido estudo, explicando os objetivos da pesquisa e assegurando o sigilo das informações fornecidas, bem como sobre a não identificação dos mesmos. Caso haja necessidade, a pesquisadora irá assegurar o apoio psicológico através da Clínica de Psicologia da Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão (FAINTVISA).

Quanto aos benefícios decorrentes da pesquisa, vislumbramos dois principais:

- Científico: contribuição com a literatura na área do envelhecimento e sobre famílias multigeracionais, através da elaboração da tese de doutorado e de artigos provenientes da mesma.
- Social: os resultados da pesquisa poderão favorecer os familiares que vivem em lares multigeracionais em condições semelhantes à investigada no sentido de ajudá-los a melhor lidarem com os sentimentos e conflitos presentes nesse tipo de convivência. Os dados obtidos podem contribuir com o trabalho de profissionais de diversas áreas (psicólogos, enfermeiros, pedagogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais e outros) interessados em organizar projetos de promoção à saúde e os que lidam com essa organização familiar em contextos diversos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de qualidade e de grande utilidade no âmbito científico e social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória foram adequadamente apresentados.

Recomendações:

Nada a recomendar

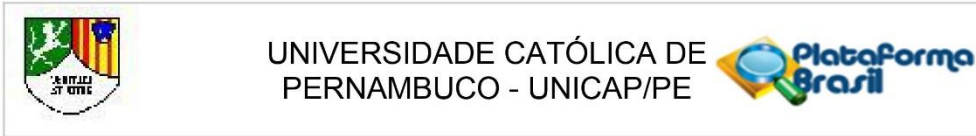
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nenhuma pendência.

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP acompanha o parecer do relator e lembra à necessidade do envio do RELATÓRIO FINAL da

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609
Bairro: Boa Vista **CEP:** 50.050-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br



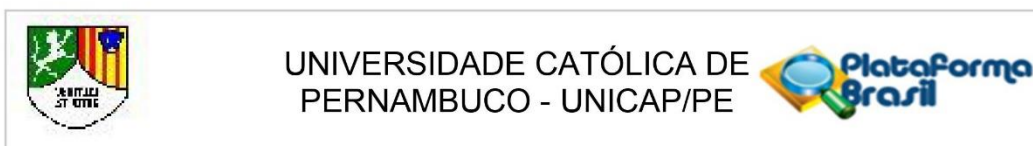
Continuação do Parecer: 3.735.528

pesquisa em cumprimento das determinações contidas na RESOLUÇÃO Nº 466 CNS, de 12/12/2012 como orienta o Manual intitulado: "ENVIAR NOTIFICAÇÃO", disponibilizado na Central de Suporte da Plataforma Brasil <http://plataformabrasil.saude.gov.br/visao/publico/indexPublico.jsf>

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1457830.pdf	29/10/2019 01:53:25		Aceito
Outros	Parecerbanca.pdf	29/10/2019 01:52:34	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	CurriculoUbiracelmaCarneiro.pdf	29/10/2019 01:50:33	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	CurriculoCristinaBritoDias.pdf	29/10/2019 01:50:03	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto1.pdf	24/10/2019 18:59:38	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	01questionario.docx	24/10/2019 18:54:36	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	01Roteirodasentrevistas.docx	24/10/2019 18:51:54	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Outros	01Termodecompromisso.pdf	23/10/2019 10:45:53	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Orçamento	01Orcamento.docx	23/10/2019 10:43:38	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	01CartaMarisa.pdf	23/10/2019 10:40:39	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Declaração de Pesquisadores	01CartaanuenciaUbiracelma.pdf	23/10/2019 10:39:52	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Declaração de Pesquisadores	01CartaanuenciaCristina.pdf	23/10/2019 10:39:20	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	01TCLE.docx	22/10/2019 20:00:28	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Cronograma	01Cronograma.docx	22/10/2019 19:58:53	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	01ProjetoFinalUbiracelma.docx	22/10/2019 19:57:46	Cristina Maria de Souza Brito Dias	Aceito

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609
Bairro: Boa Vista **CEP:** 50.050-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br



Continuação do Parecer: 3.735.528

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 29 de Novembro de 2019

Assinado por:

**Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo
(Coordenador(a))**

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609
Bairro: Boa Vista **CEP:** 50.050-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br